

Moedas ibero-fenícias

Alfabeto Fenício

Sabe-se que foram os fenícios da Costa Fenícia (actuais Líbano-Síria-Palestina) que inventaram o nosso actual alfabeto (atribuição dum signo gráfico a cada fonema). Até então as escritas eram hieroglíficas, idiográficas ou silabáricas (conjuntos de fonemas). Isto passou-se no séc. Xº a.C. na cidade fenícia de Biblos. A escrita fenícia, de que há várias versões segundo as épocas e os locais, é muito anterior às escritas latina e grega.

A escrita que encontramos com abundância, em lajes, no Alentejo e à qual se atribui a classificação de «Escrita ibérica», não é outra que a escrita fenícia (com variantes). Constitui um património inestimável, único no mundo. Merecia a qualidade de Património Imaterial da Humanidade, quando se encontra ao abandono ou menosprezado.

Moedas fenícias

Há alguma variedade nas moedas ibéricas legendadas na escrita fenícia. As que vamos referir têm esta particularidade: numa face apresentam um símbolo de poder ou de conquista (efígie, cavaleiro, etc.); na outra, apresentam uma figura invulgar ou estranha para uma moeda: cara com o queixo arrancado, um cabrito saltitante, osga ou lagartixa em frente duma cara, uma mulher com três ganchos no cabelo, uma balança, etc. Ora, descobre-se que a inscrição, lida num sentido, descreve essa figura, legendeia a figura; lida no outro sentido, indica o valor da moeda ou desenvolve considerações de ordem económica e moral. Para ser lida nos dois sentidos recorreu-se, quando necessário, a pequenas deformações de algumas letras, de modo que «tanto pode ser uma letra como outra». Devem, portanto, ser lidas sucessivamente. É como se se atribuisse à moeda uma função pedagógica, um método para aprender a ler...

Para se compreender este trabalho é necessário conhecer a dinâmica e o uso da língua fenícia que constam, por exemplo, na Introdução do *Dicionário Fenício-Português*, do autor.

Nota: Estas moedas foram originariamente reproduzidas na *MEDITERRÃNEO - Revista de Estudos Pluridisciplinares Sobre as Sociedades Mediterrânicas*, do Instituto Mediterrânico da Universidade Nova de Lisboa, nºs 1 e 8/9 (1992).

Nome da letra	Valor fonético	Norte-Semítico	Fenício Antigo	Fenício Moderno	Neo-Púnico
aleph	ʾ	𐤀	𐤁	𐤂	𐤃
beth	b	𐤄	𐤅	𐤆	𐤇
gimel	g	𐤈	𐤉	𐤊	𐤋
daleth	d	𐤌	𐤍	𐤎	𐤏
he	h	𐤐	𐤑	𐤒	𐤓
waw	w	𐤔	𐤕	𐤖	𐤗
zain	z	𐤘	𐤙	𐤚	𐤛
heth	h	𐤜	𐤝	𐤞	𐤟
teth	t	𐤠	𐤡	𐤢	𐤣
yod	y(i)	𐤤	𐤥	𐤦	𐤧
kaph	k	𐤨	𐤩	𐤪	𐤫
lamed	l	𐤬	𐤭	𐤮	𐤯
mem	m	𐤰	𐤱	𐤲	𐤳
nun	n	𐤴	𐤵	𐤶	𐤷
samek	s	𐤸	𐤹	𐤺	𐤻
ʾain	ʾ	𐤼	𐤽	𐤾	𐤿
pe	p(ph)	𐥀	𐥁	𐥂	𐥃
ṣade	ṣ	𐥄	𐥅	𐥆	𐥇
qoph	q	𐥈	𐥉	𐥊	𐥋
reš	r	𐥌	𐥍	𐥎	𐥏
šin	sh-s	𐥐	𐥑	𐥒	𐥓
taw	t	𐥔	𐥕	𐥖	𐥗

	Gezer	Monumental	Cursivo	Manus- crito.	Escrita em cunha	Samaritano	Hebraico moderno	Valor fonético
1	𐤀	𐤀𐤀𐤀	𐤀𐤀𐤀	𐤀𐤀𐤀	𐤀𐤀𐤀	𐤀𐤀𐤀	א	a
2	𐤁	𐤁𐤁𐤁	𐤁𐤁𐤁	𐤁𐤁𐤁	𐤁𐤁𐤁	𐤁𐤁𐤁	ב	b
3		𐤂𐤂𐤂	𐤂𐤂𐤂		𐤂𐤂𐤂	𐤂𐤂𐤂	ג	g
4	𐤃	𐤃𐤃𐤃	𐤃𐤃𐤃	𐤃𐤃𐤃	𐤃𐤃𐤃	𐤃𐤃𐤃	ד	d
5		𐤄𐤄𐤄	𐤄𐤄𐤄	𐤄𐤄	𐤄𐤄𐤄	𐤄𐤄𐤄	ה	b
6	𐤅	𐤅𐤅𐤅	𐤅𐤅𐤅	𐤅𐤅𐤅	𐤅𐤅𐤅	𐤅𐤅𐤅	ו	w
7	𐤆	𐤆𐤆𐤆	𐤆𐤆𐤆	𐤆𐤆	𐤆𐤆𐤆	𐤆𐤆𐤆	ז	z
8	𐤇	𐤇𐤇𐤇	𐤇𐤇𐤇	𐤇	𐤇𐤇𐤇	𐤇𐤇𐤇	ח	b
9		𐤈𐤈𐤈	𐤈𐤈𐤈		𐤈	𐤈𐤈𐤈	ט	t
10	𐤉	𐤉𐤉𐤉	𐤉𐤉𐤉	𐤉𐤉𐤉	𐤉𐤉𐤉	𐤉𐤉𐤉	י	y
11	𐤊	𐤊𐤊𐤊	𐤊𐤊𐤊	𐤊𐤊	𐤊𐤊𐤊	𐤊𐤊𐤊	כ	k
12	𐤋	𐤋𐤋𐤋	𐤋𐤋𐤋	𐤋𐤋𐤋	𐤋𐤋𐤋	𐤋𐤋𐤋	ל	l
13	𐤌	𐤌𐤌𐤌	𐤌𐤌𐤌	𐤌𐤌	𐤌𐤌𐤌	𐤌𐤌𐤌	מ	m
14		𐤍𐤍𐤍	𐤍𐤍𐤍	𐤍𐤍𐤍	𐤍𐤍𐤍	𐤍𐤍𐤍	נ	n
15	𐤎	𐤎𐤎𐤎	𐤎𐤎𐤎		𐤎𐤎	𐤎𐤎𐤎	ס	s
16	𐤏	𐤏𐤏𐤏	𐤏𐤏𐤏	𐤏	𐤏𐤏𐤏	𐤏𐤏𐤏	ע	c
17	𐤐	𐤐𐤐𐤐	𐤐𐤐𐤐	𐤐	𐤐	𐤐𐤐𐤐	פ	p
18	𐤑	𐤑𐤑𐤑	𐤑𐤑𐤑	𐤑	𐤑𐤑𐤑	𐤑𐤑𐤑	צ	s
19	𐤒	𐤒𐤒𐤒	𐤒𐤒𐤒	𐤒	𐤒𐤒𐤒	𐤒𐤒𐤒	ק	q
20	𐤓	𐤓𐤓𐤓	𐤓𐤓𐤓	𐤓	𐤓𐤓𐤓	𐤓𐤓𐤓	ר	r
21	𐤔	𐤔𐤔𐤔	𐤔𐤔𐤔	𐤔𐤔	𐤔𐤔𐤔	𐤔𐤔𐤔	ש	sb
22	𐤕	𐤕𐤕𐤕	𐤕𐤕𐤕	𐤕𐤕	𐤕𐤕𐤕	𐤕𐤕𐤕	ת	t

	Hebraico Quadrado (Monumental)	Estilos Medievos Formais	Estilos Rabinicos	Estilos Cursivos	Contem- poraneo.
1	א א	א א א	א א א	א א א	Cursivo Impresso א א א
2	ב ב	ב ב ב	ב ב ב	ב ב ב	ב ב ב
3	ג ג	ג ג ג	ג ג ג	ג ג ג	ג ג ג
4	ד ד	ד ד ד	ד ד ד	ד ד ד	ד ד ד
5	ה ה	ה ה ה	ה ה ה	ה ה ה	ה ה ה
6	ו ו	ו ו ו	ו ו ו	ו ו ו	ו ו ו
7	ז ז	ז ז ז	ז ז ז	ז ז ז	ז ז ז
8	ח ח	ח ח ח	ח ח ח	ח ח ח	ח ח ח
9	ט ט	ט ט ט	ט ט ט	ט ט ט	ט ט ט
10	י י	י י י	י י י	י י י	י י י
11	כ כ	כ כ כ	כ כ כ	כ כ כ	כ כ כ
12	ל ל	ל ל ל	ל ל ל	ל ל ל	ל ל ל
13	מ מ	מ מ מ	מ מ מ	מ מ מ	מ מ מ
14	נ נ	נ נ נ	נ נ נ	נ נ נ	נ נ נ
15	ס ס	ס ס ס	ס ס ס	ס ס ס	ס ס ס
16	ע ע	ע ע ע	ע ע ע	ע ע ע	ע ע ע
17	פ פ	פ פ פ	פ פ פ	פ פ פ	פ פ פ
18	צ צ	צ צ צ	צ צ צ	צ צ צ	צ צ צ
19	ק ק	ק ק ק	ק ק ק	ק ק ק	ק ק ק
20	ר ר	ר ר ר	ר ר ר	ר ר ר	ר ר ר
21	ש ש	ש ש ש	ש ש ש	ש ש ש	ש ש ש
22	ת ת	ת ת ת	ת ת ת	ת ת ת	ת ת ת

Alfabetos Arcaicos da Grécia — entre os Sécs. VIII e VII a.C.					
Atenas	Thera	Creta	Naxos	Corcira	Beócia
Α Α Α	Α Α Α	Α Α Α	Α Α Α	Α Α Α	Α Α Α
Β Β Β	Β Β Β	Β Β Β	Β Β Β	Β Β Β	Β Β Β
Γ Γ Γ	Γ Γ Γ	Γ Γ Γ	Γ Γ Γ	Γ Γ Γ	Γ Γ Γ
Δ Δ Δ	Δ Δ Δ	Δ Δ Δ	Δ Δ Δ	Δ Δ Δ	Δ Δ Δ
Ε Ε Ε	Ε Ε Ε	Ε Ε Ε	Ε Ε Ε	Ε Ε Ε	Ε Ε Ε
Ζ Ζ Ζ	Ζ Ζ Ζ	Ζ Ζ Ζ	Ζ Ζ Ζ	Ζ Ζ Ζ	Ζ Ζ Ζ
Η Η Η	Η Η Η	Η Η Η	Η Η Η	Η Η Η	Η Η Η
Θ Θ Θ	Θ Θ Θ	Θ Θ Θ	Θ Θ Θ	Θ Θ Θ	Θ Θ Θ
Κ Κ Κ	Κ Κ Κ	Κ Κ Κ	Κ Κ Κ	Κ Κ Κ	Κ Κ Κ
Λ Λ Λ	Λ Λ Λ	Λ Λ Λ	Λ Λ Λ	Λ Λ Λ	Λ Λ Λ
Μ Μ Μ	Μ Μ Μ	Μ Μ Μ	Μ Μ Μ	Μ Μ Μ	Μ Μ Μ
Ν Ν Ν	Ν Ν Ν	Ν Ν Ν	Ν Ν Ν	Ν Ν Ν	Ν Ν Ν
Ξ Ξ Ξ	Ξ Ξ Ξ	Ξ Ξ Ξ	Ξ Ξ Ξ	Ξ Ξ Ξ	Ξ Ξ Ξ
Ο Ο Ο	Ο Ο Ο	Ο Ο Ο	Ο Ο Ο	Ο Ο Ο	Ο Ο Ο
Π Π Π	Π Π Π	Π Π Π	Π Π Π	Π Π Π	Π Π Π
Ρ Ρ Ρ	Ρ Ρ Ρ	Ρ Ρ Ρ	Ρ Ρ Ρ	Ρ Ρ Ρ	Ρ Ρ Ρ
Σ Σ Σ	Σ Σ Σ	Σ Σ Σ	Σ Σ Σ	Σ Σ Σ	Σ Σ Σ
Τ Τ Τ	Τ Τ Τ	Τ Τ Τ	Τ Τ Τ	Τ Τ Τ	Τ Τ Τ
Υ Υ Υ	Υ Υ Υ	Υ Υ Υ	Υ Υ Υ	Υ Υ Υ	Υ Υ Υ
Φ Φ Φ	Φ Φ Φ	Φ Φ Φ	Φ Φ Φ	Φ Φ Φ	Φ Φ Φ

4

Valor fonético	Aramaico Antigo			Palmireno	Nabateu
	Séc. VIII a.C.	Séc. VI a.C.	Séc IV a.C.		
'	𐤀	𐤀	𐤀	𐤀	𐤀 𐤁 𐤂
b	𐤁	𐤂	𐤂	𐤂	𐤂 𐤃
g	𐤂	𐤃	𐤃	𐤃	𐤃
d	𐤃	𐤄	𐤄	𐤄	𐤄
h	𐤄	𐤅	𐤅	𐤅	𐤅 𐤆
w	𐤅	𐤆	𐤆	𐤆	𐤆 𐤇
z	𐤆	𐤇	𐤇	𐤇	𐤇
h	𐤇	𐤈	𐤈	𐤈	𐤈 𐤉
t	𐤈	𐤉	𐤉	𐤉	𐤉
y	𐤉	𐤊	𐤊	𐤊	𐤊 𐤋
k	𐤊	𐤋	𐤋	𐤋	𐤋 𐤌
l	𐤋	𐤌	𐤌	𐤌	𐤌 𐤍
m	𐤌	𐤍	𐤍	𐤍	𐤍 𐤎
n	𐤍	𐤎	𐤎	𐤎	𐤎 𐤏
s	𐤎	𐤏	𐤏	𐤏	𐤏 𐤐
'	𐤏	𐤐	𐤐	𐤐	𐤐 𐤑
p	𐤐	𐤑	𐤑	𐤑	𐤑 𐤒
s	𐤑	𐤒	𐤒	𐤒	𐤒 𐤓
q	𐤒	𐤓	𐤓	𐤓	𐤓 𐤔
r	𐤓	𐤔	𐤔	𐤔	𐤔 𐤕
š(śh)	𐤔	𐤕	𐤕	𐤕	𐤕 𐤖
t	𐤕	𐤖	𐤖	𐤖	𐤖 𐤗

5

Lettre	Valeur	Nom
Ⲁ	,	aleph
ⲁ	b	beth
Ⲃ	g	gimel
Ⲅ	d	daleth
Ⲇ	h	hé
Ⲉ	w	waw
Ⲋ	z	zain
Ⲍ	ḥ	het
Ⲏ	t	têt
Ⲑ	y	yod
Ⲓ	k	kaph
Ⲕ	l	lamed
Ⲗ	m	mêm
Ⲙ	n	nun
Ⲛ	s ś	samek
Ⲝ	‘	ain
Ⲟ	p	pé
Ⲡ	s	sadé
Ⲣ	q	qoph
Ⲥ	r	resh
ⲧ	š ś	shin
Ⲩ	t	taw

6

ESTILOS DA ESCRITA FENÍCIA

- 1 – Evolução da escrita fenícia do período arcaico ao neo-púnico
- 2 – Evolução da escrita fenícia para a hebraica antiga
- 3 – Estilização tipográfica moderna da escrita fenícia
- 4 – Evolução da escrita hebraica do período arcaico ao contemporâneo
- 5 – Evolução aramaica antiga
- 6 – Estilos de alfabetos da Grécia antiga

Fontes: David DRINGER,
A Escrita, Lisboa, Verbo

Fontes: 1 até 5: David DRINGER, *A Escrita*, Lisboa, Verbo.
6: A: VAN BRANDEN, *Grammaire Phenicienne*, Beirut, Lib. du Liban

Moisés Espírito Santo *

A escrita ibérica

As inscrições numismáticas que vou apresentar são conhecidas por «Escrita ibérica» e «Língua celtibérica». As moedas circularam no sudoeste ibérico, no sul de Portugal e na costa da actual Catalunha (até muito para o interior de Castela). Datam dos séculos II-I a.C. e I d.C., segundo parece.

São cerca de 100 moedas mas as respectivas inscrições são algumas centenas uma vez que uma mesma moeda tem variações quanto às inscrições. A reprodução fotográfica e o levantamento das inscrições de que me sirvo são extraídos de *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, colectânea de Jürgen Untermann. As referências das inscrições que reproduzo aqui correspondem às da *Monumenta*. As inscrições são reproduzidas por meio de fotocópia. Nessa obra se citam os autores que se referiam às mesmas.

Assentam todos os autores que se trata da Escrita Ibérica, que é indecifrável segundo eles, e da Língua Celtibérica de que não nos sabem dizer uma única palavra. O compilador dos *Monumenta*, por seu lado, relacionou esta escrita com a escrita rúnica, e a língua com uma eventual língua nórdica da qual nada se sabe (foi costume classicista português atribuir aos Ibéricos uma origem celta e germânica). Partindo da escrita rúnica, o autor dos *Monumenta* relacionou as centenas de legendas entre si tendo encontrado para cada legenda palavras incompreensíveis em qualquer língua conhecida. Nem uma só palavra com significado. O desconhecimento da pretensa língua celtibérica não impede o autor (como os outros) de discorrer sobre ela e de a classificar como se a dominassem. Em contrapartida, o levantamento gráfico das inscrições e a reprodução das ilustrações numismáticas são exemplares e fidelíssimos, como se pode constatar em cada caso que transcrevo.

Há identidade entre estas inscrições e as gravações em lages encontradas em vários sítios do sul de Portugal, também conhecidas por «Escrita Ibérica», algumas datando do séc. VIII a.C. Apresento aqui uma, a do Herói.

Demonstro neste trabalho que se trata de escrita fenícia. A língua é também a fenícia (nesta época era a mesma que a hebraica) inteiramente controlável pelos

* Instituto Mediterrânico, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

dicionários bíblicos, com termos do ugarítico e do acadiano. Os parâmetros históricos que justificam essa cultura são a dominação fenícia da Península (a partir de Gades, Gadera ou Cadiz) e o império cartaginês.

Os autores que se debruçaram sobre estas moedas vêem nelas uma variedade infinita de símbolos ou caracteres, o que contribui segundo eles para aumentar as dificuldades da sua decifração. Ora os símbolos gráficos constantes destas inscrições não são letras singulares mas letras justapostas, aglutinadas ou sobrepostas formando uma sílaba ou uma palavra. Esta é uma novidade quanto à escrita fenícia, uma particularidade que podíamos classificar de *escrita ibero-fenícia*. Exemplos:

↓	M	↘	∧	≠	↗	
k	m	(km); g	k	(gk);		
↑	∧	↑	↑	↑	l	↑
i	g	(ig);	p	i	l	(pil)

Para além desse processo cumulativo, dois ou três caracteres podem encontrar-se numa situação de compromisso de modo a parecerem «tanto uma letra como outra». Neste caso procede-se a leituras sucessivas que se revelam concordantes. Exemplos:

⋈	⋈	⋈	⋈
a (alef)	š (shin)	z (zain)	h (het)

Descobrir uma língua e uma escrita exige que haja uma tradução. Onde está essa tradução? De entre as moedas dos *Monumenta* selecionei 25 que comportam ilustrações sugestivas ou um tanto bizarras: uma cara sem maxilar inferior; uma boca cosida; um anzol em frente da boca de um homem; uma mulher com três ganchos no cabelo da nuca; um cavalo com um cesto nos dentes; um cabrito a saltar na frente de uma mulher; uma osga perto da boca de um homem; um anjo que oferece uma grinalda a um elefante; um animal monstruoso diante dum homem; uma esfinge; um arado e espigas de trigo; um cavalo de Pegaso; uma inscrição entre os raios de uma estrela; um boi megestoso; um cão raivoso; uma flecha ou brocha que atravessa o peito dum animal morto; uma legenda que sai do bico de um galo; uma balança; etc. Descobre-se que a inscrição tem relação com essa bizarra ilustração monetária, que constitui uma legenda ou comentário à ilustração. Para o leitor, a ilustração tinha a função de dupla inscrição, de tradução; daí a possibilidade de descobrir a escrita e a leitura.

Conhecem-se vários estilos de escrita fenícia (cf. quadro). Nestas moedas, o estilo tem variações que vão do Cunha e do Hebraico Monumental ao Neopunico. Tais variações poderiam estar mais relacionadas com as escolas literárias predominantes nos locais de emissão do que com as épocas de cunhagem. Em algumas aparece o M grego e latino.

As inscrições lêem-se sucessivamente nos dois sentidos: da direita para a esquerda faz-se referência à ilustração; é como uma legenda da ilustração; da esquerda

para a direita encontra-se a informação monetária ou a equivalência da moeda a pesos e a medidas. Isto é: num primeiro tempo (da direita para a esquerda) o utente identificava os caracteres socorrendo-se da ilustração: «Cabrito à frente», «Boca arrombada», «Três ganchos», «Cesto e cavalo galopante», «Grinalda para o elefante», «O bezerro rodopia», etc; uma vez identificadas as letras, lia-as no sentido inverso para saber o valor da moeda. A escolha da ilustração dependia do efeito que dava a mensagem monetária lida no sentido inverso. Exemplo:

hs/as

← (direcção da leitura)
 «cabrito» (sh)

→ (direcção da leitura)
 «moeda, asse» (as)

Da direita para a esquerda (referências à ilustração) várias leituras são possíveis: sem atender a certos efeitos gráficos, encontramos uma *leitura liminar*, e depois, fazendo atenção a certos efeitos, encontramos *leituras complementares*. Os menos letrados liam «por alto», *grosso modo*, abstraindo os compromissos ou promiscuidade dos caracteres; os outros liam «o que também pode ser», as astúcias da escrita, e encontravam outras leituras, sempre relacionadas com a ilustração. Cada inscrição suporta dezenas de leituras da direita para a esquerda, enquanto da esquerda para a direita raramente dizem mais do que o valor económico.

Pela necessidade de se lerem nos dois sentidos, os caracteres deformam-se, entortam-se e estilizam-se, mas tais entorses gráficos não impedem a leitura liminar; aqui se revela admirável a habilidade do inventor da legenda e do escultor da peça. É possível que as inscrições se referissem ao nome do detentor do poder que cunhou a moeda, mas esse nome pode estar dissimulado num jogo ou associação de palavras que tem por fundo a ideia representada pela ilustração.

Estas legendas não tinham apenas a função de identificar o valor da moeda (e eventualmente o poder político que a cunhava) mas também: 1) eram um «meio de comunicação» como hoje dizemos, um suporte transmissor de normas económicas e sociais (como o imperativo do silêncio e do segredo nos negócios); 2) sendo os utentes pouco letrados, a inscrição desempenhava uma função pedagógica tendo algo em comum com os métodos escolares tradicionais para ensinar a ler: compreendida a ilustração («três ganchos no cabelo da nuca»), o utente soletrava a escrita. Lendo e relendo a inscrição aprendia as boas normas e o manejo da língua.

Destas inscrições numismáticas não se podem tirar conclusões sobre a gramática, uma vez que a inscrição depende daqueles processos cumulativos. Constatam-se no entanto regularidades que estão conformes com o que se conhece do fenício mediorientais e do púnico.

- 1) Os nomes aparecem-nos indiferenciados quanto ao género e quanto ao número e sem artigo.
- 2) Não têm em conta as consoantes duplas (não há consoantes duplas).
- 3) O **alef** (transcrito aqui **a**) e o **hê** nem sempre aparecem enquanto *matres lictionis* (guias de leitura, sons vocálicos).

- 4) O **alef** e o **ayin** (transcrito \emptyset) podem confundir-se, estar um pelo outro; parece prevalecer à sonoridade \hat{o} .
- 5) O **waw** não aparece enquanto vogal; quando aparece (transcrito *w*) pode estar pelo **ayin** e vice-versa.
- 6) O **gimel** e o **het** equivalem-se. O **het** raramente aparece; é substituído pelo **gimel**.
- 7) As sibilantes confundem-se todas, do **zain** ao **shin**. Pode no texto figurar um **zain** quando o **shin** teria mais relação com a ilustração e vice-versa; é também essa a tendência noutros textos punicos; «as sibilantes fenícias e punicas são uma verdadeira desordem» (Branden, *Grammaire Phenicienne* p. 7).
- 8) O **qof** e o **kaf** podem ser equivalentes, pelo menos têm sentidos complementares quando substituídos.
- 9) A diferença entre o **tet** e o **taw** raramente é respeitada.

Encontro depois nestas inscrições esta particularidade insólita para a qual não tenho justificação: o **bet**, o **dalet** e o **resh** não se distinguem; representam-se os três por um triângulo inclinado para a esquerda:

Esse triângulo **b/d/r** pode igualmente confundir-se ou promiscuir-se com o **ayin** por sobreposição ou por semelhança de forma ∇ . Poderíamos mesmo dizer que, onde estiver um triângulo **b/d/r**, poderá estar também um **ayin** para leituras complementares e concordantes. O **qof** apresenta-se da mesma forma que o **b/d/r** mas virado para a direita: \triangleright . Dois ou três **b/d/r** seguidos agregam-se formando uma clépsidra vertical Σbd ; Σdbr . Os mesmos com o **qof** formam uma clépsidra horizontal $\bowtie rq$; $\bowtie bq$.

A indiferenciação do **bet/dalet/resh** encontro-a sobremaneira estranha mas verificamos caso a caso que o mesmo símbolo triangular forma sentido, relativamente à ilustração, se for lido sucessivamente com os três fonemas, dando leituras que se complementarizam. Confrontando os diferentes estilos fenícios reparamos também que se torna igualmente difícil diferenciar o **bet**, o **dalet** e o **resh**. Descobrir qual seja a leitura liminar do triângulo **b/d/r** parece difícil em abstracto; na prática torna-se possível com o auxílio visual da ilustração. Também no glossário, casos há em que trocar o **b/d/r** entre si não influencia a compreensão:

bd «separado, partes iguais, membro [pessoa]»;

bdim, «membros, sujeitos, pessoas»

r \emptyset «pessoa, o outro, o próximo»

r \emptyset im, «pessoas, os outros»

bd «palavreado»

br «falar, explicar»

dbh «difamação»

dbr «palavra»

rq «fino, delgado»

dab «enfraquecer»

dwk «esmigalhar»
dq «fino, delgado»
qwr «fio»
rqø «ferro laminado, batido, chapa»
bqø «despedaçar, rachar, rasgar»
bqø «dracma»
qbr «sepultar»
qdr «estar enlutado».

Isto, na fase de identificação da escrita que é a função deste trabalho, porque deverá haver, para esses símbolos triangulares, regras de preferência que eu não encontrei. O mesmo quanto ao *pê* e ao *gimel*: um pode ser complementar do outro. Na escrita pouco se distinguem; no léxico podem também ser complementares:

ph «falar, boca»
gh «voz» (ug)
pah «esplendor, beleza»
gah «altivo, soberbo, elevado»
ph «lâmina fina»
lh «placa, prancha de pedra ou madeira, inscrição»
etc.

As significações que exploro nas leituras são extraídas dos dicionários constantes da Bibliografia, transcritas literalmente; a exactidão do dicionário é em detrimento da nossa expressão mais corrente. Num caso ou noutro consultei o dicionário de «Hebraico moderno», em busca dum sinónimo mais actualizado. Os termos da língua são particularmente polissémicos mas ajustam-se todos à situação da ilustração, como se a ilustração fosse concebida em função da polissemia. O caso do «Bezerro» e do «Herói» são exemplos de polissemia que tentei explorar até à exaustão. O leitor poderá achar estranha esta polissemia. Se «não acreditar», como se costuma dizer entre nós para o que contradiz o saber do séc. XIX, apenas lhe posso sugerir que consulte, também ele, o dicionário.

BIBLIOGRAFIA:

A – Reprodução das moedas e legendas

UNTERMANN, Jürgen (Compilação de), *Monumenta Linguarum Hispanicarum; 1: Die Munzlegenden/Test; 2: Die Munzlegenden/Tafeln*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1975

B – Para o Hebraico da Bíblia:

DAVIDSON, Benjamin, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*. Michigan, Regency Reference Library (s/d, reprodução da Ed. 1850)

LISOWSKI, Gerhard, *Konkordanz zum Hebraischen Alten Testament* (em alemão, inglês e latim). Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1981

KIRST, Nelson e outros, *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. Petropolis, Brasil, Ed. Sinodal/Vozes, 1988

C – Para o Hebraico actual:

SEGAL, M. e DAGUT, M.B., *English Hebrew Dictionary*. Jerusalém, Publishing House Kiryat Sefer, Lda, 1990

D – Ugarítico:

CAQUOT André, SZNYCER Maurice et HERDNER Andrée, *Textes Ougaritiques, Mythes et Légendes*. Paris, Ed. du Cerf, 1974

GORDON, Cyrius H., *Ugaritic Textbook, Texts and transliteration cuneiform selections*. Roma, Pontificum Institutum Biblicum, 1965

OLMO LETE G. del, *Mitos y Leyendas de Canaan, segun la tradicion de Ugarit*. Madrid/Valença, Ediciones Cristiandad, 1981

E – Mais propriamente para o Acadiano:

LABAT/MALABRAN-LABAT, *Manuel d'Epigraphie Akkadienne (annexe: Lexique)*. Paris, Geuthner, 1988

MASTER, Paul, *Chrestomathie Accadienne (annexe: Lexique)*. Louvain, Bureaux du Muséon, 1941

F – Para as transcrições bíblicas:

Anónimo, *The Holy Scriptures of the Old Testament Hebrew and English*. London, The British & Foreign Bible Society, 1985

G – Para a escrita fenícia:

DIRINGER, David, *A Escrita*, Lisboa, Editorial Verbo, 1985.

GIBSON, John C.L., *Textbook of Syrian Semitic Inscriptions*. Oxford, Clarendon Press, 1971.

H – Para a morfologia e a gramática fenícia:

BRANDEN, A. Van Den, *Grammaire Phénicienne*. Beirut, Librairie du Liban, 1969.

A 22¹

O CABRITO



-1.1



É uma variante do asse segundo os numismatas. Tem uma mulher e, na frente desta, um cordeiro ou um cabrito saltitante. Estilos «cunha», «aramaico antigo» e «fenício moderno».

Λ	P	N	E	F
g h	q k	n	z s	a / s as sa
5	4	3	2	1

O [1] é a associação do **alef** F e do **shin** E.

<— (direcção da leitura)

Legenda da ilustração:

- as^v sh^v nkḥ — há, tem . cordeiro ou cabrito . à frente
- as^v sh^v nkḥ gh — há . cabrito . na frente . fugir (ug)
- as^v aš^v an nkḥ — mulher . ovelha ou cabra . à frente
- as^v a øz nkḥ — mulher . cabrito . à frente
- as^v a azn nkḥ — mulher . faz atenção . à frente
- as^v šan^v kḥ, kwh — ter . gado, ovelha ou cabra . é poder . é recursos
- as^v sh^v šwn nkḥ — há . cordeiro . ovelha ou cabra . à frente

¹ A referência corresponde à catalogação dos *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, a inscrição é a reprodução fotocopiada desse levantamento.

ṣa ṣwn nkḥ	– quer dizer . cabra ou ovelha . à frente
øz nkḥ	– cabrito . na parte da frente
ṣh zn nkḥ	– cordeiro . pasta . na frente
sh zn nkḥ	– cordeiro . da espécie . certa, direita, recta
ṣa ṣh nqh aḥ	– isto é . cordeiro ou cabrito . que não tem . voz ululante
sah ṣan nkḥ	– está em alvoroço . gado . na frente
ṣah zn nkḥ	– observa bem . o espécimen . em frente
as ṣwz nkḥ	– há . de que aconselhar . na parte da frente
azn kwḥ	– ponderar . potencialidades
azn nkḥ	– ponderar . o que está diante, na face oposta
as zn kwḥ	– esta é . da espécie . potencialidades (riqueza, dinheiro)
ass zn kwḥ	– riqueza . tipo . recursos
as sn kwḥ	– é . asse . de cambiar . recursos
as sahn kwḥ	– tem . sêâ medida (ug) . de capacidade
hssgh glh kwḥ	– a representação . mostra . a capacidade, o valor
hssg hql kwḥ	– representação . da porção . da capacidade
as nk wgl	– asse . batido . redondo

—>

Valor da moeda:

ḥqh nsa sh/as	– gravação . de crédito . de cordeiro/asse
ḥqhns ns sah/as	– gravação de medida . sinal . de sêâ/asse *
ḥqq øn sah/as	– cunhagem . correspondente a . sêâ/asse *
ḥqh øn nsh sh/as	– gravação . corresponde a . comprar . cordeiro/asse
ḥq nsh ṣh	– quantia . de disputar . o cordeiro
ḥqh øn nsa ṣh	– taxa . correspondente . a levar/ganhar . cordeiro
ḥq qnh sah ṣh/as	– quantia . de comprar . sêâ . cordeiro/asse
ḥq øn sah/as	– quantia . correspondente a . sêâ/asse
ḥqhns sah/as	– quantia de medida . do sêâ/asse
ḥq øn sah/as	– quantia . atestada . do sêâ/asse

Na face consta: | N

Se o símbolo | for o algarismo 1: «1 asse», «1 sêâ»; se for a letra l: «para, pelo asse, para o sêâ». Talvez a moeda valesse um asse, um cordeiro e simultaneamente a medida de cereal.

Observações:

* sêâ ou sêâ – medida de cereal no valor aproximado de 15 litros.

Confronte-se:

ḥq	– obrigação, quantia, porção
ḥqh	– gravação, traço, lei, taxa
ḥqq	– entalhado, prescrito
hn	– sufixo ug . para «medida»

Os termos øz, ṣh, ṣan, sna, são um tanto sinónimos: cordeiro, cabrito, gado miúdo.

O CESTO. TRÊS GANCHOS

-1.3 MEDHMKM -1.3

E I

-1.4 MEDHMMN

-2.5 MEDHMEM
MH -2.5



Moeda (asse segundo os autores) de bronze datada de 150 a.C. Numa face, um cavalo corre com um cesto nos dentes; em cima, uma envoltura (o sol, um esplendor). No outro lado, uma mulher com três ganchos na nuca. Escrita em estilo «cunha».

N	E	∇	H	N	<	N
z	a	r	h	z	l	z
		ø	g			
		rø	hz/gz			
7	6	5	4	3	2	1

O [4] é o **het** (cf. heb. «monumental»); os [1] e [3] são **zain** mas estão por **shin**. A indistinção das sibilantes (relativamente ao hebraico) é frequente nestas inscrições.

<— (direcção da leitura)

- šš^v h^h ras — três . ganchos . de cabeça
- šš^v h^h h^s ras — três . ganchos . de dividir, apartar . da cabeça
- šš^v gz ras — três . ganchos . do velo, tosquia . da cabeça

sl sgwr rz	– cesto . envoltura . estafeta
sl sgr az, awz	– cesto . entregar . com muita pressa
zl sh hrs	– brilho . cintilante . do sol
zl sg hrs	– brilho . do círculo . solar
sl shr rz	– cesto . do comerciante itinerante . competidor
sla shrh az	– valor . do negociante itinerante . apressado
sl sgwr rws	– cesto . do ouro . levar correndo
sl zh hrws	– cesto . desloca . diligente
sl sh hrws	– cesto . cintilante . ouro
zl sh zr rs	– brilho . claro . bordadura de ouro . corre
sl lsw rs	– cesto . ao encargo . do mensageiro
sl sgwr az	– cesto . de ouro . com muita pressa
sl swg gzbr rzh	– cesto . de prata em folhas . do tesouraeiro . pagador
sl sgwr wz	– protecção . protecção . protecção
slh sgwr øz	– valor . do ouro . é grande
sl sgwr øwz	– cesto . do ouro . pôr em segurança
sla shr wz	– valor . do lucro comercial . proteger
sl lz gzr øwz	– cesto . apartar dos olhos . sítio afastado . pôr em segurança

—>

sør hh ^v sls ^v	– cabelo . ganchos . três
sør hs ^v sls ^v	– cabelo . repartir . três
sør gz ^v sls ^v	– ganchos . velo, tosquia . três
azr hs ^v sls ^v	– cingir . dividir . três
asr gz ^v sls ^v	– amarrados . velos . três
asr hs ^v sls ^v	– entesourado . dividir . três
assar hs ^v sls ^v	– assar (moeda) . dividir . três
zrw gz ^v sls ^v	– afastar . velo, tosquia . três
zwr hzh ^v sls ^v	– apertos . vêem-se . três
swar hs ^v sls ^v	– nuca . dividida (ug) . em três
zwar gz ^v sls ^v	– nuca . velo, tosquia . três
zwar gzz ^v sls ^v	– nuca . tosquiada . três
zwar ghs ^v sls ^v	– nuca . apertada, comprimida . três
zhr sh ^v sls ^v	– resplendor . dos seus pensamentos . três
zhr hh ^v sls ^v	– resplendor . dos ganchos . três
zhr sh ^v sls ^v	– resplendores . brilhantes . três

O valor monetário poderá ser **saor hs^v sls^v** («saor dividir por três»). O *saor* ou *assar* foi moeda de bronze, correspondente ao *asse* da época de Augusto (Bib. de Jerusalém, pg. 1832). No recto: **ass la** «asse vale» (ug), ou **ass slh** «asse vale, asse paga»; trata-se de duas moedas, uma valendo, provavelmente, 1/3 do *ass* (ou 3 *asses*) e a outra, 1 *asse*.

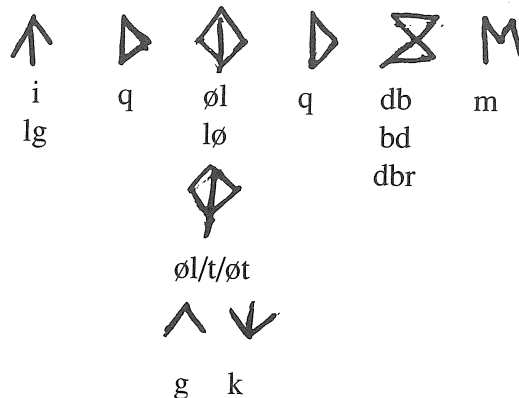
BOCA ESCANCARADA

A.59

-2.2



É uma ilustração curiosa e muito sugestiva enquanto efígie de moeda: uma cara sem queixo mas não porque a moeda esteja gasta (os contornos e os caracteres são bem nítidos). É uma expressão visual muito forte. Teria a função de transmitir o valor da prudência no falar e – se fosse algo mais do que uma figura de retórica – seria a menção de uma possível pena jurídica por calúnia ou por sedição política. Parte das leituras possíveis remetem para outras moedas semelhantes, que apresento a seguir e cujos textos se referem igualmente à fala.



- mdbr kwh klil ki** – boca . queimada . completamente . cicatriz/aqui
- mdbr klh klil ki** – boca . desaparecida . inteiramente . cicatriz/aqui
- mdbr khh kli** – boca . inexpressiva . ornamento, armas
- mdbr kal kwl qli** – boca . prisioneiro . completamente . assada
- mdbr kwh kili** – boca . queimada . velhaco
- mdbr øqli** – boca . sequestrada
- mdbr qlø kli** – boca . da escultura . destruída
- mdbr qlø ki** – boca . da escultura . cicatriz de queimadura
- mdbr klw ki** – boca . destruída . cicatriz de queimadura
- mdbr qlø qli** – boca . retalhada . assada
- mdbr klw qli** – boca . destruída . assada
- mdbr øqh ki** – boca . esmagada . cicatriz
- mdbr kwl lhi** – boca . queima . a minha lei, placa da lei, mandíbula (ug)
- mdbr klw qia** – boca . destruída . vomita

mdbr qwl loo qia	– boca . ruído . gaguez . vomita
mdbr kwh ki	– boca . queimada . estigma de queimadura
mdbr khh ki	– boca . extinta . sulco de cicatriz
mdbr kwh ki	– boca . queimada . tal qual
mdbr rq øwqi	– boca . da lâmina, placa [moeda] . vexação
mh dbr khh øwqi	– muito . falar . repreender . impedir
mh dbr aḥ hki	– muito . falar . braseiro . do palato
mh dbr aḥ ki	– muito . falar . voz ululante . queimadura
mbdq ḥq lih	– a achegada (anexa) . gravação . é um ornamento
mbdq øl kli	– a achegada . é para . ilustração (insígnia, ornamento)
mbdq øl ki	– a achegada . diz respeito . a cicatriz
mbdq ḥq lḥi	– a achegada . gravação . é o queixo (ug)
mbdq ḥq lḥi	– a achegada . gravação . é a minha lei/placa de lei
mbdq øwl ki	– o achegado . é malfeitor . cicatriz
mbdq øwqli	– o achegado . aldrabão, troca-tintas
mbdq øqli llih	– agarrado . sequestrado . para ornamento
mh bdq ḥwq lḥi	– muito . arrombado . o maxilar . da placa
mh bd kh øl lḥi	– o qual . indivíduo (lit: «qual individualmente») . gagueja . contra . a lei
mh dbh qwl qli	– o que . calunia . voz . de queimadura
mh dbr qlh ki	– o que . falar . calunia . cicatriz
mh db qlh ki	– o que . caluniar . ardência . queimadura
mba bdq kwh ki	– entrada . arrombada . queimada . cicatriz
mbdq qwl ḥqi	– sequestrada . voz . palato
am bdq øl ki	– pessoa . arrombada . por causa . cicatriz de queimadura
mh bdq kwḥ lḥi	– muito . estrago . força . maxilar
mh bdq løø k lḥi	– imenso . arrombo . gagueja . então . garganta
mh bdq kwḥ ḥqi	– qual . arrombo . é a técnica . da gravação/placa
mh bdq ḥwq lia	– muito . arrombado . céu da boca . ornamento
mh bd k gh øwqi	– muito . palavreado . grito (ug) . impedido
mh dbh kwh ḥqi	– muita . calunia . força . palato
mad dbh qwl qia	– muito . caluniar . ruído/voz . vomitar
mh bd qlø kli	– o muito . palavreado . a cinzelagem . queima
mdab bqø ḥwki	– desesperado . estraçalhar . maxilar/céu da boca
mdh bqø kwih/ki	– medida . romper . por isso queimadura/cicatriz
mdh bqø w øwqi	– padrão . romper . então . sulcado/impedido
mdh bqø ḥwk øwqi	– medida . romper . palato/maxilar . feito sulco
mdh bqø w ḥwk ki	– modelo . romper . então . maxilar . cicatriz de queimadura

—>

Valor da moeda

l/ik øl kbd am	– tem conotação . para . a riqueza, honra, peso . da gente/nação
ikl lø kh bd am	– tem poder/prevalece . para que não . queimadura . isolar . gente
lik øl kbd dm	– prevalece . sobre . a honra . de sangue

ihl øl k bd dmh	– tem poder . para . cada um em separado (indivíduo) . igualizar
lik øl k bd am	– tem poder . para . exactamente . separar em parte igual . a gente
ik øl kbh dm	– tem conotação . para . apagar dívida . de sangue, homicídio
lik øl kbdim	– tem o poder . que respeita . à riqueza, à honra, ao respeito
lik øl kbd dmh	– tem poder . para . a honra, a riqueza, o peso . igualar
ikl lø kbd dmh	– tem capacidade . para que não/contra . honra . silenciar
ikl lø kh bd dmh	– tem capacidade . para que não . queimadura . pessoa . silenciar
ikl lø kh abd am	– tem poder . contra/para que não . queimadura . aniquilar . pessoa
ikl lø kh abd am	– tem poder . para que não . queimadura . de fala/boca . pessoa
lik øl kbd dmh	– é conotado . para . riqueza . ponderar, imaginar, planejar
lik øl kbd hmh	– tem capacidade . para . riqueza sonante, que faz ruído
lik kwl kbd dmh	– tem poder . de abarcar . a honra . planeada, imaginada, ponderada
lik øl k bd am	– prevalece sobre . realmente . cada um . da gente
ikl øk bdim	– tem poder, é útil . para . os indivíduos, os membros
ik øl k dbr am	– é conotado . para . realmente . falar . da gente
ikl øl k dbr rm	– tem poder . para . realmente . falar . alto, de pé, altivez
ikl øl k dbr rwm	– tem poder . para . realmente . negócio . alto, exaltante
ikl øl qdbr hmh	– tem poder . para . o falar, a boca . fazer ruído
ikl lø qdbr rø am	– tem poder . contra . o falar . sócio . da pessoa
ikl hlk dbr am	– tem poder . andar . negócio . pessoas
ik øqb bd am	– é conotado com . recompensas/salário . indivíduo . da gente
ik øqb bd am	– é conotado com . astúcia . cada um, indivíduo . gente, nação
ik øqd dbr am	– é conotado com . o prender . negócio, assuntos, questões . gente

Opção øt/tw ◊ = ○ ⊙

ik øt. [...]	– conota-se com . o estilete (marca, cunhagem)...
ik tw [...]	– conota-se com . o ferrete, sinal, marca, assinatura...
ik tah [...]	– conota-se com . a medida/marcação...
ik tqw [...]	– conota-se com . a medição...

—>

Significação monetária possível: *dobra*

ikl øwq dbr am	– tem a capacidade . do sulco . do <i>dobra</i> . da gente/nação
ikl øqd dbr am	– tem poder . de apanhar/prender . o <i>dobra</i> . da gente
ik qw kd dbr am	– conota com . a medida . do <i>kade</i> . <i>dobra</i> . da gente/nação

Dobra era nome de moedas castelhanas e portuguesas em curso em Portugal nos séculos XII-XV; tinha várias designações: *dobra de Alamy, d. de Banda, d. Barbaresca, d. Dona Branca, d. Castelhana, d. Cruzada, d. Gentil, d. Prasida, d. Sevilhana, d. de Marrocos, d. Mourisca, d. Pé-Terra, d. Portuguesa, d. Valida*. No séc. XVIII voltou-se a usar este nome mas com o sentido de «valor dobrado», o que não era, segundo os autores, a significação antiga.

BOCA BEM CONTROLADA

A.63



E - 1.3 E O D I D X M

Refere-se igualmente ao falar. Os primeiros quatro símbolos são comuns à figura anterior. A ilustração é um homem com um arranjo gráfico na boca. Trata-se do homem prudente que controla os seus lábios e mede a abertura da boca como «juntas de soldadura», «comportas de açude» ou orifício cozido com agulha. Desta boca bem calculada sai qualquer coisa que pode ser a «boa palavra, a fórmula santa»... se não for um «lagarto», uma vez que o silêncio é associado à «fala do lagarto».

E	◊	▷	∟	▷	⊗	M	
hs	ø	q	p	q	b	d	m
F			g		r/d	b/r	

← (direcção da leitura)

Opção ∟ = p

- mdbr kph kwş** - boca . brandamente . contrair
- mdbq kph kwş** - colada . brandamente . contraída
- mdbr k ph qzww** - fala . tal como . abertura . regula-se
- mdbq ph kws hs** - colada . boca . apertada . silêncio

am dbr kph k øwz	– a gente . falar . brandamente . é deveras . aconselhado
hm dbh rq ph kss hs	– tal . murmúrio . do apenas . a boca . encobrir . o silêncio
mh dbq ph kwş	– tal como . as juntas de soldadura . a boca . se constrange
mdh dbr k ph qzwz	– dimensionar . o falar . corresponde . à boca . ajustar
mdbr qp kwş	– boca . palma da mão . aberta
mdbr k ph kws	– boca . como . bico . de coruja (ou mocho)
mdbr qwp qzwz	– boca . buraco da agulha . igualiza
md br qwp kws	– medida . buraco de agulha . apertada
mh dbh rq ph kzwz	– qual . murmúrio . somente, apenas . abertura . ajustada
mdbr qp k øwş	– boca . buraco da agulha . deveras . aconselhado
mdbr k ph qss øz	– fala . é como . a boca . dizer oráculos . apertada
md dbr kp qwş	– muito . falar . borra . nojenta
am bd qp køs	– gente . de palavreado . macaco . irritante
mdbq ph ksws	– chegada . a boca . morde
mh bdq ph qwş	– muito . arrombamento . da boca . amedronta
mh bdq kp qwş	– o qual . é estrago . borra . restos de pavio
am dbr kp qwh øwz	– a gente . conversa . juntos (ug) . reunião . de conselho
hmh brk pwq øws	– gemer . de bendizer (Deus) . proporciona . salvar-se/valente
am brk pqh øwsh	– a gente . rezar . encontra . conselho
hmh brkh pah k øwş	– suspirar . rezas . boca . deveras . aconselhado
am dba brk pqw øwş	– gente . desfalecida . que bendiz Deus . obtém . salvação
mdh brkh pkh øws awz	– medir . açude . escorrer . de conselho . apertado
mdh brkh ph k øws awş	– medir . açude . boca . de conselho . apertado
mdh brkh ph qw awş	– medir . açude . porta . expansibilidade . apertado
Opção ¶ = g	
mdbr kh ħq kws	– boca . força . de regra . retrai-se
mdbr k ħq kwz	– boca . como . a gravação . retrai-se
mdbr k gh qzwz	– a boca . tal como a voz (ug) . ajusta-se
mdbr k gwp qzwz	– a boca . como . fechar de porta . ajusta-se (g + p)
mdbr k ph ħh qzwz	– a boca . como . abertura de fivela . ajusta-se (g + p)
mdbr kh qzwz	– falar . de lagarto . é ajustado
mdbr kh kw hs	– falar . de lagarto . corresponde ao . silêncio
mdbr kh køs	– falar . lagarto . irrita
mh dbr kh køs	– muita . palavra . palato . perturba
mh dbq ħk køs	– qual . rombo . do palato/maxilar . irrita
mdbq ħk qşş øz	– achegado . o maxilar . estilhaço . violento
md ba qw ħk øzws	– medir . a abertura . de expansibilidade . do palato . é valente
hmh bd rk gh køs	– ruidoso . palavreado . a delicada voz . insulta
mdbr rh qøs	– boca . espírito . enoja
mdbr kh qw hs	– falar . recursos . medida . silêncio
md dbr kh khh whs	– muito . negócio . recurso . gaguejo . e silêncio

- mad dbr kh hk qwh hs – força . do negócio: . habilidade . norma . expansibilidade . silêncio
- mad dbr kh hk kss awz – força . do negócio: . jeito . regra/cálculo . rápido/ /apertar

O ANZOL



Mesma inscrição que a A.59 2.2. A ilustração é um homem com ares de circunspecto tendo diante da boca um gancho (descobriremos que é um anzol). É o oposto da «Boca Escancarada»: silêncio e prudência. Em virtude da polissemia dos vocábulos, uma mesma inscrição pode sugerir efeitos diferentes, em contextos diferentes. O contexto é estabelecido pela gravura.

<—

- | | |
|---------------------|---|
| mdbr kw ki kli | – boca, fala . como . aqui . ornamento, ilustração |
| mdbq hwki | – colado . meu palato |
| mdbr kw/qw hqi | – boca . como/fio . de anzol |
| mh dbr kw/qw hqi | – tal . a palavra . assim/cordel . de anzol |
| mh dbh rq kw hqi | – tal . o murmúrio . leve . assim . o anzol |
| md br kw/qw hqi | – medir . o falar claro . como/cordel . do anzol |
| mh ba drk kw/qw hki | – tal . vai . a distância . assim/cordão . do anzol |
| mh ba drk kw hki | – tal . vai . o empreendimento . assim . meu palato |
| mdbq kw/qw hqi | – agarrado . como/cordão . do anzol |
| mh bdq kh hki | – muito . rombo . força . palato |
| mh brqw hgh hki | – quanto . abrolho . profere . o palato |
| mdbr kh hqi | – boca . recurso . é o anzol |
| mdbr kh hq kli | – falar . recurso . anzol . arma |
| mdbr kw gh kli | – falar . recursos . é gritar (ug) . armas |
| mdbr kw hh ki | – falar . como . o gancho de pescador . tal qual |

mdbr kh øwqi	– falar. de lagarto. impedido
mdbr kwḥ ḥki	– falar. recursos. placa/gravação/norma
mdbr kwḥ ḥqi	– falar. habilidade. anzol
mdbr qlø øwqi	– falar. cortina. me impede
mh dbr kwḥ ḥki	– quanto. fala. a força. da minha esperança
md dbr kwḥ ḥki	– muito. falar. da força. da minha norma
mdbq ḥk kkhi	– colado . palato . como lagarto
mdbq kh ḥki	– colada . força . meu palato
mdbq ḥwk klih	– colado . palato . como grinalda
mdbq kwḥ ki	– agarrada . força/recurso/capacidade . cicatriz
mdbq kwḥ kih	– colado . força . fleuma
mdbq k ḥwki	– colado . de veras . ao meu palato, meu anzol, minha esperança

Vejam os estas passagens bíblicas em que se encontram os termos da inscrição monetária com o mesmo sentido:

Salmo 22:16-19 – *ibs khrs kḥi wlsōni mdbq mlqwhi wløpr-mwt ts-ptni [...];* «Seco . como carvão . meu céu da boca . e minha língua . colada . ao meu maxilar . e na poeira da morte . tu me deitas. Numerosos cães me cercam, uma banda de inúteis me envolve para rasgar minhas mãos e meus pés. Posso contar todos os meus ossos; as pessoas vêm-me e olham-me, elas dividem entre si os meus fatos e tiram à sorte as minhas vestes».

Isaías 32:7 – *kli kliw røim hwa zmwt iøs lhbl ønwim bamri šqr wbδbr abiwn mšpt*: as armas . do velhaco . são más . ele maquinações . urdiu . para perder . os pobres . com palavras . de ludibriar . enquanto a questão . dos pobres . é o direito

A OSGA

A.74

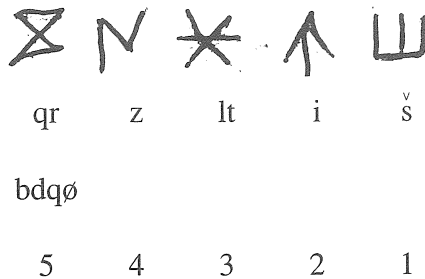
1.1



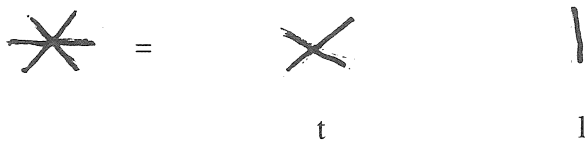
ΔN*TW

MSPTXY

Um homem tendo à frente da boca uma osga ou um lagarto. Tem duas inscrições. Começemos pelo lado face, na nuca.



O [1] é um **shin** dos estilos «cunha», «monumental» e «fenício moderno». O [3] tem a forma de uma estrela . Noutras moedas aparece isolado como se se tratasse de uma assinatura, sinal distintivo ou labelo de autenticidade. No caso presente encontra-se destacado ao centro da inscrição; além de poder ter o efeito gráfico de labelo, é uma acumulação de letras. Separando-as encontramos «estrela» e «osga», associação do **tau** e do **lamed**. Resulta em ideograma.



lht		– chama, ardor, consumir pelo fogo, chamejar [cf. estrela], lâmina
tlth		– movimentar [cf. roda]
thlh		– fama, glória, louvor [cf. estrela]
tliyt		– vitória, triunfo (ug) [cf. estrela]
tlt		– três (ug) [cf. três hastes]
lat		– envolver, cobrir, enrolar [estrela, roda]
lt		– esconder; segredo, saber oculto
lta		– orvalho [estrela, gota de orvalho]
tlø		– cerviz, nuca, êxito (ug. Caquot-Szyncer)
ltah		– osga

A osga e o lagarto são exemplos de «silêncio», de «ocultação», «discreção». Quanto à inscrição na nuca:

š ^v ltah zkr	– conversa . da osga . é a menção/do homem
š ^v ltah hs gra	– conversa, negócio . de osga . silêncio . evoca
š ^v ltah hs rq	– buraco/conversa . de osga . é silêncio . e mais nada
š ^v ltah skk gra	– conversa . de osga . é fechar, obstruir . a proclamação

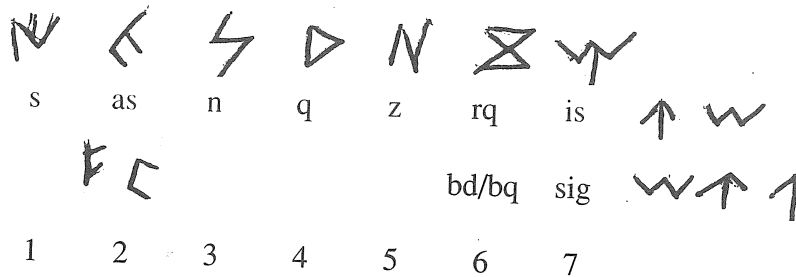
^vši ltah zh rqø
^vših tl lt sr ak
^vših thlh ltah hs rq
^vših lih thlh ltah zh rq
^vših ltah sr rq
^všgia ltah hs rq
^vših tl lhz rq
^vais^v sih lth hs rq
^vsig ltah zrq
^vsig ltah zhrk
^vših. ltah srb
^vsig ltah sa bdq
^vših ltah as swdk
^vših ltah hs šbr
^vših tltlh swdk
^vših lth thlh sdq
^vših tliyt zkr

- dádiva . dessa osga . placa de metal batido
- buraco . de ruínas . é o segredo . da cobra (ac) . pois claro
- buraco . é a glória . da osga . silêncio . apenas
- buraco . é a coroa . de glória . desta osga . da placa
- negócio . da osga . escasso . fino
- grande (arm) . osga . voto de abstinência . claro
- curva-se, açaçapa . a cerviz . esta . finória
- homem . fala . a osga . silêncio . unicamente
- negócio . de osga . lançar, espalhar
- negócio, questão de interesse . osga . avisa-te
- negócio . de osga . obstinada
- negócio . de osga . que é . de arrombar
- conversa . da osga . são . tuas confidências
- conversa, negócio . de osga . silêncio . amontoa
- questão, conversa . lança . o teu laço
- ocupação . de osga . fama, glória . é causa justa
- ocupar-se . da vitória, do triunfo . (ug) homem/macho

—>
 qrs lt ais/is^v

- calar . segredo . do homem/é

Lado cavaleiro



—> (direcção da leitura)

^vzh anqh zrk is^v
^vhs anqh zrk is^v
^vzh anqh hs qr sig^v
^vhs anqh zrk sig^v
^vhs anqh zrk sig^v
^vzh anqh hs qr is/sig^v
^vhs anqh sb bd is/sig^v
^vhs anqh zbd is/sig^v
^všasa nqs bd ais/is^v
^vaz asn qs bd sig^v
^vaz asn qsr rq sig^v
^vhs san qsb bar sig^v
^vhs azn qsb bd is^v

- esta . osga . menção . é
- silêncio . osga . menção . é
- esta . osga . silêncio . evoca . negócio
- o silêncio . da osga . menção . negócio
- silêncio . da osga . homem . negócio
- esta . osga . silêncio . evocação . é/negócio
- silêncio . da osga . do lagarto . palavreado . é/negócio
- silêncio . osga . presentear . homem/negócio
- afugentar . enredo . palavreado . homem/está
- apressar-se . num tempo . cortar . o palavreado . negócio
- constranger . tempo . breve . inútil . conversa
- silêncio . tranquilo . da figura/escultura . explica claramente . negócio
- silêncio . ponderado . forma, figura, entalhe . imaginado . está

Note-se que **zkr**: «homem, macho» e «menção». Aparecem na moeda os dois termos para «osga» que o dicionário comporta: *letah* e *anqh*.

Informação monetária:

→

- hz aš nqsrh rq/bq šig – esta . peça/ass . relaciona-se com . placa/dracma . negócio
 hz aš nqsrh rq/bq šig – esta . peça/ass . relaciona-se com . placa/beq . folha de prata

←

- iš rq skn aš sah – tem . a placa . utilidade, o proveito . do ass . sêa
 iš rq skn saš/sa aš – é . placa . do administrador . caudilho . a qual . é ass
 šig rqø skn sa ass – folha de prata (dinheiro) . chapa forjada . utilidade/
 /administrador . que é . ass

O BEZERRO

A.75

6.10



Δ N Θ I Δ Y

Δ

Δ N Θ I Δ Y

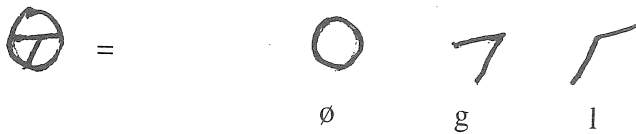
bdrqø z øgl l bdrqø is

gis/sig

6 5 4 3 2 1

Quatro dos seis símbolos são aglomerações fonéticas e não simples letras o que torna a inscrição complexa sem comportar uma leitura monetária linear. No

entanto, o que à primeira vista promete ser uma grande confusão pela indiferenciação dos símbolos triangulares duplicados em forma de clepsidra, todo o sentido da inscrição se resolve pela graça de uma astúcia integrada pelo autor num dos símbolos, o [4] que consiste num círculo atravessado por dois traços, um grande e outro mais curto que é o desenho do *círculo-diâmetro-raio*. Um achado. Fica também com o aspecto de uma armadilha ou ratoeira. É um misto de escrita alfabética e de ideograma. A separação das três letras que formam o desenho fornece a sua própria significação. Na outra face vê-se um homem e um animal voltado para trás; é difícil de identificar esse animal, mas descobre-se que o seu nome se diz do mesmo modo que o círculo-diâmetro-raio. Assim:



- øgl – redondo, circular
 øgl – bezerro
 hwl – voltar-se, andar em roda

São muitas as possibilidades de leitura em razão das duas clépsidras, mas a unidade dessa multiplicidade de leituras é facilitada pela obrigatoriedade de se passar ou pelo círculo ou pelo bezerro. Há também menções à geometria.

Tratarei as clépsidras – que se situam equilibradamente nos extremos da inscrição – como se estivessem em paralelo: **bd/db, br/rb, dr/rd, rq/qr, rqø/øqr, bqø/øqb**, mas outras composições são possíveis: **øbr, dbr, dbq, qrb, brk**, etc., todas concordantes.

Exploram-se as polissemias até à exaustão.

^vsihh rq løgl zkr

a armadilha . da chapa . em círculo/para o bezerro . é a menção, o tema/de homem

^vsig rqø løgl zkr

negócio . de chapa de metal batido . em redondo . é o tema/masculino

^vsig krø løgl zkr

a preocupação . de dobrar o joelho . ao bezerro/em círculo . é a menção/de macho

^vsig kr løgl zkr

o palavrório . da pastagem . para o bezerro . é a menção/de macho

^vsig dwr løgl sdrh

o objecto de interesse . é o espaço circular . para o bezerro/no círculo . encaixar

^vsih sør rd løgl sdrh

buraco . de cálculo . dominado . para o círculo . para o bezerro . encaixar

^vis dwr løgl swr ød

está . a pilha em círculo . para o bezerro e para o círculo . ajuntados . remover

^vsih dwr løgl swr ød

a questão . é o círculo . para o bezerro e para o círculo . moldar/retirar . atravessados

^vis dwr løgl sr ddh

existe . pilha em círculos . com bezerro, com círculo . por estreiteza . de andar

iš dwr lwh sr rd ddh

há . pilha em círculos . na prancha . por escassez . do domínio . do andar

ših dwr løgl sørh ddh

o problema . é a pilha circular . para o bezerro e para o círculo . desenho . do andar

ših dwr løgl sd ør

fojo . circular . para o bezerro e para o círculo desandar . armadilha . a movimentar-se

ših rq løgl

fojo, buraco para apanhar animais . fino . para o bezerro/no círculo

šig krh ørk løgl zkr zh rq

regatear, mercenciar . avaliar . acumular . em redondo/com bezerro . é esse . o lema . da placa

šig dwr løgl sdrh

folha de prata . pilha circular . para o bezerro e para o círculo . enfileirar

šig dwr løgl lsør ød

a questão . da pilha circular . para bezerro e para círculo . é para deixar perplexa . a testemunha

iš dwr løh hl lsør ød

existe . círculo . na prancha . a desandar . para deixar perplexa . a testemunha

iš dwr løgl lø sør ød

está . empilhado em círculo . o bezerro e o círculo . para . o cabelo/eriçar . da testemunha

iš swd rhh løgl lsør ød

há . segredo . terrível . no círculo e no bezerro . para o cabelo/eriçar . a testemunha

[Geometria]

ihs dwr løgl zh krø

dá-se o nome geneológico . círculo . a esse . rotundo . arqueado

hsi qrh løgl zkr

o centro . encontrar . para o círculo . é a referência

iš sr rq øl øgl hs qwrh

existe . o centro (o umbigo) . fino . relacionado com . o círculo . quieto . da travessa

as šr rq lh glø lzkr

é como . o umbigo . fino . da placa . a irromper . em referência

hšwr/hšwq krh løgl zrh hk

o raio da roda . encontra-se . no círculo . medido . evidentemente

igh hsr qlø øgl zrq

retirar . o centro da roda . o entalhe . do círculo . espalha-se

šir rdd lwa øgl swr rd

eixo . tem o controle . para o círculo . não . degenerar . o comando

hšq qra øl øgl zh ark

raio da roda . evoca . falando . do círculo . a largura . desse

hšq kkr lw øgl zøq k krø

o raio do disco . emprestado . ao . círculo . evoca . assim . o arqueamento

hšq krø øl øgl zkr

o raio . da curvatura . é para . o círculo . a referência

- ih^vsq qrb øgl lwz krkb**
o raio . junta um ao outro . o círculo . apartado . e o bordo
- ih^vrbø øl øgl søh øbr**
dá-se o nome . quarta-parte . quando . o círculo . é trespassado . em cruz
- is^v rbø løgl zwr rb**
tem . a quarta parte . a desandar . apertada . muito
- sig øwbr løgl zb bwr**
o intestino . move-se dum lado a outro . do círculo . corrediço . falar claro
- ih^vswq qrh rq lggl hwl lzkr rq ark**
o raio . trave . fina . remove rolando . dá voltas . para referência . da chapa batida . largura
- ih^vsq rkk lw øgl zk krh qrqø krø**
o raio . é o condutor . afasta . o círculo . flecha . amarrada/ao fundo . do arqueado
- hi^vswq qw øwq qwr krø øqr løgl zkr ørk ark krø**
o raio . é fio de medição . oscilante . viga . perna . desgarrada . no círculo . referencia . avaliação . largura . curvatura
- ih^v øbd lh hwl zwb bd**
chama-se . obra . a prancha . que volteia . escorre . invenção/de cada um
- ih^v dbr rb øl hwl øgl glgl glø zd dr rbb**
chama-se . negócio/dobra . numeroso . quanto ao . dar voltas . de carroça/bezerro . remover rolando . atrevido . pérolas/alabastro . dez mil
- ih^v bqø løgl az øqb**
dá-se o nome registado . dracma . ao redondo . constrangimento . salário
- ais^v bd løgl zb bd**
o homem . imagina . em círculo/ao bezerro . correr . a vara
- sig ødr løgl zrø ød**
a preocupação é . alinhar . no círculo . o braço . que atravessa
- sig hbr lø øgl zh øbr**
a preocupação, o negócio . do camarada . quanto ao . círculo é , esta . travessia
- sig øwbr løgl zb bwr**
preocupar-se com . a transversal . para o bezerro/círculo . corrediço . examinar
- is^v bd løgl zb bar** – está . separada . no círculo . a correr . nota-se bem
- is^vab løgl zb bd** – está radicada . ao círculo . a correr . sozinha
- is^vab løgl zb bd** – está nivelada . ao círculo . correr . separada
- is^vab dlw gl zb bd** – endireita-se . oscila . onda . corre . separada
- is^vb bdl øgl sb bd** – enraizada . aparta-se . em círculo . muda . sozinha
- is^v rbø øl øgl zb bar**
é . a quarta parte . relativamente . ao círculo . corrediço . fala claro
- is^vr blø øgl zb bar**
nivela-se, endireita-se . comunica . o círculo . correr . diz claramente
- is^vr rkk løgl zk qr**
nivelar . a vacilação . para que círculo/bezerro . a flecha . invoque
- is^vr rkk/rkø løgl zøq krø**
nivelar . a vacilação/do bater do metal . para do círculo . proclamar . a curvatura

iš^v šør dll øgl zrh ddh

tem . medida . oscilante . o círculo/bezerro . medir . o andar

iš^v øbd løgl sd dbb

o homem . trabalha . com o círculo/bezerro . laço . deslizar

h^visb bar øl øgl zb bra

planifica . diz claramente . sobre . o círculo/bezerro . fluir . desbravar terreno

i^vhšb bd lø øgl sbh ddh

artífice . sozinho . com vistas . a círculo/bezerro . mudar/à vontade . andar

iš^v brk løgl srwk

tome-se em atenção . o dobrar do joelho . no círculo . correia de sandália/coisa de nada

sa^v sr rq løgl srwk

é como . a bracelete . fina . em círculo . correia de sandália/coisa pouca

iš^v r q løgl srwk

esticar . apenas/delicado . através do círculo . correia de sandália/coisa de nada

h^všb bd løgl sbb hd

o artista . separa . com vistas ao círculo . circundante . lançar a mão

iš^v drk løgl zd drk

está . a distância, empreendimento, negócio . em círculo/bezerro . fluir . andamento

gi^vh sbb br løgl sbr

irrompe . rodear . campo aberto . para bezerro/círculo . empilhar

h^vis bd øl øgl zbd

apressadamente . a vara . ao bezerro/em círculo . dar

i^vhš abd løgl zh zb bad

chama-se . endoidecer . deste . círculo . a correr . sozinho

aiš^v abd løgl zh ab bbda/bbd

o homem . perde-se . com o círculo . deste . mestre . na invenção/no palavreado

[Na pastagem]

iš^v s.wr rb al øgl zh bar

existe . gado bovino . numeroso . aliás/este . círculo/bezerro . explica bem

iš^v dbr rb al øgl zh bar rd

há . várzea/negócio . numeroso . aliás/este . bezerro . diz bem . dominar

š^vih. dbr løgl sd bør

falar/negócio . dinheiro . em redondo . campo . de pastagem

iš^v rkl øgl zkr

olha para a frente . o mercador . do bezerro . da insígnia

olha para a frente . o mercador . do bezerro . o macho

iš^v r q la øgl zkr

olhar para a frente . da placa (ug.) . em oposição . ao bezerro . é o lema/do homem

iš^v r qø la øgl zkr

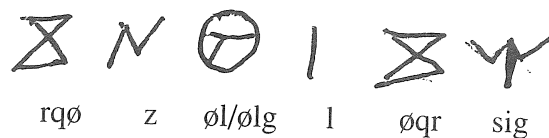
olhar para a frente . do metal batido . não . se voltar para trás/não andar à roda . é a conduta/de macho

aiš^v dbq ql øgl sbb bwq

o homem . achega-se . o ágil . bezerro . revira-se/muda de direcção . vagueia

$\overset{v}{i}sr \overset{v}{r}q\overset{v}{\emptyset} \overset{v}{\emptyset}l \overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{z}rwq$	
	olhar para a frente . da chapa batida . frente ao . que se volteia/bezerro . é o plano, o esboço, o centro da atenção.
$\overset{v}{i}s \overset{v}{s}kr \overset{v}{l}a \overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{l}sq\overset{v}{r}$	– há . interesse em . não . dar voltas . em vão
$\overset{v}{a}i\overset{v}{s} \overset{v}{s}k \overset{v}{\emptyset}r \overset{v}{l}a \overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{z}kr$	– o homem . vigia . o movimento . não . dá voltas . o macho
$\overset{v}{s}ih. \overset{v}{d}wq \overset{v}{l}\overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{s}dq$	– questão de . inspeccionar . à volta . está certo
$\overset{v}{a}i\overset{v}{s} \overset{v}{d}br \overset{v}{l} \overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{s}wd \overset{v}{b}\overset{v}{\emptyset}r$	– o homem . da várzea . para bezerro . espreita . pastagem
$\overset{v}{a}i\overset{v}{s} \overset{v}{s}d \overset{v}{d}wk \overset{v}{l}\overset{v}{\emptyset} \overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{s}dq$	– o homem . o campo . inspecciona . não é . bezerro . é justo
$\overset{v}{s}ig \overset{v}{s}rk \overset{v}{l}\overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{z}r \overset{v}{r}k$	– questão de . falar . do bezerro . costelas . magras
$\overset{v}{i}sb \overset{v}{b}\overset{v}{\emptyset}r \overset{v}{l} \overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{s}r \overset{v}{b}wr$	– proprietário . da pastagem . do bezerro . aprisco . inspecciona
$\overset{v}{i}s \overset{v}{s}wr \overset{v}{r}b \overset{v}{l}\overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{z}wr \overset{v}{b}\overset{v}{\emptyset}r$	– tem . gado bovino . numeroso . em círculo . apertado . a pastar
$\overset{v}{a}i\overset{v}{s} \overset{v}{r}kl \overset{v}{l}\overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{s}rk$	– o homem . comerciante . do bezerro . fala
$\overset{v}{a}i\overset{v}{s} \overset{v}{q}r \overset{v}{l}\overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{l}sq\overset{v}{r}$	– o homem . chama . pelo bezerro . em vão
$\overset{v}{a}i\overset{v}{s} \overset{v}{s}d \overset{v}{q}r \overset{v}{l}\overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{z}hr \overset{v}{r}qd$	– o homem . do campo . chama . pelo bezerro . avisado . saltita
$\overset{v}{s}ig \overset{v}{d}br \overset{v}{l}\overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{z}\overset{v}{\emptyset}d \overset{v}{b}\overset{v}{\emptyset}r/\overset{v}{b}\overset{v}{\emptyset}ir$	– falar . negócio . em bezerro . andar . pastar/gado vacuum
$\overset{v}{a}i\overset{v}{s} \overset{v}{b}wqr \overset{v}{l}\overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{d}b \overset{v}{b}qr$	– o homem . boieiro . a circular . faz engordar . o gado vacuum
$\overset{v}{i}s \overset{v}{q}b \overset{v}{l}a \overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{z}h \overset{v}{b}wk$	– tem barriga . não . rotunda . então . vagueia

Os numismatas citados pelo autor dos *Monumenta* consideram esta peça um *denario* (corresponde ao dracma grego). Talvez a sua significação monetária seja:



bqø

—> (direcção da leitura)

$\overset{v}{r}q\overset{v}{\emptyset} \overset{v}{z}h \overset{v}{\emptyset}l \overset{v}{\emptyset}qr \overset{v}{s}ig$

peça de metal batido . esta . para . arrancar . negócio, dinheiro, folha de prata

$\overset{v}{r}q\overset{v}{\emptyset} \overset{v}{\emptyset}z \overset{v}{\emptyset}gl \overset{v}{l} \overset{v}{b}q\overset{v}{\emptyset} \overset{v}{s}ig$

peça de metal batido . dura, forte . em redondo . para dracma . negociar . (para dracma . dinheiro, para dracma . folha de prata)

$\overset{v}{r}q\overset{v}{\emptyset} \overset{v}{z}hl \overset{v}{\emptyset}l \overset{v}{\emptyset}rk \overset{v}{s}ig$

peça de metal . brilhante . destinada . a estimar, avaliar . negócio, dinheiro, folha de prata

rqø zh øl øqr/qb bqø šig

peça de metal batido esta para arrancar, resultar dracma negócio, dinheiro; para arrancar, valer dracma negócio, dinheiro; para arrancar, produzir dracma de negócio, dinheiro; para arrancar, pagar dracma de negócio, dinheiro; para arrancar, pagar salário de dracma de negócio, dinheiro

rqø/ørb zh øl øbwr/bqø/dbr šig

placa de metal batida . esta . negocia o preço . do dracma . dobra . de prata dinheiro

A.26

O ELEFANTE



OSI

↑ ↗ ↖ < ▽ ▢

↑	↗	↖	<	▽	▢
i	n	a/s	l	d	h
ig				b,r	
pil					

- 1.1

6 5 4 3 2 1

Numa face, um génio ou anjo caminhante ostenta uma grinalda de flores sob a qual consta em caracteres latinos OSI, enquanto com a outra mão leva um ramo de palmeira ao ombro. Na outra face, um elefante caminha sobre uma ponte de madeira sugerida pela disposição da inscrição. A palmeira ao ombro em forma de estandarte ou de arma é um emblema fenício para a ideia de guerreiro ou caudilho fenício.

Segundo os autores, a moeda data aproximadamente de 50 anos a.C. Foi o tempo da resistência dos Ibéricos contra Roma conduzidos por Sertório (m. 72 a.C.) que sublevou a Península e a governou com forte apoio popular. Para os Ibéricos da época, Sertório foi o «Segundo Aníbal, o Novo Aníbal», no dizer dos próprios historiadores romanos, e isso aparece na inscrição.


Lembremos que o exército com que Aníbal, cento e cinquenta anos antes da moeda (Segunda Guerra Púnica), invadiu a Itália e tentou conquistar Roma, era constituído na sua maior parte por soldados ibéricos (destacando-se pelo seu entusiasmo os Galegos e os Lusitanos) e que foi no sul de Espanha que ele preparou a expedição contra o Império. Sabe-se também que a grande inovação desta guerra, o seu «cartaz publicitário» como diríamos hoje, foi a utilização de elefantes trazidos da África central para Espanha. Daí vem o interesse do elefante na ilustração. Na época da moeda, o «cartaz do elefante» só podia fazer recordar Aníbal e evocar forçosamente a simpatia por Aníbal, promovida pelo antigo partido de Aníbal, pelos saudosistas da guerra cartaginesa (nem existe outra razão para fazer figurar um elefante numa moeda ibérica). Por outro lado, Sertório, o Segundo Aníbal procedeu estrategicamente do mesmo modo que o Aníbal cartaginês, unindo o norte ocidental da África (actualmente Marrocos e Mauritânia) e a Península que, por dedução, teriam afinidades, a mesma cultura. A presença de Sertório fez-se sobretudo marcar no sul de Espanha, donde provém a moeda.

O [1] é um **het** no estilo «fenício moderno» (costuma ser substituído pelo **gimel**); o [4] é um **shin** no mesmo estilo talvez fundido com o **alef**; o [6] é um **yod** que, em leituras complementares, se pode associar ao **gimel** (**ig, gi**), ao **lamed** (**il, li**) e ao **pê** (**pi, pil, pig**). O termo fenício (hebraico) para «elefante» aparece três vezes nesta inscrição: *hb, šn, pil*, e «grinalda» duas vezes: *gdl, lih*.

Sob a grinalda e a alegoria da «Vitória», a palavra **OSI** (em escrita latina como há outros casos nestas moedas), aponta imediatamente para:

øsi – forte, valente; firmeza, força, auxílio; minha força, meu auxílio

Quanto à inscrição (associada à grinalda e ao elefante) proporcionam-se as leituras imediatas seguintes:

[1]  equivalente a **gimel**

gdl ^v sn	– grande . elefante (dente de elefante, marfim)
gdl ^v sn	– grinalda . dente de elefante
gdl ^v sni	– grande . segundo [i.e . Sertório]
gd ^v lsni	– felicidade . ao segundo
gdl ^v lsni	– grinalda . para o segundo
gdl ^v lsni ia	– grinalda, louvor . ao segundo . é justo, é adequado
gdl ^v sn ia	– grinalda . para o elefante . é justo, é adequado

Leituras complementares:

gdl ^v lsn lih	– grinalda . ao dente de elefante . grinalda
gdl ^v sn pil	– grande . dente de elefante . elefante (ac.)
gdl ^v lasni	– grinalda . para o homem
gdl ^v asni	– grande . homem
gdl ^v sni	– grande . da segunda (o grande . segunda vez)
gdl ^v sni ih	– grande . segundo . irmão, fraternal (ug.)
hd ^v dll sn pil	– elefante . condutor (ug.) . dente de elefante . elefante
agd ^v lsn ia	– a tropa, a associação . do elefante . é justa, conveniente

Poderá ser uma expressão de pesar ou de luto (Sertório assassinado em 72):

gdl l^vni	– grinalda . para o mudado, para o que partiu, que deixou (ug.)
gdl l^vni igh	– grinalda . para o segundo . pesar, desolação, afastamento (saudade)
gdl l^vsn nih	– grinalda . para o segundo . paz, sossego
gdl s^vn ni	– louvor/grinalda . elefante . lamentação
gdl s^vni ni	– louvor/grinalda . segundo . lamentação

[1] = **het**:

Se entendermos que a ortografia da região e da época correspondia ao hebraico, e sendo o primeiro símbolo um h.et, a leitura imediata varia um tanto (passando as leituras «grinalda» e «grande» para uma compreensão secundária).

h^vr l^vni	– livres, nobres . com o elefante/com o segundo
h^vdl s^vn igh	– cessou [morreu] . o segundo/o elefante . desolação, tristeza
h^vdl s^vn ni	– cessou, desistiu [morreu] . o segundo . lamentação
h^vbl lanih	– marinheiro, associação . da frota
ah^vd l^vni	– unir-se (ug) . ao segundo/ao elefante (solicitação política)
ah^vd l^vni	– tropa . com o elefante (memorial ou solicitação política)
ah^vr l^vni	– seguir, atrás . do segundo/elefante
h^vbl s^vni	– associação, grupo [partido?] . do segundo/do elefante
h^vbl s^vni	– região, terra [país?] . do segundo/do elefante
h^vdl s^vni	– mundo [país?] . do segundo/elefante
h^vbr l^vni	– companheiro, camarada . do segundo/do elefante
h^vbr l^vni	– aliar-se, unir-se . ao segundo/ao elefante
h^vrb l^vni	– combater . com o elefante/segundo
ah^vd lwh as^vni	– colectividade (ug.) de união/permuta . dos homens (modo de reconhecimento dos membros de uma colectividade masculina, uma <i>tiarse</i> , uma <i>marzeah</i> fenícia muito em voga na Península desse tempo?)

Finalmente, refira-se que **s^vn**, «elefante, dente de elefante» por um lado e «segundo» por outro, também significa «pico de montanha, pedra alcantilada» contribuindo para sugerir ainda mais a homérica passagem de Aníbal e dos elefantes pelos Alpes.

Este objecto pode não ter sido uma moeda mas um emblema de adesão, memorial, ou instrumento de identificação com uma associação ou *marzeah*. Para além do [4] que costuma referir-se a uma **peça** ou **ass**, não encontro possibilidades de a inscrição conter uma mensagem monetária.

Moisés Espírito Santo*

A chamada escrita ibérica: decifração de três inscrições púnicas de Espanha

Conhecem-se, encontradas na Península, várias centenas de moedas pré-romanas legendadas e muitas inscrições em lajes e penedos; as lajes são particulares ao Alentejo (podemos vê-las em alguns museus) e chegam a datar do séc. VIII-VI aC¹. As moedas datam de um período que vai, *grosso modo*, do séc. IIIº aC. ao início da nossa era, segundo os autores; as encontradas em Espanha vão sendo catalogadas enquanto as de Portugal estão dispersas, menosprezadas (ou desaparecidas) e não classificadas (salvo erro da minha parte).

Os autores dizem que essas legendas monetárias e outras inscrições ibéricas pré-romanas são da escrita e língua celtibéricas. Todos reconhecem ignorar qual língua seja essa, mas isto não os impede de discorrer sobre ela. Há quem diga que a escrita é de origem nórdica (tal como a língua seria “celta”, germânica) mas aí há uma preocupação ideológica que pretende associar a cultura ancestral dos Ibéricos aos Germanos, ideologia pan-germanista que vigorou em Portugal dos fins do século passado até aos meados do nosso (e ainda vigora em certas escolas). Jurgen Untermann² que comparou cerca de duas centenas de legendas monetárias³ com os topónimos onde as moedas foram encontradas, formou outras tantas palavras, classificadas como sendo da suposta língua celtibérica, mas reconhece que não encontra significação para essas palavras em qualquer língua que seja. A razão científica obriga-nos a perguntar: se não se encontra significação para as palavras, como poderá alguém identificá-las? O trabalho de Untermann tem o mérito indiscutível de constituir um levantamento fotográfico das moedas e das respectivas inscrições.

Falta portanto decifrar a escrita e descobrir a língua. Os linguistas portugueses dizem que os Lusitanos, introduzido o latim, esqueceram a sua língua maternal e Leite de Vasconcelos sugere que, para a conhecer, temos de “esperar pelo Édipo”. Critiquei noutros trabalhos esta proposta obscurantista apontando métodos pelos quais se descobre uma língua dominada por outra e proscrita⁴.

* Director de *Mediterrâneo*.

O problema encontra-se nesta situação: 1) As inscrições são ilegíveis porque se desconhece a escrita. 2) Sem a tradução noutra língua (inscrição bilingue) as inscrições não podem ser interpretadas.

Quanto à escrita, verifica-se, mesmo por um olhar rápido, que algumas estão em caracteres fenícios⁵. Quanto à necessidade da tradução, essa resolve-se deste modo: três dezenas de moedas comportam ilustrações estranhas, por exemplo: homem com o queixo demolido, com uns botões na boca ou um anzol diante da boca; uma mulher com três ganchos no cabelo, um cavalo com um cesto na boca, um elefante e um gênio a oferecer uma grinalda, um cabrito saltitante, um galo cujo canto constitui a legenda, um cão ladrador, um boi magestoso, uma esfinge, um arado e espigas de trigo, etc. As legendas terão alguma relação com essas estranhas ilustrações; sendo fenícia a escrita, é natural que a língua também o seja relacionada com o império cartaginês; algumas ilustrações assemelham-se a outras da Mauritânia Tingitana e da Numídia (actual Magrebe) na escrita e língua púnicas⁶. De facto, demonstra-se que o texto se reporta à ilustração, **as inscrições funcionam como legendas das respectivas ilustrações**. Na prática, a ilustração desempenha a função de tradução.

Permito-me lembrar que a língua dos Fenícios e dos Cartagineses era a língua cananita (de Canaã) que é o hebraico bíblico em associação com glossários conhecidos por *aramaico*, *acadiano* (ou *acádico*), *assírio* e *ugarítico*, antigas línguas ou dialectos da Síria-Canaã, irmãos (ou que estão na origem) do hebraico bíblico, sendo o hebraico e o ugarítico os mais documentados nos nossos dias⁷.

No *Primeiro Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica* organizado em Lisboa em 1991 pelo Instituto Mediterrânico da Universidade Nova de Lisboa apresentei a solução de nove dessas inscrições, publicada no N^o 1 desta Revista *Mediterrâneo* (Out. 1992). Apresento aqui mais três.

A estranha ilustração é quem nos guia na interpretação da legenda. Mas existem alguns problemas quanto à escrita: 1) À primeira vista, alguns signos não constam dos modelos da escrita fenícia conhecidos: descobre-se depois que são associações de letras, letras anexadas, espécie de anagramas (casos que não se verificam nas três moedas que vou interpretar). 2 - Os signos podem sugerir duas ou mais letras: são arranjos astuciosos destinados, precisamente, a confundir duas ou mais letras e a intenção é: a) - fazer ler o signo tantas vezes quantas as possibilidades oferecidas por ele; b) - distorcer os signos a fim de que a inscrição se possa ler e tenha determinada significação nos dois sentidos, esquerda-direita e direita-esquerda. Deste modo as significações multiplicam-se e sempre apoiadas pela ilustração. Isto é, lida de relance, ou soletrando, a legenda dá a ideia geral da ilustração e seria assim que a liam os pouco alfabetizados; os mais instruídos, observando mais atentamente os artifícios dos signos, procuravam outras possibilidades de leitura, descobriam mensagens com conteúdos mais sofisticados, monetário, cultural, político, etc., sempre guiados pela ilustração. A astúcia destes gravadores-linguistas era admirável.

Para além do valor de troca, a moeda era um meio de comunicação, transmitia regras culturais e favorecia o uso da língua. Seríamos assim tentados

a pensar que se tratava tanto de peças monetárias como de um método de aprendizagem da língua, lembrando os métodos de alfabetização que consistem em apresentar situações comuns com uma frase alusiva. Não se conhece (que eu saiba) nenhum caso semelhante na história da numismática.

Para os não conhecedores da língua hebraica (ou cananita) que foi a dos Fenícios e dos Púnicos, digamos que ela se diferencia das línguas ocidentais em muitos pontos como: 1º - A antiga escrita não individualizava as palavras, uma frase aparecia toda ligada. A língua era concebida para a oralidade; para individualizar as palavras era necessário recorrer à oralidade. 2º - A escrita não comporta os sons a que chamamos vogais, tem apenas consoantes⁸; os sons vocálicos só aparecem na oralidade. Adoptando sons vocálicos diferentes para as mesmas consoantes, as palavras adquirem significações diversas mas próximas⁹. 3º - A genuína significação da língua está nas consoantes; quanto mais próximas forem foneticamente mais o serão semanticamente; 4º - As palavras são plurisemânticas: nos dicionários, uma palavra apresenta-se com significados diversos que, na prática, podem ser complementares.

A língua cananita falada pelos Fenícios (e por outros povos muito para além das fronteiras da Fenícia-Canaã) e pelos Púnicos tem outras características, relativamente ao hebraico, como: 1ª - Sendo o glossário sensivelmente o mesmo do hebraico bíblico, “não é possível fazer uma ideia do vocalismo fenício, púnico e neo-púnico, uns sons vocálicos podiam equivaler a outros; o *Ayin* (que é consoante em hebraico) passa ao som vocálico *Ô*¹⁰. 2ª - As sibilantes *Zain* (Z), *Sameq* (S), *Tsadê* (S) e *Shin* (S) confundem-se, podendo estar umas pelas outras “criando uma verdadeira desordem”¹¹. 3ª - As dentais *Tet* (T) e *Tau* (T) confundem-se; as palatais *Qof* (Q) e *Kaf* (K) podem equivaler-se. 4ª - As guturais *Guimel* (G) e *Het* (H) também se podem substituir. A partir destas particularidades, face a uma inscrição fenícia ou púnica, devemos testar as várias hipóteses para os sons vocálicos, as sibilantes, as guturais e as palatais. No caso das três legendas que vou interpretar, percorridas as múltiplas hipóteses, constata-se que todas as versões adquirem sentido relativamente à ilustração.

Digamos ainda que as escritas semitas (família em que se inclui a cananita) lêem-se da direita para a esquerda; esta regra não foi geral entre os Fenícios; textos antigos há que estão escritos da esquerda para a direita.

A escrita fenícia, que é a primeira escrita fonética da Humanidade donde procedem a grega e a latina¹², não é uniforme: conhece-se um leque de estilos ou grafias, variações que se relacionam com as épocas, as regiões e os suportes de reprodução. No nº 1 desta Revista e em anexo do *Dicionário Fenício-Português* apresentei os vários estilos do abecedário fenício que vão do “fenício antigo” (sec. XIº aC.) ao “neo-púnico” (sec. Iº dC) passando pelo “aramaico antigo”. Na decifração das legendas que se seguem é a esses vários estilos que me refiro; remeto os leitores para as reproduções dos estilos publicadas naquelas duas publicações, abstenho-me de as repetir aqui.

NOTAS

- ¹ É com essa data que Varela Gomes classifica uma inscrição gravada em pedra que ele designa por “Heroicização na Iª Idade do Ferro do Sudoeste - *Smiting Gods* (deuses ameaçadores)”, *Rev. Estudos Orientais*, Instituto Oriental, U.N.L. Lisboa, 1990, pp. 83-85 e que eu traduzo no Anexo do *Dicionário Fenício Português* (cf. Bibliografia) e no nº 1 da Revista *Mediterrâneo* (“O Herói”).
- ² Jurgen Untermann, *Monumenta Linguarum Hispanicarum*.
- ³ O mesmo espécime de moeda pode aparecer com diferentes versões de legendas.
- ⁴ A sugestão de “esperar pelo Édipo para recorrer à esfinge”, de L. de Vasconcelos (*Religiões da Lusitânia*, vol. II, p. 86), é obscurantista porque coloca a Ciência ao nível da adivinhação. Em trabalhos anteriores demonstro que os Lusitanos falaram a língua dos Fenício-Púnicos. Prova-se pela descodificação das expressões idiomáticas portuguesas que não têm origem no latim (também segundo o Cardeal Saraiva, *Ob. Compl.*, v. IX, p. 189) e a decifração dos topónimos pelo método etnológico que é o único fiável, contraposto ao método clássico ou literário utilizado pelos filólogos -M.E.S., *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, Seguido de *Ensaio Sobre a Toponímia Antiga*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1988, *Fontes Remotas da Cultura Portuguesa*, As. e Alv. 1989, *Dicionário Fenício-Português*, Inst. de Sociol. e Etnol. das Religiões da Un. Nova de Lisboa, 1993. Trabalhos como o que consta das páginas que vão seguir-se são tanto mais novidade quanto é verdade que a historiografia portuguesa ignorou até 1988 que a língua dos Fenícios e dos Púnicos era o hebraico, tal como ignorava que os Fenícios eram o povo a que a Bíblia chama Cananeus.
- ⁵ Untermann parece ignorar a escrita fenícia, não se refere a ela.
- ⁶ Cf. Jean Mazard, *Corpus Nummorum Numidiae Mauritaniaeque*, Paris, Arts et Metiers Graphiques, 1955.
- ⁷ Conhecem-se glossários acadianos do sec. XX aC. e abundantes textos de Ugarit (hebraico antigo) do séc. XV aC. A língua acadiana chegou a ser uma língua internacional, de negócios, no Mediterrâneo oriental.
- ⁸ O *Alef* (transcrito neste trabalho por *A*), o *Ayin* (transcrito *O*) e o *Yod* (*Y*) são considerados consoantes, pronunciados com uma aspiração; podemos pressupôr que as vogais fossem marcadamente “fechadas”, como *â*, *ô*, *êu*, *âi*.
- ⁹ Os textos modernos, desde o trabalho dos *Massoretas* (“pontuadores”), sugerem as vogais latinas sob a forma de pontos e de traços sob ou dentro das consoantes.
- ¹⁰ A. Van Den Branden, *Grammaire Phenicienne*, pp. 11-13.
- ¹¹ A. Van Den Branden, *o.c.*, p. 7.
- ¹² O contributo dos Fenícios para a escrita consistiu em duas proezas: a) isolamento das consoantes e das vogais (20 ou 22 consoantes fenícias, conforme as épocas), b) adopção de um signo gráfico e simples para cada consoante. Temos então a escrita fenícia. Esta última inovação data do sec. XIº aC. e teria sido difundida a partir de Biblos. Até então as escritas eram idiográficas e cuneiformes. A língua de Ugarit ou de Ras Shamra (cananita ou hebraico antigo) de que se conhecem abundantes textos (sec. XV aC.), foi escrita em cuneiforme mas já utilizava a seriação fonética (a cada consoante era atribuída uma composição gráfica cuneiforme). Sobre a língua e a escrita de Ugarit, ver: Del Olmo Lete,

Mitos y Leyendas de Canaan según la Tradition de Ugarit, Madrid, 1981; Caquot et Sznycer, *Textes Ougaritiques, Mythes et Légendes*, Paris, 1958; Gordon Cyrius, *Ugaritic Textbook - Texts in transliteration cuneiforme selections* (2. Vol: *Glossary, Grammar*), Roma 1967.

MOEDA DO TOURO



ARSEETAR








É uma moeda de Sagunto, antiga cidade púnica (perto da actual Valença). A conquista de Sagunto pelos Cartagineses que haviam assinado com os Romanos um tratado de não-agressão, provocou a Segunda Guerra Púnica (202 aC.). Esta moeda assemelha-se a outros exemplares encontrados na região e é datada de cerca de 200 anos aC. É classificada pelos numismatas como um *Asse*. Representa um boi caminhante com a face magéstosa (antropomorfizada) virada para o leitor. Jurgen, no seguimento de outros autores, diz que está na escrita e língua celtibéricas e que a legenda se lê **ARSEETAR**, sem encontrar significação para tal termo¹. A escrita é claramente fenícia², nos estilos “fenício antigo”, “aramaico antigo” e “fenício moderno”. Os dois últimos signos permitem identificar a inscrição: **TR** (**Tôr**), do ugarítico e do aramaico, que significa **ouro**.

ⲡ	ⲃ	Ⲥ	Ⲧ	ⲧ	Ⲙ	ⲉ
Q	R	N	S	S	T	R
	B	M	A	A		B
	D		AS	AS		D
			SA	SA		
1	2	3	4	5	6	7

Alguns signos estão distorcidos de modo a comportarem sucessivas leituras. O 1 só pode ser *Qof* (Q). O 2 pode ser *Resh* (R), *Bet* (B) e *Dalet* (D). O

3 é um compromisso entre *Nun* (N) e *Mem* (M), são os dois³. Os 4 e 5, iguais, são compromissos entre *Alef* (A) e *Shin* (S) (cf. o *Alef* e o *Shin* dos estilos “aramaico antigo” e “fenício moderno”); o efeito é de poderem ler-se sucessiva e indistintamente *AS*, *SA*, *SASA*, *ASAS*. O 6 é *Tau* (T). O 7, como o 2, pode ser *Resh* (R), *Bet* (B) e *Dalet* (D).

Os paradigmas dos signos “comprometidos” são:

R -		S -	
B -		A -	
D -			
N -			
M -			

Lida da esquerda para a direita a inscrição legendeia a ilustração; da direita para a esquerda dá o valor da moeda.

Obs.: Sem outra observação, as significações são do hebraico bíblico. A estrutura do vocábulo (constituído por consoantes) é transliterada em maiúsculas sendo os sons vocálicos (relativamente aleatórios) transcritos pelas vogais latinas em minúscula.

A - Leitura da esquerda para a direita

Admitindo para o signo 2 o *Resh* (R) e para o 3 o *Nun* (N):

QaRN⁴ AS⁵ Sa⁶ ToR⁷ - corno/tem chifres . fundamenta . que é . touro
QaRN Sa ASA⁸ ToR - corno . que é . armação do telhado . de touro
QaRN ASaS ToR - ter chifres . encoraja . touro
QRA NaS Sa ToR - evoca, invoca . sinal ou bandeira . que é . touro
KaRh NeSah⁹ ToRh¹⁰ - negoceia . crédito . de lei

Admitindo para o signo 3 o *Mem* (M):

QRA MaSeSa ToR - convida a . agarrar, puxar, pegar no . touro

Admitindo para o signo 3 valor N+M:

QaRN MaSeSa ToR* - corno . agarrar, pegar no . touro
QaRN MaSôá AS ToR* - corno . carregar . que é . touro

Admitindo para o signo 2 o *Bet* (B):

QaBu NeSah AiS ToR - diz . o sinal, a bandeira . há . touro
QaBu NeSah SA ToR - diz . o sinal . que é . touro
QoBô NeSah¹¹ AS ToR - capacete . levantado . fundamenta . touro

QoBô MeSaS ToR	- capacete . de pegar . touro
QaBu¹² MeSah ToR	- diz . pegar, agarrar/creditar, penhorar ¹³ . touro
QaBu MeSaS ToR	- diz . pegar . touro

Admitindo para o signo 2 o *Dalet* (D):

QaDaM AS Sa ToR	- frente, dianteira . fundamenta . que é . touro
QaDaM MeSaS ToR	- à frente . agarrar, pegar no . touro
QaDaM MeSaS Sa ToR	- avançar, para a frente . agarrar . que é . touro

B - Leitura da direita para a esquerda:

R	T	S	S	N	R	Q
D		AS	AS	M	B	
B					D	

Valor da moeda:

ReT¹⁴ SaS¹⁵ MRÂQô¹⁶	- fixa/selo/governo . ganho . em chapa de metal (moeda)
ReT AS Sa MBéQ (M-BéQ)	- fixa/selo/governo . fundamento . que é . para o Beca
RuT¹⁷ AS Sa MBéQ	- medida . fundamento . que é . para o Beca
RôT¹⁸ Sa AS MBéQ	- intenção . que é . fundamento . para Beca
DaT¹⁹ SâS MBéQ	- informa. ganho . para Beca
DuT²⁰ Sa AS MBéQ	- tem valor, personalidade . que é . fundamento . para Beca
DaT Sa AS MBéQ	- informa . que é . fundamento . para Beca
DuT Sa AS MiN BéQ	- valor . que é . fundamento . contar, avaliar . Beca
DuT AiS SeM²⁰ BéQ	- valor . é . preço . Beca
BaT ASSuM²¹ BéQ	- fala . em favor, por causa do . Beca

O *BeQ*, *Beca*, era uma moeda fenícia (e hebraica) equivalente ao meio Siclo (5,7 g.) e equiparada ao Dracma (Gênesis 24:22, Êxodo 38:26). Note-se a variedade dos termos para *preço*, *ganho*, *valor*, *medida*, *selo*...

Asse é o nome dado à moeda pelos numismatas referenciados por Untermann. Este vocábulo, do sistema romano, não consta dos glossários cananitas mas terá sido usado no sistema púnico. Pode encontrar-se na inscrição:

DuT ASS SeM BéQ*	- valor . Asse . preço, compra . Beca.
DuT ASS MBéQ*	- valor . Asse . para Beca
DuT ASSuM BéQ*	- valor . em favor do . Beca
DuT ASS AMN BéQ	- valor . Asse . confiança, fidelidade . Beca
ReT ASS MBéQ	- fixa/selo/governo . Asse . para Beca

* Note-se a homofonia dos diferentes vocábulos que conduzem à mesma significação.

As moedas antigas tinham uma correspondência ou equivalência com pesos e com medidas. Procedendo a uma leitura e pronúncia rebuscadas podemos encontrar nesta inscrição regras ou talvez mnemónicas de equivalência a medidas/pesos; lendo da direita para a esquerda: **R T S S N R Q**:

RâTâS SeA HeN ReQ - dividir . *Seá* . *Hen* . esvazia (i.é., dividindo o *Seá* pelo *Hen* nada resta).

O *Hen* era uma medida de líquidos (7,5 litros) e o *Seá* uma medida de secos (15 litros). Numericamente, o *Hen* valia metade do *Seá*. Outra fórmula seria:

DuT SeA/SeN/HeN ReQ - valor . *Seá*/duplo/*Hen* . esvazia (i. é: $15 = 2 \times 7,5$).

Talvez comporte ainda uma equivalência algébrica, espécie de mnemónica, entre moedas e pesos. Lida da esquerda para a direita: **Q B M S S T R**

QaB MeSeS (M-SeS) STâTeR - *Cabe* . por seis . *Stater* (i.é., o *Cabe* multiplicado por seis é *Stater*: $2,5 \times 6 = 15$).

O *Cabe* era uma medida de secos valendo 2,5 litros; o *Stater* era uma moeda também chamada *Siclo* de Tiro e *Tetradracma* que pesava exactamente 14,40 gramas²³.

NOTAS

¹ Jurgen Untermann, *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, pp.224-233. Cito apenas este autor. Jurgen cita os autores que a elas se referiram. As reproduções das moedas e das legendas apresentadas aqui são extraídas da obra de Untermann.

² Testar pelas reproduções dos alfabetos fenícios que reproduzi no 1º Número de *Mediterrâneo*.

³ O *Mem* (*M*) e o *Nun* (*N*) podem substituir-se, em hebraico.

⁴ *QaRN*, *QaRNu*: acadiano, “corno”; hebraico, “ter chifres” e “resplandecer”.

⁵ *As*: do aramaico, “fundamento”.

⁶ *Sa*: do acadiano, “o qual, o que, do qual se diz que; pois, porque”.

⁷ *TR*: “touro”. Ugarítico: *TR* (leitura *tôr*, *tjor*). Aramaico: *TR* (*tor*).

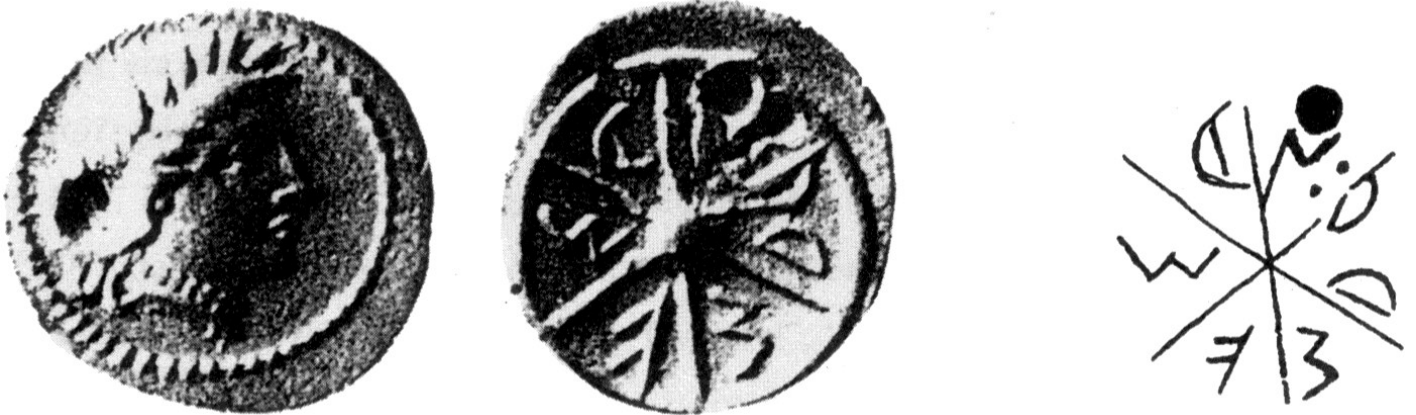
⁸ *ASA*: do aramaico, “armação do telhado”.

⁹ *NSa* (*NeSá*): em ugarítico, “levantar, arrancar, desgarrar”; em hebraico, “erguer, levantar, agarrar, carregar com”, e “emprestar, credor, usurário”. *MSa* equivale a *NeSá*, *M* e *N* podem equivaler-se.

Moisés Espírito Santo

- ¹⁰ *ToRaH*: hebraico, “instrução, norma, lei”.
- ¹¹ *NeSa (nesah)*: do ugarítico, “alçar, levantar, carregar com”.
- ¹² *QaB*: do acadiano e do aramaico, “dizer, declarar, ordenar”.
- ¹³ *MeSá*: hebraico, tanto significa “pegar, carregar” como “penhorar, creditar”.
- ¹⁴ *ReTT*: acadiano, “selo, mão, punho”. *ReT*: acadiano, “fixar” e “governo”.
- ¹⁵ *SaS (SS)*: ugarítico, “despojos, ganhos de guerra”.
- ¹⁶ *RQô, RâQô*: hebraico, “bater com martelo, malhar em metal, fazer chapas”; *RaQ*: ugarítico, “chapa batida”. *MRaQô (M-RaQô)*: “em chapa de metal batido”.
- ¹⁷ *RuT* era o nome duma medida acadiana.
- ¹⁸ *RôT*: púnico, “intenção”.
- ¹⁹ *DaT, D'T*: ugarítico, “conhecimento, informação, comunicado”.
- ²⁰ *DT, DuT*: ugarítico e acadiano, “ser, ter personalidade, ter valor”.
- ²¹ *SeM*: acadiano, “preço”; “fixar”; “ser favorável”; “escutar”.
- ²² *ASSuM*: acadiano, “por, por causa, em favor de”.
- ²³ Para as medidas e pesos fenícios e hebraicos, as informações são da *Bíblia de Jerusalém* (pp. 1831-1832).

MOEDA DE SEIS LINHAS

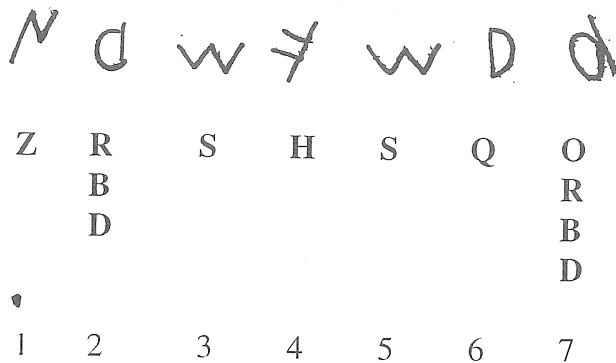


É igualmente uma moeda de Sagunto, datando de cerca de 200 aC. segundo uns ou de 100 aC. segundo outros, da mesma família ou tipo que a do Touro. Untermann propõe que a inscrição, na escrita celtibérica, se lê **ARSESKEN**, sem significação conhecida¹.

Está dividida em seis partes com um signo em cada uma, salvo numa que tem dois. Os dois pontos (:) significam que é aí que acaba/começa a frase; a leitura deve partir daí; no hebraico bíblico, é o sinal de separação das frases (actuais versículos) tanto mais que, como se disse, não havia separação de palavras. No verso consta uma personagem com um diadema que, de acordo com outras gravuras fenícias, representa o deus Baal, o Sol.

Tanto pode ter sido uma moeda como um amuleto ou feitiço e está furada para se dependurar. Se foi moeda, seria um **Beca** ou meio siclo (5,7 gramas) correspondente ao **Dracma** e ao **Asse** de prata.

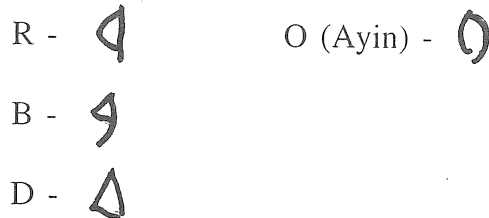
A escrita é inconfundivelmente fenícia, estilos “monumental”, “cunha”, “aramaico antigo” e “fenício antigo”, os mesmos que os do Touro com outros artifícios gráficos.



O signo 1 é *Zain* (Z); o 2 pode ser *Resh* (R), *Bet* (B) e *Dalet* (D); o 3 é *Shin* (S); o 4 é *Hê* (H, E); o 5 é *Shin* (S); o 6 é *Qof* (Q); o 7, rotundo ou oval, é *Ayin* (O) mas como tende para o triângulo pode também ser *Bet* (B), *Dalet* (D) e *Resh* (R).

Os signos 3, 4 e 5 formam **SHS** (leitura: *ses*) que, em hebraico (antigo e bíblico) assim como em acadiano, significa “seis”: é número das linhas divisórias. Esta circunstância permite descobrir toda a legenda. O diadema da figura também é referido na inscrição.

Paradigma dos signos “comprometidos”



Sendo arbitrário o uso das sibilantes **Z, S, S, S**, “uma verdadeira desordem”, somos forçados a testar as várias hipóteses. Atendendo à permuta das sibilantes e aos artifícios gráficos, a inscrição proporciona muitas leituras e todas condizentes com a gravura; umas referem-se a amuletos e a maldições, outras a um valor monetário.

A - Leitura da esquerda para a direita com todas as hipóteses para os signos 2 e 7:

- ZeR² SeS QÔ** - moeda . de seis . linhas, medições, extensões
- ZaRh³ SeS QÔ** - medir, dispersar . seis . linhas
- ZaRh SeS QaDh** - dispersar . seis . inflamações, lumes (cf. figura)
- ZeR SeS QaB** - moeda . de seis . ditos, dizeres, maldições
- SeD⁴ SeS QÔ** - correr . seis . linhas, medidas, extensões
- ZeR SeS QaD** - voltear . seis . ajuntamentos, conjuntos
- ZeR SeS KaD** - moeda . de seis . quartilhos, cântaros

- ZeR Sâ SeQaR** - moeda . que é . de enganar
ZeR SeS QuB⁵ - moeda . de seis . lamentações
ZeR SeS KuB⁶ - moeda . de seis . demónios
ZeR Sâ SeQaD⁷ - moeda . que é de . estar alerta, definhado, emagrecido
SeR⁸ SeS QaB - inimigo/atacar/veemência . seis . maldições

Outras soluções, abreviando:

- SeR⁹ SeS...** voltas . seis...
ZôR SeS... apertos, desvios . seis...
SeD SeS... flancos . seis...
SâB SeS... olhadelas . seis...
SeDD SeS... sulcos . seis...
 ...**SeS QaRh** ...seis . exposições, caras, faces
 ...**SeS QeRá** ...seis . evocações, invocações
 ...**SeS QôRh** ...seis . vigas, esteios
 ...**SeS QôR** ...seis . fios (ou cavas)
 ...**SeS KâR¹⁰** ...seis . ordens, plataformas, cais, diques, entrepostos.
 ...**SeS KaRh** ...seis . cavas (ou compras, negócios)

B - Leituras da direita para a esquerda:

Z	R	S	H	S	Q	O
	B					R
	D					B
						D
1	2	3	4	5	6	7

Adoptando para o signo 7 o **Ayin (O)**:

- OuQ¹¹ SeS RaS** - sulcar, oscilar . seis . barras
OuQ SeS RuZ - sulcado . seis . corridas, competições, vezes
OuQ SeS BeSô - sulcado . seis . cortes, retalhos, paragens (e lucros ilícitos, prejuízos)
OuQ Sa SeBaS - sulcado . que é . enxadrezado (tecido em cruz)
OuQ SeS DâZ/DaS - sulcado . seis . saltos/voltas
OuQ Sa HeS¹² RuZ - oscilar . que é . mexer, perturbar . correr
OuQaS HeS RuZ - errado . confuso . correr
OuQ Sa¹³ HeS RôZh - impedido . eliminado . confuso . emagrecido

Adoptando para o signo 7 o **Bet (B)**:

- BéQ SeS BeSô** - beca . de seis . retalhos, cortes (ou prejuízos)
BéQ Sa SeBaS¹⁴ - beca . que é . enxadrezado, tecido em cruz, vertigem, ficar perplexo
BéQ Sa SeBiS - beca . que é . diadema (cf. figura da moeda)

BéQ SeS DôS	- beca . de seis . voltas, saltos
BéQ SeS RuZ	- beca . de seis . corridas, vezes
BéQ SeS ReSô	- beca . de seis . fendas
BéQ SeS RoZ¹⁵	- beca . de seis . mistérios, segredos
BéQa¹⁶ SeS Ruz	- fenda . seis . vezes
BôK SeS RuZ	- vaguear . seis . corridas
Bakh Ses RuZ	- chorar, prantear . seis . vezes
BêQô Ses RuZ	- planícies . seis . correr
BQô (B-Qô) Sa AiS RôZ	- na demarcação . é que . há . mistério
BQôu Sa AiS RuZ	- na expansão . é que . há . corrida
BQôu Sa AiS BeZô	- na expansão . é que . há . lucro
BôQâS HeS¹⁷ RuZ	- inquirir . para onde . correr

Adoptando para o signo 7 o **Dalet (D)**:

DaK SeS RuZ	- procurar . seis . corridas, vezes
DaK SeS BeSô	- golpeado . seis . cortes
DaQ SeS BeSô	- esmiuçado . seis . cortes

Adoptando para o signo 7 o **Resh (R)**:

RâQ SeS DôZ	- lâmina, malha, chapa de metal batido (moeda) . de seis . saltos
RâQ SeS DâS	- malha . de seis . voltas
RâQ SeS RuZ	- chapa, moeda . seis . vezes, corridas
ReQ SeS RuZ	- afastar . seis . vezes
RâQ Sa HeS RaZô	- chapa . que . perturba, destroi . furada
RâQâS¹⁸ SeS RuZ	- salta . seis . corre
RâQâS HeS RuZ	- salta . mexe . corre
RâQâS SeS RuZ	- salta . seis . corridas, vezes
ReQu SeS RôZ	- esconde . seis . mistérios
RâQâS SeR RuZ	- saltar . ver . correr

Outras fórmulas de pragas ou de esconjuros:

RâKâS¹⁹ SeS ...	- amarrar, ligar, dominar . seis...
RâKâS SeS ...	- adquirir, juntar, acumular . seis...
RaKS²⁰ HeS ...	- ligar . estar quieto...
RaKS HeS ...	- mensageiro rápido (eufemismo para “diabo”) . profundezas...

NOTAS

¹ Jurgen Untermann, *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, pp.224-223.

² ZeR: do púnico, “moeda” (de valor desconhecido).

- ³ *ZaRh*: hebraico, significa tanto “medir” como “espalhar, dispersar”.
- ⁴ *SeD*: ugarítico, “correr, caçar”.
- ⁵ *QuBu*: acadiano, “lamentação”.
- ⁶ *KuBu*: aramaico, “demónio”.
- ⁷ *SeQaD*: hebraico, “espreitar, estar alerta” e “estar definhado, emagrecido”.
- ⁸ *SR, SaR, SuR*: ugarítico, “atacar” e “veemência”; hebraico, “inimigo, angústia, estreiteza”.
- ⁹ *SeR*: do púnico, “voltas”.
- ¹⁰ *KaR*: acadiano, “mandar, ordenar” e “porto, dique, entreposto, cais”.
- ¹¹ *OuQ*: hebraico, “impedir”; “oscilar”; sulcar”.
- ¹² *eS (HS)*: acadiano, “fosso, profundez”; “perturbado, confuso”; “eliminar, destruir”; “mexer”.
- ¹³ *Sa, S'*: ugarítico, “eliminar”; é sinónimo do acadiano *eS*.
- ¹⁴ *SeBaS*: hebraico, “enxadrezado, tecido em cruz” e “vertigem”; aramaico, “ficar perplexo”.
- ¹⁵ *RôZ*: aramaico, “mistério, segredo”.
- ¹⁶ *BeQ' (BeQa)*: ugarítico, “fender, partir, abrir”.
- ¹⁷ *HeS*: acadiano, “para onde”.
- ¹⁸ *RaQaS*: ugarítico, “saltar”,
- ¹⁹ *RaKaS*: ugarítico, “amarrar, ligar, dominar”.
- ²⁰ *RakSu*, é do acadiano significando simultaneamente “mensageiro rápido” e “ligado” (verbo *rakas*).

MOEDA DA BALANÇA



Também é da Catalunha. Data de 200 aC. Foram encontrados até hoje, pelo menos, 107 exemplares. É classificada como *Dracma* (4,36 gr., aprox.) por uns e como *Denário* por outros. Untermann diz que a inscrição, celtibérica, se lê *ILTIRTA* e que, segundo ele, é o nome celtibérico de Lérída¹.

A gravura é um objecto em forma de balança com a flecha ou fiel ligeiramente inclinado para a direita. A inscrição estende-se no lado esquerdo da flecha enquanto no lado direito tem um **A** apontado para o centro (certas versões têm **MA**). Sob a balança anicha-se um animal que parece um cão. A escrita é genuinamente fenícia (estilos “fenício antigo” e “aramaico antigo”), e a língua é fundamentalmente o hebraico bíblico com alguns termos dos glossários acadiano e ugarítico.

					N	Λ	Ψ	Ϛ	X	
S	G	S	Q	T	S	G	S	Q	T	
1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	

O 1 é a forma do *Tsadê* (*S*) estilo “cunha” (cf. estilos “aramaico antigo”, “fenício antigo” e forma tipográfica moderna)²; pode equivaler ao *Zain* (*Z*) visto a arbitrariedade das sibilantes. O 2 é *Guimel* (*G*) que também se substitui pelo *Het* (*H*). O 3 é uma variante do *Shin* (cf. estilo fenício antigo e reprodução

tipográfica moderna). O 4 é *Qof* (Q) que também aparece substituído pelo *Kaf* (K); o 5 é *Tau* (T).

O 5 e o 4 dão **TQ** (vocalizado **TôQ**) que significa **no meio, pelo meio**; estes dois signos são quanto basta para descobrir o conjunto uma vez que a peça tem como ilustração uma balança.

Os signos não têm qualquer artifício ou distorção. Na oralidade diversas leituras são possíveis, aduzidas pelas variações vocálicas, e condizentes com a gravura.

A - Leitura da direita para a esquerda:

T Q S G S

1º - Leitura rudimentar, soletrando as letras:

Tau³ Ke Sêu⁴ Gh⁵ Sá/Sôh^{6*} - sinal . respeitante a . peso . foge . prato/inclina-se, agacha-se

Tô⁷ Ke Sêu HaSh - sinal . respeitante a . peso . divide ao meio

Tô Ke Sêu HaSi* - sinal . respeitante a . peso . dividir ao meio/flecha

Tô Ke Sêu Gh AZ - sinal . correspondente a . peso . foge . apressado, pressionado

Tô Qu Sa GôZ - sinal . de medida . que é . passado

* Note-se como **Sá** (ug.) “prato”, e **Sôh** (heb.) “inclinar-se” se adaptam à situação, e como **HaSi** (heb.) significa simultaneamente “metade, meio” e “flecha”. Dir-se-ia que os termos foram criados a partir de situações como estas.

2º - Leituras fluentes:

TôQ Sa HâS/HaSh -no meio, no centro . é que é . a flecha/repartir

TôQ SaG⁸ OS -no meio . desliza . a haste

TôQ Sa HuS⁹ -ao centro . é que é . o mercado, a praça

TôQ QaS GaZh -ao meio . limite . do corte¹⁰

TôQ QaSh HaSi -no centro . rigorosamente . dividir ao meio

TôQ Sa HaSS¹¹ -no meio . é que é . manter a distância, distribuir

E ainda estas regras morais:

TôK Sa Gah ÔZ -oprime . quem é . soberbo . insolente

TôK SêG ÔZ -oprime . raivoso . insolente

TôQy SaG HeS -apaziguar. luta. parar

TôQy SaHaS -apaziguar . fera (cf. o.cão sob a balança)

TôQ SaH HeS -no meio . dominar . quieto.

Os autores associam esta moeda, como a do Touro, ao *Assê*. Este nome pode encontrar-se na legenda. Soletrando:

- Tô Ke Sêu Ga¹² AS** - marca, sinal . correspondente ao . peso . de voz, dita . *Asse*
- Tu Ke Sêu Ga AS** - isto . corresponde ao . peso . dito . *Asse*
- Tô Qu¹³ Sêu Ga AS** - sinal . medida de capacidade . peso, trigo, semente . dita . *Asse*

B - Leituras da esquerda para a direita:

S G S Q T

1º - Leituras rudimentares, soletrando:

- SaH Sa Qô Tô/Ta¹⁴** - inclinar, baixar . que é . medida . sinal/atacar
- Zô Hôh Sa Qô Tôh** - isto . anuncia . que é . medida . desviar
- Zô Hôh¹⁵ Sêu Ke Tô** - isto . inclina . peso . relativamente ao . sinal
- SaGh Sa Qô Tô/Ta** - desviar-se, cometer um erro . que é . medida . sinal/atacar
- SaHa Sêu Qô Tô/Tôh** - declara . peso . medida . sinal/desviar

2º - Leituras fluentes:

- Zô Ga ASaQ¹⁶ KaT¹⁷** - isto . chama-se . de distribuir . aparelho
- ZôH Sa KaT** - desloca-se . o qual . aparelho
- ZôH Sêu KaT*** - desloca-se . peso . aparelho, marco, estrado, figura, recipiente**
- ZôH Sêu KaT*** - deslocar . vê-se . o aparelho

* Note-se como **Seu** (acad., leit. **xeu**) significa simultaneamente “vê-se” e “peso”

** Todos os significados de **KaT** são úteis.

3º - leituras mais elaboradas:

- SaHa¹⁸ ASaQ KaT** - evocação . divisão, distribuição. aparelho
- SaGH HaSuQ¹⁹ KaT** - observar . raio . aparelho
- Zh AH OSh QaT** - aquele . flanco . põe, trabalha, transforma, intervém . um pouco
- Sea HâSK QaT** - medida de cereal . retém, agarra, poupa, nega . um pouco
- SaH HaSôQ OôT*** - desvia-se, comete erro . travessa, verga . falsifica, torce
- ZôH HaSôQ AT^{20*}** - desloca-se . travessa . controle, sinal
- ZôH/Zôo HaSôQ QaT*** - desloca-se/treme . travessa . um pouco
- Sea HôS SaQ AT*** - medida de cereal . afasta-se . eleva-se . sinal, controle, ao lado
- Sa²¹ HaSQ HT/AT*** - prato . junta, liga . cai/sinal, ao lado, controle
- Zô HÔS SaQ²² KiT*** - isto . afasta, atenta . realçar, elevar . justiça, verdade

SôG HaS SaQ AT	- ordenar . quietude, sossego . elevação . controle, sinal, instrumento
Zh HaGh²³ AS Sa AK KTT^{24**}	- aquela . contagem . insignificante . é . obviamente . despedaçar

* Note-se a variedade de termos para a ideia de *desvio*.

** Quando as consoantes se prolongam (a última de uma palavra com a primeira da seguinte), sem prejuízo da vocalização, enriquecem e complementarizam a ideia.

Normas políticas possíveis:

SaH SâQâT	- pensamentos . tranquilidade, paz pública
SôH SâQâT	- desvio . paz pública
SeH²⁵ HaS²⁶ SâQâT	- revolta . necessita . tranquilidade
SaHa AS²⁷ SâQâT	- apelar, gritar . um pouco de . tranquilidade
SaHa HS SâQâT	- gritar . silêncio . tranquilidade, paz pública
Zh HaGh AS Sa AK KATT	- aquele . resmungo . insignificante . é . obviamente . turbulência
Zh AH OSh QaT	- aquele . irmão, vizinho, lado, flanco . põe, trabalha, transforma, intervém . um pouco
Zh AH GôS SaQ Ka HT/AT	- aquele . vizinho, lado, flanco . move-se ruidosamente, vomita, brama . sai, eleva-se . de modo que . cai/ao lado, controle.
SaH HaS SôK QôT	- desvio . tranquilidade . incita . nojo
SaH HôZ/HaZ²⁸ ZeKô²⁹ ÔuTh	- desvio . convenção, aliança/flecha . inocência . oprime

Aqui termino este contributo para o conhecimento da antiga cultura ibérica. Este sistema monetário original duplicado dum sistema linguístico surpreendente merecia um tratamento mais desenvolvido numa perspectiva pluridisciplinar, caso houvesse vontade científica para isso. Mas estamos cónscios de que se prefere continuar a pensar o passado ibérico em termos de “mistério” como o da Esfinge-Édipo que Leite de Vasconcelos sugeriu. O mistério é mais insinuante do que a luz, o mito mais vendável do que a verdade histórica, a repetição do saber curriqueiro mais confortável do que a inovação. Repercutir os dizeres dos “mestres” (sejam eles os etnógrafos provincianos do século passado) acarreta menos riscos do que a investigação.

NOTAS

¹ *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, pp.201-205. Para isso procede a entorses vários muito próprios dos celtizantes. Diz ele que a a inscrição se transcreve: = I = L = TI = R = TA (p. 131). O nome *ILTIRTA* entra aqui forçado. Não consta que uma

moeda tenha de mencionar o nome da cidade onde circulou. Qualquer etnolinguista dirá que *Lérida* não pode derivar de *Itirta*.

- ² Para efeitos da moderna reprodução tipográfica, os autores adoptaram caracteres próprios que se aproximam da forma dos signos fenícios.
- ³ *Taw, Tau, Tw* é a leitura da última letra do alfabeto fenício e hebraico (T) desenhado sob a forma de cruz (X); também significa “marca, sinal, assinatura”.
- ⁴ *Seu, Se’u*: do cadiano, significa sucessivamente “procurar, olhar, grão, medida de peso, trigo, semente, cevada”.
- ⁵ *Gh*: do ugarítico, “ausentar-se, fugir”.
- ⁶ *S’*: (leit. *sá*): ugar. “prato”; *Sôh* (leit. *tsouá*): heb. “estar em cadeias, curvar-se, agachar-se”.
- ⁷ *Tô (tw)*: hebraico, “marca, sinal”.
- ⁸ *SaG*: púnico, “deslizar”.
- ⁹ *HS (HuS, HâuS)*: do púnico, “mercado, praça”.
- ¹⁰ *Corta*: no fenício antigo, “contratar” significava “cortar”: *kort berit* “contratar, fazer um negócio ou uma aliança” (“*cortar* uma aliança”) porque se simbolizava (se “assinava”) pela divisão ao meio de uma comida.
- ¹¹ *HSS*: em hebraico, tanto significa “manter a distância” como “distribuir” e “pedrinha, cascalho”.
- ¹² *Ga, Go*, do ugarítico, “voz (dizer, chamar)”.
- ¹³ *Qu*: acadiano, “medida de capacidade, fio, cordão”.
- ¹⁴ *T’ (Tá)*: ugarítico, “atacar” como *Tô (Tôu, Tau)*, em hebr. significa “sinal, assinalar”.
- ¹⁵ *Hôh, Hwh*: hebraico, significa simultaneamente “informar, proclamar” e “inclinar-se”.
- ¹⁶ *ASaQ*: acadiano, “dividir, distribuir”.
- ¹⁷ *KaT*: do ugarítico, “estrado, tarimba, recipiente, figura, marco, objecto forjado (aparelho)”.
- ¹⁸ *SaHa*: ugarítico, “apelar, exclamar, convidar”.
- ¹⁹ Note-se que, em hebraico, *HaSuQ* significa “raio (de roda)” e *HaSoQ* “travessa, verga” que é o fiel da balança.
- ²⁰ *AT*: pode ter várias significações, em ugar., hebr., aram. e acad. e todas concordantes com a ideia de “medir” e “balança: *ATu* (acad.) “olhar, controlar” e “porteiro”; *AT* (aram.), “sinal”; *ATô* (ugar.) “vir, chegar, ir”. Em hebr. *AT* também significa “ao lado de” (coincidente com a ilustração) e “instrumento agrícola ou cortante” (que poderá ser a flecha da balança).
- ²¹ *Sa, S’*: ugarítico, “prato”.
- ²² *SaQu*: acad. “elevar-se, realçar, sair” e “beber”.
- ²³ *HaGa (HG)*: ugar. “contagem enumeração”; em hebr: “resmungo, gemido, monólogo”.
- ²⁴ *KTT*: ugar. “turbulência”; hebr. “triturar, despedaçar, dispersar”.
- ²⁵ *SeH*: acadiano, “revolta, rebelião”.
- ²⁶ *HaSh*: aramaico, “precisar, ser necessário”.

- ²⁷ AS: heb. (leit. *AiS*) “há, existe”; (leit. *eS*) “pouco, insignificante” e “fogo”.
- ²⁸ *HôZh*: hebr., “convenção, contrato” e “peito de animal sacrificado” (porque os contratos eram ritualizados com a manducação de um animal). *HZ (HaZ)*: ugar., “flecha” (hebr. *Hasi*).
- ²⁹ *ZeKô (ZKô)*: aramaico, “inocência”.

BIBLIOGRAFIA

- 1) Reprodução das moedas e das inscrições
Unterman, Jurgen - *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, 2 Vol., Dr Ludwig Reichert Verlag, Wiesbaden, 1975.

- 2) Glossários
Espírito Santo, Moisés - *Dicionário Fenício-Português (Contendo os glossários das línguas e dialectos falados pelos Fenícios e Cartagineses: cananita, acadiano, assírio e hebraico bíblico)*. Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa, 1993.
Tombback, R. - *Comparative Semitic Lexicon of the Phoenician and Punic Languages*. Scholar Press, Missoula, Montana, 1978 (para as significações em púnico).

- 3) Textos de apoio
Van Den Branden, A. - *Grammaire Phenicienne*, Beirut, Librairie du Liban, Université du Saint-Esprit, 1968.
Vários - *Bible de Jérusalem (Traduite en Français sous la direction de l'Ecole Biblique de Jérusalem)*, Les Editions du Cerf, Paris, 1978.

O HERÓI

É uma estela publicada por Mário Varela Gomes¹. Foi encontrada reutilizada numa urna de incineração da II Idade do Ferro em Abóbada (Almodóvar, Algarve). É considerada dos séc. VIII-VI a.C. Relaciona-se com outras idênticas estudadas por Varela Gomes e por Mello Beirão que têm paralelismo com figuras semelhantes do Médio Oriente e da Assíria da mesma época, difundidas pelos Fenícios, segundo o autor. Talhada num xisto rígido de cor castanha, foi gravada por incisão seguida de abrasão. A gravura representa um «homem heroizado vestido de saiote e com uma cinta em forma de aspa sobre o peito. A mão direita, levantada à altura dos ombros, segura um dardo curto e a esquerda, em posição idêntica, poderia, além de suportar uma arma semelhante, agarrar um pequeno escudo circular pelo centro, à maneira oriental e uma falcata». Diz o autor que foi a representação de um *smiting god*, um deus ameaçador. A inscrição menciona de facto os instrumentos de guerreiro com muita clareza. Foi um memorial ou ex-voto, oferecido por um guerreiro, talvez proveniente de um santuário local. Só não foi um *smiting god*, um deus ameaçador.

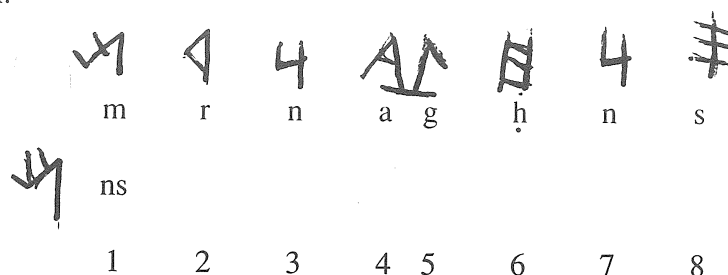


A escrita clara é a hebraica «monumental» com três caracteres arcaicos gregos; o **alef** estilos «Creta» e «Corcira», o **kapa** de «Creta» e o **shin** de «Atenas», todos coevos da estela. Lê-se toda muito facilmente com duas ou três indecisões entre as sibilantes que podem encontrar-se indiferentemente expressas pelo **sameq** e pelo **shin**. O **alfa** grego e o **hê** hebraico-fenício garantem a plena legibilidade vocálica. A língua é o hebraico bíblico com importantes variações semânticas próprias do ugarítico.

A escrita está disposta em quatro lanços e é assim que a vou expor; cada lanço corresponde a uma oração do discurso. O último lanço sai para fora do quadro porque não é o mesmo conteúdo, mas uma proposta dirigida a quem a encontrar derrubada.

¹ *O Oriente no Ocidente. A Heroização na I Idade do Ferro do Sudoeste, in Testemunhos iconográficos no Proto-História do Sul de Portugal: Smiting Gods ou Deus Ameaçadores*, Lisboa, Instituto Oriental, 1990 pp. 83-85.

Lanço A:



Que a oração termine aqui é sugerido pela disposição estética da letra [8] a preencher o canto do rectângulo de modo a permitir uma inclinação homogénea à oração seguinte:

O [1] é um **mem** comprometido com o **nun** e o **zed** para leituras complementares. O [4] é o **alfa** grego com o travessão oblíquo (Creta e Corcira); a este prende-se um **gimel** para sugerir que é inseparável do alfa. O [8] é um **sameq** que talvez fosse lido como um **shin**. A confusão das sibilantes é a habitual.

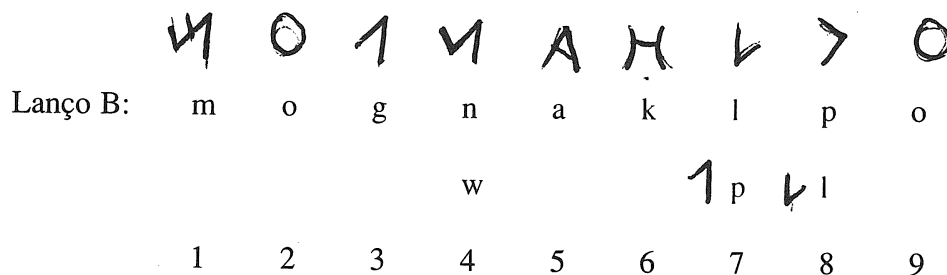
Tradução linear:

mhr nhg hn nsa	– guerreiro, herói . guia, dirigente . favor . exalta, ergue
mhr nhg hn sa	– guerreiro, herói . guia, dirigente . aqui está . quem é
mhr nhg gn nsa	– guerreiro, herói . guia, dirigente . orgulho . da bandeira
mhr nhg gah nsa	– guerreiro, herói . guia, dirigente . relevo . da estela
mhr nag hn nsa	– guerreiro . do distrito (ug. e ac.) . favor . exalta, ergue

Heb.: *nhg* – «dirigir, guiar para longe homens ou animais»; ug.: *nh*. «dirigir-se», *ng* [nâga] «marchar, partir»; ac.: *nagu* «distrito». Note-se que a ligação obrigatória do **gimel** ao **alfa** obriga a repetir a gutural, o **het** para a compreensão exacta da mensagem, enquanto os textos das moedas não repetem as guturais sugerindo então muitas leituras secundárias. O [1], que é um **mem**, está confundido com o **num** e um **zed**, para uma leitura suplementar: **nz r**:

ns	– sinal, bandeira, haste, sinal de adesão (traduzo também «estela»)
nzr	– consagrado a uma divindade

Nzr tanto poderia ser o nome de homem (**nazer, nazir**) como a razão do seu acto (consagração à divindade).



O fim da oração é igualmente sugerido pela inclinação das letras [7], [8] e [9] que se inclinam e enchem o ângulo. O [4] pode ser um **waw** (que tem aparecido confundido com o **ayn**) ou um **nun** (neste texto têm quatro traços em rectângulo) mas o estilo «monumental» também comporta o **nun** desenhado deste modo; se for um **waw** é a partícula copulativa «e então, de modo que». O [8] com essa curvatura é antes de mais um **lamed**, enquanto o [7] anterior pode ser um **lamed** ou um **pê**; porque ambos muito aproximados a formar ângulo ao alto, podiam ser elementos de uma só letra que é o **pê**; o efeito que se procura é exactamente esse, indistinção, confusão e metátese entre o **lamed** e o **pê**. Note-se que o [7] tende a aproximar-se da letra seguinte afastando-se da anterior.


Conforme separarmos as 3 letras, assim encontramos o nome dum dos objectos que o guerreiro tem na mão ou a razão da oferta:

mwg	–	esmorecer, desanimar, cambalear, dissolver-se
møwg	–	prover, suprir
mgn	–	1) escudo 2) oferta, ofertar, presentear
mwgn	–	protegido, defendido, escudado
mwg nak	–	esmorecer . ferido
mwg nak pla	–	esmorecer, vacilar, agitar-se . ferido . milagre
mwg gn gn ak pla	–	esmorecer . coração, interior . então . milagre
mwg wnak pla	–	esmorecer . e ferido . milagre
mog wak pla	–	providência . e então . cumpriu o voto
møg wak pla/lpø	–	providência . certeza . milagre/como dito
mwg wak pla/lpø	–	agitar-se, cambalear . então . cumpriu o voto/como disse – esmorecer . e então . milagre/como disse
mwgn ak pøwl	–	protegido (ug.) . deveras . mercê
mwgn ak pøl pla lpø	–	protegido (ug.) . deveras . obra . do milagre . como dito
mwgn ak pøwl lpø	–	protegido (ug.) . deveras . mercê . como dito
mgn ak lpø	–	presenteia/escudo . claro! . pelo que disse
mgn ak pla	–	apresenta/escudo . claro! . milagre
mgn ak pø	–	presenteia/escudo . certeza . palavra
mgn ak lpø	–	presenteia/escudo . boa vontade, boa mente . como ficou dito
mgn ak pla	–	presenteia/escudo . boa vontade, boa mente . cumprir promessa






Leituras menos prováveis mas associáveis:

mnhh ak pøwl	–	exército, tropa . certeza . mercê
mhh ak pla/lpø	–	conseguir . deveras . pelo milagre/como dito – irradiar, apagar . deveras . por milagre/como dito

Note-se mais uma vez que **mgn** significa simultaneamente, em ug.: 1) «oferecer», «presentear» 2) «benfeitor» e 3) «interceder» (segundo alguns autores); em hb.: 1) «dádiva», «presente» 2) «entregar», 3) «escudo», como arma e como ornamento, para além de 4) «descarado», «desenvergonhado»; e **mh.nh**, «tropa», «exército».

Lanço C:	
	w ølm gz n s a h
	1 2 3 4 5 6 7 8

O [1] é um waw perfeito; o [3] antes de mais é um ayn atravessado dum lamed, está preso ao mem [2]; seguidamente é uma acumulação de caracteres própria do estilo que incita a que se leia sucessivamente tudo quanto a composição comporta, deste modo:

ølm	
qblm	
qdm, qrm	
qrdm, qdrn	
øløm, øqlm	

(Esgotei as palavras do dicionário que a configuração do símbolo pode admitir). O [2], mem, é inseparável do precedente (para se ler ligado à precedente e separado da seguinte); o [4] é a fusão do gimel com o zain, portanto também inseparáveis; o [6] é a outra forma do sameq «monumental» ou mais provavelmente o shin grego «Beócia e Atenas». Exceptuando a ligação obrigatória do [3] que é inseparável da anterior, as letras distribuem-se regularmente de modo que é possível associá-las livremente resultando um encadeado fonético coerente e com sucessivos sentidos complementares:

wølm gz ns aḥh	– de modo que . o jovem . guerreiro . estela . expõe
wølw m gz ns aḥh	– de modo que . o anónimo . guerreiro . estela . exposta
øhlwlm gz ns aḥh	– por isso em celebração de louvor . guerreiro . estela . expõe
øhlwlm ḥzh ns aḥh	– por isso em celebração de louvor . se vê . estela . exposta/ /expõe
øhlwlm ḥzh ns aḥh	– por isso em sinal de louvor . promessa . estela . expor
øhlwlm ḥsn ns sg	– por isso em sinal de louvor . ser depositada . estela . contar
øhlwlm ḥsn sg	– por isso em sinal de louvor . portentosa . história
øhlwlm ḥsn ns hg	– por isso em sinal de louvor . portentoso . estela . contar
øhlwlm ḥsn ns aḥh	– por isso em sinal de louvor . portentoso . estela . expor
øhlwlm ḥsn ns hgh	– por isso em sinal de louvor . portentoso . estela . proferir
wølm ḥs ns aḥh	– e o instruído (ug.) . cortou . estela . exposição
wøql gz ns aḥh	– e entalhar, esculpir . estela . exposição
wøql ḥs ns aḥh	– e entalhar . corte . estela . exposição
wøql ḥs ns aḥ	– e entalhar . corte . sinal . de irmão
wøql ḥz ns^vag	– e entalhar . flecha . da funda, bainha ou cota de malha (ug.)
wøql ḥzh ns^vag	– e entalhada . vê-se . funda, bainha ou cota de malha
wøql ḥzh ns^vag	– e entalhada . visão . glória, perenidade

wøql ḥz nsh	– e entalhada . flecha . arranca fora, desfaz-se de
wøql ḥzh nsh	– e entalhada . visão . do arrancar fora, desfazer-se de
wøql ḥzh hn sg	– e entalhada . visão . deste lado . explica
wøql ḥzh nsh	– e entalhado . contrato . perpetuidade, glória
wqlø øm ḥz ns ahh	– e a funda . para . a flecha . estela . expor
wqlø øm ḥz ns ahh	– e o atirador de funda . com . flecha . estela . expor
wqlø øm ḥz nsh	– e a funda . com . a flecha . atira, desfaz-se de
wqlø øm gz ns ahh	– e entalhada, gravada . com . guerreiro . estela . expor
wqlø øm ḥzh ns hg	– então entalhada, gravada . vê-se . estela . contar (ug.)
wqlø øm gz ns ahh	– de modo que entalhar, gravar . guerreiro . estela . exposição
wkøl øm gz ns ahh	– e conforme . pessoa . do guerreiro . estela . exposição
wqwl øm gz nsh	– e voz, notícia . pessoa . guerreiro . arranca, lança
wqlw øm ḥzh ns hgh	– de modo que notícia . pessoa . ver . estela . murmura, fala
wqbl øm gz ns ahh	– e ofereceu (ug.) . pessoa . guerreiro . estela . exposta
wøløm gz ns ahh	– por isso aqui junto . guerreiro . da estela . exposição
wølw m gz ns ahh	– o anónimo . guerreiro . da estela . exposta
wølw m ga azn sh	– o anónimo . soberbo . objecto de guerra . cintilante
wølw m ḥz nsag	– o anónimo . da flecha . da funda, bainha ou cota de malha
wølw m gz sn nsag	– o anónimo . guerreiro . escudo grande . cota de malha
wølø m gz sn nsh	– por isso aqui junto . guerreiro . escudo grande . arranca
wølm ḥz ns ah	– de modo que, anónimo . bandoleiro . estela . é irmão
wølm ḥzn/hz	– e perene, eterna/visão/flecha . estela . diz, conta (ug.)
wølm gz nsh	– e o Eterno (ug.) . guerreiro . dirige, supervisa ²
wølm gz ns ah	– e o Instruído/Olmo . é estela, bandeira . de irmão ²
wølm ḥz nsh	– e o Eterno/Instruído . flecha . dirige ²
wølm ḥzn sag	– de modo que segredo . vidente . conta, diz ²
wølm gzy ns hg	– de modo que perpétuo . obséquio . bandeira, estela . conta
wløm ga azn sg	– e o povo (ug.) . altivo . dá ouvidos ao que . se conta
wøqm gz ns ah	– e sulcou (esculpiu) . guerreiro . estela . exposição
wqdm ḥz nsag	– então na frente . flecha . funda, baínha, cota de malha (ug.)
wqdm ḥz an nsh	– então na frente . flecha . força, riqueza . arranca
wqrm ḥz nsag	– então estende . flecha . funda, baínha ou cota de malha
wqdm ḥs nsag	– então na frente . quebra . a funda, baínha ou cota de malha
wqrdm ḥzh ns ahh	– por isso o herói (ug.) . se vê . estela . exposta
wqrdm ḥzh ns ahh	– e a falcata, o machado . se vê . estela . exposta
wqrb øm gz ns ahh	– e a presente/aqui . pessoa . do guerreiro . estela . exposta
wqrdm ḥz nsh	– de modo que guerreiro . flecha . glória, perenidade, eternidade
wqrd/qdm ḥzh nsh	– então o herói/da frente . visão . alcança, consegue, atinge

² Estas versões religiosas têm razão de ser: os topónimos portugueses *Almodôvar* (onde foi encontrada a estela), *Almofala*, *Almoinha*, *Gonçalo*, etc. foram santuários onde se consultavam as árvores, nomeadamente o carvalho ou o olmo (note-se: *Almodôvar ølm dbr*, «olmo que fala»); vestígios desse velho culto ainda hoje existem nos locais portugueses com esses nomes, como disse noutros trabalhos. Foi também esse o costume entre os Hebreus e os Fenícios cujos sítios se chamavam, por exemplo, *Carvalho dos Adivinhos*, *Carvalho de Moré* (**mørh**: «mestre, chuva, arqueiro, atirador»). A juíza Debora consultava uma palmeira para proferir as sentenças.

Lanço D:



O [3] é um **sameq** (tem apenas dois «braços» enquanto o primeiro tem três mas é comum ao modelo «monumental»). O [4] seria normalmente um **sameq** conforme com o estilo se não estivesse junto de outro (não é costume escrever seguidas duas consoantes iguais); pode ser um **shin** grego modelo «Atenas e Beócia»; traduzo-o por **shin**. No fundo, a diferença entre o **sameq** e o **shin** não seria muito nítida (nas moedas é quase inexistente). Metade dos Portugueses de hoje também não vêem grande diferença nessa questão (escrevem *ss* e pronunciam *xe*) fazendo lembrar o episódio bíblico relacionado precisamente com a indistinção do **shin** e do **sameq** numa aldeia de Canaã³. o [6] só pode ser um **qof**. O [12] está quebrado mas vê-se o **nun** traçado no sentido inverso, portanto, **zain**. O [14] é um compromisso entre o **lamed**, **pê** e **gimel** para desenvolver leituras concordantes (cf. [1] «de Atenas»).

As três primeiras letras são **ø q s**. Se o [3] tiver de ser um **sadê**, temos

- øqs** – pico, ferrão, ferroadela; censura, reprimenda (hb. mod.)
- øks** – amarra, estar amarrado
- øwq** – oscilar; sulco
- øwq qş** – oscilar os confins, oscilar a borda
- øwq qş** – sulco dos confins [do fundo]

Mas a seguinte é um **shin**, o que dá, por associação auditiva:

- øwq as** – oscilar o fundamento (aram.)
- øwq aš** – sulco do fundamento
- øwq øwq øqs qş aš** – oscila . sulco . ferrão . extremidade . fundamento (isto é: oscilante, desencravada). As letras seguintes são **š q ø** – derrubar-se.

Portanto:

- øqs šqøh at az øl għh** – oscilante . derrubada . tu . depressa . para cima . tiras
- øqs šqøh at az øl ħp hwa** – oscilante . derrubada . amabilidade . apertar . em cima . inteira . ela

³ Durante uma guerra, os habitantes de certa aldeia suspeitavam que os adversários se tivessem infiltrado entre os seus. O método de controle que eles inventaram foi um estratagema linguístico: quando os estranhos passavam pelo vau do rio eram abordados pelos naturais que os intimavam: «Diz lá: *shibbolet!*» [*xibbolete*, com *shin*]; os que pronunciassem *cibbolet* [com *sameq*] eram dos inimigos «porque esses não conseguiam pronunciar daquela maneira» (Juiz, 12:6). *Shibbolet* significa «espiga de trigo».

øqs ṡqøh at az øl ḥph ḥwh	–	oscilante . derrubada . picareta . apertar . em cima . tapar .desastre
øqs ṡqøh at az øl gp hwa	–	oscilante . derrubada . picareta . apertar . em cima . corpo . ela
øqs ṡqøh at az øl gp ḥwh	–	oscilante . derrubada . picareta . apertar . em cima . sozinho . situar
øqs ṡqøh at az øl ḥp ḥwh	–	oscilante . derrubada . picareta . apertar . em cima . inteiro . situar
øqs ṡqøh at az øl lh	–	oscilante . desabada . tu . rápido . levantar . a pedra
øqs ṡqø hwa at az øl ḥw	–	oscilante . derrubada . ela . tu . depressa . para a . pedra
øqs ṡqø hwa at az øl ḥwh	–	oscilante . derrubada . ela . tu . rápido . em direcção do . buraco
øqs ṡqø hwa at az øl ḥwh	–	oscilante . derrubada . ela . tu . rápido . em cima . do buraco
øqs ṡqø hwa at az øl ḥ ḥwh	–	oscilante . derrubada . ela . tu . rápido . alto . pedra . fenda
øqs ṡqø hwa at az øl ḥwh	–	oscilante . derrubada . ela . tu . rápido . ao alto . na fenda
øqs ṡqø hwa at az øl gp ḥwh	–	oscilante . derrubada . ela . tu . rápido . ao alto . em cima . buraco
øqs ṡqø hwa at az øl gp ḥwh	–	oscilante . derrubada . ela . tu . rápido . ao alto . sozinho . buraco
øqs sqøh at az øl gwh	–	oscilante . desabar . tu . depressa . em direcção . acorres
øqs ṡqøh at az zwh ḥwh	–	oscilante . desabar . tu . rápido . vais . ao acampamento
øqs ṡqøh at az øp ḥwh	–	oscilante . desabar . tu . rápido . voas . avisar
øqs ṡqøh ath az øl pg ḥwh	–	oscilante . desabar . vem . já . para . ocorrência . avisar
øqs ṡqøh ath az øl p ḥwh	–	oscilante . desabar . vem . já . para . boca . anunciar
øqs ṡqøh ath az øl ḥwh	–	oscilante . desabar . vem . já . em direcção do . acampamento/anunciar
øqs ṡqøh ath az sw ḥwh	–	oscilante . desabar . vem . já . ordens . falar . acampamento/anunciar
øqs ṡqøh ath az sw ḥwh	–	oscilante . desabar . vem . já . ordem . boca . acampamento/avisar
øqs ṡqøh ath az zø p ḥwh	–	oscilante . desabar . vem . já . tremer . voz . acampamento/avisar

Estas leituras estão inteiramente conformes com os símbolos com excepção para o w – ø cuja troca é uma constante nestas inscrições. Outras leituras são possíveis respeitando a sequência das consoantes e das vogais:

øqs ṡqø ha htz øl ḥwh	–	censurar . desabar . ela . arrancar . é contra . a lei/ /pedra
-----------------------	---	--

øqs šqø ha htz øl hwh	– censurar . desabar . ela . arrancar . é contra . o acampamento
øqs šqø ha ta zøp hwh	– censurável . desabar . ela . traçar linha . enfurece . acampamento
øqs šqø ha at zøp lhw	– censurável . desabar . ela . fazer linha . enfurece . pedra
øqs šqø øwh htz zøp hwh	– errado . desabar . maldosamente . arrancar . enfurece . acampamento
øqs šqø h at az øl lwh	– errado . derrubá-la . tu . desapareces . pedra/lei
øqs šqø h at zwl lhw	– errado . derrubá-la . tu . esvazias . lei/mensagem/ pedra
øqs šqø h at zwg lhw	– errado . derrubá-la . tu . afasta-te . da pedra
øqs šqø hwa at zh gø	– errado . desabar . esta . afável . brilhante . voz (ug.)

Os termos da inscrição são particularmente polissémicos; repito apenas estes:

- lh.:** «pedra, lage», «lei, mensagem» (ug).
at: «tu», «com o auxílio», «picareta», «amabilidade»
gp: «corpo», «situar», «sozinho»
hwh: «ela», «tornar-se», «ruínas», «cair»
pwq: «oscilar», «sulco»
mgn: «escudo», «ofertar»

Interpretei um certo número de inscrições monetárias, conduzido pela gravura que as acompanha. Num próximo trabalho apresentarei as restantes moedas de que fiz menção no início deste artigo e outras inscrições avulsas encontradas na Península.

MEDITERRÂNEO

Revista de Estudos Pluridisciplinares sobre as Sociedades Mediterrânicas

Nº 1 Semestral

1992



Instituto Mediterrânico

MEDITERRÂNEO

Revista de Estudos Pluridisciplinares sobre as Sociedades Mediterrânicas

DIRECTOR: Moisés Espírito Santo

CONSELHO CONSULTIVO: em constituição

CONSELHO EDITORIAL: Luís Batista, Eduardo Costa Dias, Maria Luís Rocha Pinto, Maria Conceição Rodrigues, Rui Rasquilho

SECRETARIADO: António Alberto Alves

SEDE:

INSTITUTO MEDITERRÂNICO
Departamento de Sociologia
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa
Avenida de Berna, 26 - C
1000 Lisboa
Telef.: 7960157 ou 7933519 (ext. 262)
Fax: 7977759

INFORMÁTICA: Pedro Dinis de Sousa e António Alberto Alves

Capa: Carlos Miguel

Gravura: *Mapa-Mundi* fenício de cerca de 950 anos a. C. segundo os dados constantes no *Livro dos Jubileus* ou *Pequeno Génesis*, texto bíblico apócrifo, reconstituição do Herremam — Garcia y Belido, «La Colonización Fenícia», in Ramon Menendes Pidal, *História de España*, Madrid, Calpe, 1952, pág. 312

Propriedade do Título:

Instituto Mediterrânico — Departamento de Sociologia da F. C. S. H. - U. N. L.

Este número contém parte das **Actas do Iº Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica** — **A Identidade Mediterrânica**, que se realizou de 4 a 8 de Novembro de 1991.

Actas publicadas com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian

ÍNDICE

MEDITERRÂNEO

Apresentação	3
Congrès Méditerranéen d'Ethnologie Historique	9
Palavras prévias	15
Congrès Méditerranéen d'Ethnologie Historique	19
Prehistoric Environment and Ethnicity in the Greater Mediterranean Area PAUL M. DOLUKHANOV	33
Géomorphologie et Préhistoire en Tunisie AHMED KASSAB	53
Les Industries Préhistoriques de la Région de Taza DERRADJI ABDELKADER	65
Antropobiologia pré-histórica: algumas reflexões sobre a população dos concheiros de Muge MARIA EMÍLIA DE CASTRO E ALMEIDA, LUÍS LOPES E MARIA CRISTINA NETO	73
Dendrochronologie des épaves de navire en Méditerranée Occidentale FRÉDÉRIC GUIBAL	77
O homem e o meio no holocénio português. Paleo-ambientes e erosão A. M. ROCHETTE CORDEIRO	89
Habitat et territoires de la préhistoire récente dans le Haut Ribatejo (Portugal) LUIZ OOSTERBEEK	111
Paléobiologie d'un Échantillon de la population du bronze Ancien en Sicile DORO GARETTO T., PROCELLI E., RABINO MASSA E., GIROTTI M.	127

La passion du passé dans l'anthropologie de l'aire méditerranéenne G. BOETSCH ET J. N. FERRIÉ	133
Temps ethnologique et temps historique dans le contexte méditerranéen THÉODORE PAPADOPOULLOS	139
Le rapport au passé et la construction du temps AHMED BEN-NAOUM	147
Introduction à l'étude de l'héritage immatériel de la sédimentation historique au Maghreb KHALIFA CHATER	151
Théorie, méthode et techniques de recherche en linguistique-informatique- -Hispanique VÉRONIQUE HUYNH-ARMANET E FRANCISCO JAVIER SÁNCHEZ PÉREZ	163
A escrita ibérica MOISÉS ESPÍRITO SANTO	179
Le paléolithique du gisement de Casal da Serra (Amadora) G. ZBYSZEWSKI E J. L. CARDOSO	221
O depósito do Bronze Final de Alqueva e a tipologia das lanças do Bronze Final português JOÃO LUÍS CARDOSO, M. F. GUERRA, F. BRAGANÇA	231

CONGRÈS MEDITERRANÉEN D'ETHNOLOGIE HISTORIQUE

L'identité méditerranéenne

4 – 8 novembre 1991

À la Fondation Calouste Gulbenkian
Lisbonne

Initiative de INSTITUTO MEDITERRÂNICO

Comissão de Honra (Comité d'Honneur)

Adalberto Alves
António Gomes de Pinho
Francisco Lucas Pires
Joshua Ruah
Luis Morales
Maria de Lurdes Pintassilgo
Moisés Ayash
Natália Correia
Pedro Roseta
Roberto Gulbenkian
Sam Levy
Suleiman Valy Mamede

Consultores Científicos (Conseillers Scientifiques)

Adalberto C. Alves
António Borges Coelho
Armando de Castro
Armando Coelho Ferreira da Silva
Caetano Maria de Mello Beirão
Carlos Tavares da Silva
Francisco J. S. Alves
João Luís Cardoso
Jorge Oliveira
Luís Filipe de Matos Raposo
Maria Conceição Rodrigues
Mário Moutinho
Miguel António Ramos

Miguel Pessoa
Otávio Veiga Ferreira
Panagiotis Sarantapoulos

Comissão Organizadora (Comité d'Organisation)

Coordenador: Moisés Espírito Santo

Adriana Freire Nogueira
Alexandra Correia
Ana Paula Albuquerque
Ana Paula Damas Fitas
Antonieta Garcia
António Alb. Figueira Alves
António Marcelino Valente
António M. Romeiro Carvalho
Bárbara Vieira de Almeida
Carlos Miguel Ferreira
Claudino Ferreira
Cristina Peixoto
Elvira Lobo
Fernanda Sampaio
Fernando Teixeira
Fernando Santos
Francisco Henriques
João Caninas

José Vieira Jordão
Laura Cesana
Luís Falcão
Manuel A. Pechirra
Manuel Moura Fernandes
Margarida Fernandes
Maria Conceição Rodrigues
Maria Helena Roxo
Maria Helena Tirone
Maria José Duarte
Maria da Luz Santos
Maria Santa Montez
Mário Moutinho
Moisés Espírito Santo
Pedro M. C. Dinis de Sousa
Pedro da Silva Germano
Teresa Perdigão

Comissão Executiva (Comité Executif)

Moisés Espírito Santo
Carlos Miguel Ferreira
António Alberto F. Alves
Manuel A. Pechirra
Alexandra Correia
Maria José Duarte
João Caninas
Helena Tirone
Maria da Luz Santos
Ana Paula Damas Fitas
Dora Assunção
Isabel Matias

Comité de Patrocinadores

Alto Patrocínio

**MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS
ESTRANGEIROS
SECRETARIA DE ESTADO DOS
NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
E DA COOPERAÇÃO**

Patrocinadores de Honra

**BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA**

Patrocinadores Gerais

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS (U.N.L.), DIGITAL

Patrocinadores

**ESTADO-MAIOR GENERAL DAS FORÇAS ARMADAS, JNICT,
COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO, MINOLTA**

Apoios

**PUBLICAÇÕES ALFA, INIC, GOVERNO CIVIL DE LISBOA,
CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA, ASSOCIAÇÃO DE MUNICÍPIOS
DE BEJA, CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS, INSTITUTO DE PROMOÇÃO
TURÍSTICA, ASSOCIAÇÃO DE MUNICÍPIOS DE SETÚBAL,
SOCIEDADE DO CINEMA TIVOLI, CINEMATECA PORTUGUESA**

CONGRÈS MEDITERRANÉEN D'ETHNOLOGIE HISTORIQUE

COMUNICATIONS

COMUNICAÇÕES

«L'espace et l'homme méditerranéen»

«O espaço e o homem mediterrânico»

PAUL M. DOLUKHANOV

* «Prehistoric Environment and Ethnicity in the Greater Mediterranean Area»

AHMED KASSAB

* «Géomorphologie et préhistoire en Tunisie»

ABDELKADER DERRADJI

* «Les industries préhistoriques de la région de Taza (Littoral Est – Algerien) et leur rapports avec leurs formations quaternaires»

MARIA EMÍLIA CASTRO-E-ALMEIDA

LUÍS LOPES,

MARIA CRISTINA NETO

* «Antropobiologia Pré-Histórica – algumas reflexões sobre a população dos concheiros de Muge»

FRÉDÉRIC GUIBAL

* «Denfrochronologie des épaves de navires en Méditerranée occidentale»

A.M. ROCHETE CORDEIRO

* «Homem e o meio holocénico português paleo-ambientes e erosão»

LUIZ MIGUEL OOSTERBEEK

* «Povoamento e Territorialidade na Pré-História Recente no Alto Ribatejo»

TIZIANA DORO GARETTO

RABINO MASSA E.

PROCELI E.

GIROTTI M.

* «Études bioanthropologiques sur un échantillon du Bronze Ancien de la Sicile»

LINO RODRIGO, MIGUEL PESSOA

- * «Reprodução e gestão do passado: um vector de identidade e desenvolvimento de populações do Sul – um museu território no Baixo Mondego»

**GILLES BOETSCH
JEAN-NOEL FERRIÉ**

- * «La construction de l'aire culturelle méditerranéenne dans l'anthropologie physique du Nord de l'Afrique»

ARMANDO SANTINHO CUNHA

- * «Observação dos dentes e maxilares de uma população da área de Lisboa, séc. XX, de ambos os sexos e de idades entre os 16 e 80 anos. Comparação com populações arcaicas da mesma área geográfica.»

**SANTINHO CUNHA
FERREIRA DOS SANTOS**

- * «Algumas morfotipologias craneanas na área Mediterrânica»

PEDRO CORREIA MARTINS

- * «O Sobreiro» (video)

«Théories et méthodes de recherche de la réalité Méditerranéenne»

«Teorias e métodos de investigação da realidade mediterrânica»

THÉODORE PAPADOPOULLOS

- * «Temps ethnologie et temps historique dans le contexte méditerranéen»

AHMED BEN-NAOUM

- * «Histoire ou Anthropologie Historique? – Le rapport au passé et la construction du temps»

KHALIFA CHATER

- * «Introduction à l'étude de l'heritage immateriel de la sedimentation historique»

**VÉRONIQUE HUYNH-ARMANET
FRANCISCO JAVIER SANCHEZ PEREZ**

- * «Théorie. Méthode et techniques de recherche en linguistique-informatique»

FRANÇOISE LE MORT

- * «L'apport de l'étude taphonomique des restes humaines a la connaissance des pratiques funéraires au chalcolithique: exemple du site de Ben Shemen (Israel)»

IRENE MARIA COSTA PEREIRA TAROUCA

- * «Ensaio tipológico dos «botões» com perfuração em V (Calcolítico)»

LUDWIG JAFFE

- * «Non destructive and non contact techniques for recording petroglyphs»

JEAN-LOUIS BACQUÉ GRAMMONT

- * «Cemetières islamiques: étude, problèmes et méthodes»

RAINER ALSHEIMER

- * «Current Activities of the International Folklore Bibliography»

M. MEHDI ILHAN

- * «Tripoli (Trablussam) in the sixteenth century: a demographic and ethnologic study based on two ottoman cadastral registers»

NADIA DHINA

- * «Reflexions sur les notions d'artisanat traditionnel et d'art populaire à la lumière de l'exemple maghrebin»

MARIA DOS ANJOS CARDEIRA DA SILVA

- * «O «harem» mediterrânico – do turismo à Antropologia»

MERCE VILADRICH

- * Etno-histoire des sciences et de la philosophie

ABDOU FILALI-ANSARY

- * une étude bibliographique spécialisée et/ou une présentation des opérations et des projects de l'intitution

JOZE VOGRINC

- * «Tranlatio studii: Mediterranea»

«Formation et développement des sociétés méditerranéennes»

«Formação e desenvolvimento das sociedades mediterrânicas»

ROBERT CHERNOKIAN

- * «Organisation des milieux coquilliers, structuration interne et rapports temps/ /espace»

MANUEL LUÍS DE MACEDO FARINHA DOS SANTOS

- * «Seixos gravados da jaziga epipaleolítica do Vale da Fonte da Moça – II (Almeirim)»

ISTOK SAKSIDA

- * «The Secondary Use of Aquatic Sources»

JEAN-LOUIS ROUDIL

- * «Le Néolithique Ancien du Sud Est de la France. Cardial et Ligurien»

JOAQUINA SOARES

- * «Mapas do Neolítico Antigo Português»

CATHERINE PERLES

- * «Quelques aspects socio-economiques du Néolithique de Grèce»

GEORGES SOUVILLE

- * «Les pièces à gorge du Maroc: typologie, utilisation et comparaisons»

TERESA OROZCO KÖHLER

- * «Fuentes de Materia Prima y circulación de los materiales. Aproximación al aprovisionamiento e intercambio durante el Neolítico (Alicante, España)»

JAK YAKAR

Institut of Archaeology
Tel-Aviv University
Tel-Aviv (Israel)

- * «Reciprocal exchange systems in prehistoric Anatolia»

VERONICA LIRITZIS

- * Paléometallographé, technologie et économie anciennes

KHADIGA M. SAFWAT

- * «Continuity and values in the Ancient Nile Valley; The law of least effort, technology and sustainable development»

MOHAMED ABDELJALIL ELHAJRAQUI

- * Résultats de la fouille d'une grotte préhistorique de la région de Rabat

«Langues et littératures de la Méditerranée»

«Línguas e literaturas do Mediterrâneo»

JOSÉ NUNES CARREIRA

- * «Línguas, linguagens e origens»

MAURICE SZNYCER

- * «Les particularités de la langue des inscriptions puniques»

MOISÉS ESPÍRITO SANTO

- * «Escrita Ibérica»

NELA GIANNAKODIMOU

- * «Dalla Grecia in Magna Grecia: lo sviluppo e la continuità della lingua greca dall'inizio del 8°sec a. C. fino ad oggi, nell'Italia del Sud»

ROGER BRITTEAUX

- * «Histoire de la Langue Latine»

JOSE FRANCISCO BUTRON PRIDA

- * «El arabe coetano al nacimiento de las lenguas peninsulares (850-1050)»

MOHAMED A. ELGEADI

- * «Los dialectos en la lengua arabe»

CHRISTIAN AMPHOUX

- * «Les traditions textuelles de l'Évangile de Marc: la tradition manuscrite grecque de l'épisode du Baptême (Mc 1, 1-12)»

JEAN MARGAIN

- * «La Bible des Samaritains»

ANNE BOUD'HOURS

- * «Pour un classement des témoins coptes-sahidiques de l'évangile de Marc»

HAIM ZAFRANI

- * «Conscience et tradition poétiques juives en Occident Musulman»

JOSÉ MEDEIROS

FERNANDO TEIXEIRA

ANTÓNIO CARLOS CARVALHO

FRANCISCO MACHADO

JOSÉ CARVALHO E MELLO

- * «As siglas medievais da Ermida de Paiva»

«Pour la conservation du Patrimoine Méditerranéen»

«Para a conservação do Património Mediterrânico»

BÉATRICE VIGIE-CHEVALIER

- * «Musée d'Histoire de Marseille»

JAMES BLACK

- * «Professional Training in Conservation, Restoration and Archeology – short courses»

ABDELAZIZ TOURI

- * «La recherche archéologique et en sciences du patrimoine au Maroc: état de la question»

DAN BERNFELD

- * «L'archéologie en tant que memoire collective du public contemporain»

MANUEL JOSÉ FERREIRA LOPES

- * «A Lancha Poveira do Alto – um caso de aculturação de uma técnica de construção mediterrânica com um tipo naval nórdico»

MÁRIO MOUTINHO

- * «Museu do Mediterrâneo – reflexões sobre um projecto»

«Relations méditerranéennes»

«Relações mediterrâneas»

G. ZBYSZEWSKI

JOÃO LUÍS CARDOSO

- * «La station paléolithique de Casal da Serra (Amadora)»

LUÍS RAPOSO

CARLOS PENALVA

- * «Les haches miriennes du Portugal et les houes tensiftiennes du Maroc: quel type de relations?»

FERNANDO ALONSO ROMERO

- * «Los testimonios más antiguos de los medios de navegación entre el Mediterráneo y el Atlántico: las embarcaciones de juncos en el arte rupestre de la Península Ibérica»

ALAIN G. ELAVI

JOSETTE ELAVI

- * «Le monnayage de la cité phénicienne d'Arward avant l'arrivée d'Alexandre»

MARIA DA LUZ OLIVEIRA VAN SCHOOR

- * «Os povoados da costa Levantina Espanhola e a sua relação com o Mediterrâneo»

ANDRÉ GOFFYN
HUBERT SION

- * «Eléments pour une révision chronologique du Bronze final atlantique»

JOÃO LUÍS CARDOSO
F. BRAGANÇA GIL
M.F. GUERRA

- * «Le dépôt du Bronze Final de Alqueva (Bas Alentejo)»

ARMANDO COELHO FERREIRA DA SILVA
CLÁUDIO TORRES
MIGUEL REGO
MARIA JOSÉ FOLGADO LOBATO
ANTÓNIO BAPTISTA LOPES
LUÍS PEREIRA

- * «Presença Mediterrânica no Sudoeste Peninsular: Mértola, no Guadiana»

FRANÇOISE MAYET
CARLOS TAVARES DA SILVA

- * «Abul: un établissement orientalisant du Bas Sado»

JOÃO LUÍS CARDOSO
JÚLIO ROQUE CARREIRA

- * «Le Bronze Final et le début de l'Age du fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage»

ARMANDO COELHO FERREIRA DA SILVA

- * «Sobre as influências mediterrânicas na cultura castreja do Noroeste Peninsular (500-200 a.C.)»

ENRIQUE CRAVIOTO GOZALBES

- * «Observaciones sobre la relacion de Roma con las tribus indigenas de la Mauritania Tingitana (siglo I D. de C.)»

DELOUM SAID

- * «Le trésor monétaire de GUERNINE et la circulation monétaire en Afrique du Nord au IV^{ème} siècle»

MICHELE JANON

- * «Les rapports entre Rome et la Numidie du Sud»

MARJETKA KRESE-BASKAR

- * «The cultivation of olives in the Ancient Mediterranean»

CLAUDE ROYER

- * «La vigne et le vin en Méditerranée: un dialogue millénaire entre "civilisés" du Sud et "barbares" du Nord»

DANIEL PANZAC

- * «Communautés et commerce maritime dans l'Empire ottoman au XVIII^{ème} siècle»

EDMOND FREZOULS

- * «Mare Nostrum»

ABDELMAJID KADDOURI

- * «La Méditerranée dans quelques récits de voyageurs marocains»

MARIA VALENTINA GARCIA FERREIRA

- * «The Mediterranean route of some jewish antroponyms to the Iberica Peninsula»

BENNANI ABDELHAQ

- * «Rapports et liaisons intellectuelles entre l'Espagne musulmane et le Maroc mérinide à la fin du Moyen-Age»

FILIZ YENISEHIRLIOGLU

- * «La diffusion de la céramique anatolienne glaçurée au XIV et au XV ème siècles dans le bassin méditerranéen»

SAM LEVY

- * «Presença da cultura portuguesa no Mediterrâneo»

JOSÉ MEDEIROS

- * «Uma forma de cerâmica popular portuguesa comum em todo o Mediterrâneo»

ANTÓNIO QUADROS

- * «Rosa, auto-dita a Ramalha. Mãos e ideias»

ABBENBI BOUNAD

- * «Cooperación y Seguridad en el Mediterráneo Occidental: punto de unión entre el Norte y el Sur»

«Religion, fêtes et rituels – phénomènes identitaires»

«Religião, festas e rituais – fenómenos identitários»

MARIA CONCEIÇÃO MONTEIRO RODRIGUES

- * «As placas de xistos gravadas no contexto ideológico-simbólico do Mediterrâneo»

GIUSEPPE BRUNOD

- * «Génese e significado da Suástica»

SOCORRO LOPEZ PLAZA

- * «Análisis de la orientación de los corredores de algunos sepulcros megalítico en la zona noroccidental de la Península ibérica»

LIVIA FERRÃO

- * «Os Ídolos das Cíclades»

CAROLINE MALENE

SIMON STODDART

- * «Changing patterns or mortuary ritual in the Maltese Islands c. 4000-1800 bc»

ANTHONY BONANNO

- * «Tarxien and Tarxien Cemetery. Break or Continuity between Temple Period and Bronze Age in Malta?»

JEAN-CLAUDE GOYON

- * «Egypte ancienne: l'Eau et la cosmogonie»

NAFISSA ABDEL FALTAH SCHASCH

- * «L'Égypte pharaonique une des plus anciennes civilisation de la mer mediterranee (faune, flore et couleur)»

DOLORS BRAMON

- * «La fiesta de las entenas, muestra de sincretismo mediterraneo»

HARUN GÜNGÖR

- * «Stèles funéraires figurées de la vallée de Zamanti, Kayseri»

ANTÓNIO AUGUSTO JOEL

- * «Para uma leitura do imaginário em Gilgamesh»

MILA SIMÕES DE ABREU

- * «Cenas Sexuais e a lavragem dos campos nas gravuras rupestres da Valcamónica (Itália)»

PIERRE GROS

- * «Cultes monarchiques et fêtes identitaires de l'Orient hellénistique à l'Occident romain»

LALA NICOLI

- * «"Mythos" a strict and concrete aspect of "Vios"»

JEAN-RENÉ JANNOT

- * «Danses et rites d'enlèvements dans l'Italie archaïque»

MARCEAU GAST

- * «Un objet relique: le coffre kabyle»

GÉRARD CAPDVILLE

- * «Rituels d'initiation juvenile dans les sociétés méditerranéennes antiques»

PATRICIA HIDIROGLOU

- * «Un rituel du bassin méditerranéen: la purification par l'immersion»

RODOLFO GIL GRIMAU

- * «Particularidades de las creencias magicas arabes preislamicas»

ROBERTO CIPRIANI

- * «Fêtes et Rituels, Phénomènes Identitaires» – (video)

ANNIE GOFFRE

- * «Rituels d'auto-représentation collective au sein de célébrations religieuses en Grèce et en Corse»

ALAIN DUCELIER

- * «Maturation et pouvoir: traces de rites de passage à l'apogée de Byzance (IX^{ème}-XII^{ème} siècles)»

JOSE IGNACIO HOMOBOÑO

- * Fiestas y rituales, identidades colectivas, religiosidad popular, santuarios y calendario

FERNANDO TEIXEIRA

- * «O Erotismo na Festa Ibérica do Touro Bravo»

OCTÁVIO LIXA FILGUEIRAS

- * «Alguns vestígios de antigas práticas rituais de protecção mágica dos barcos portugueses»

JUAN M. VALADÉS SIERRA

- * «El ritual como afirmación de la identidad. Un caso práctico en la sociedad industrial»

BOUZID EZZEDINE

- * «L'Ethnographie et l'Histoire des pratiques ludiques traditionnelles en Tunisie»

MARIA ANGÉLICA LIMA CRUZ

- * «O Sardão na Imaginação popular»

MANUELA CACHADINHA

- * «A medicina popular no Noroeste de Portugal»

ELVIRA LOBO

- * «Doenças sagradas»

«Urbanisme, architecture et art dans la Méditerranée»

«Urbanismo, arquitectura e arte no Mediterrâneo»

OLIVIER AURENCHE

* «Le problème de l'étage dans l'architecture de Méditerranée orientale (7^{ème}-4^{ème})»

NUNO SANTOS PINHEIRO

* «A casa de Pátio Interior do Egipto à Península Ibérica»

MARIO BUHAGIAR

* «The figurative Art of the Maltese Prehistoric Temple Period»

ANDRÉ LARONDE

* «Recherches nouvelles dans le port d'Apollonia de Cyrénaïque»

AMMAR MAHJOUBI

* L'apparition et du développement d'un urbanisme préromain au Maghreb oriental

PIERRE VARENE

* «De la tour préromaine de Nîmes à la Tour Magne: transformations formelles et permanences idéologiques»

MAREK-TITIEN OLSZEWSKI

* «Une mosaïque oubliée au musée des thermes à Rome. Le mythe de Marsyas aux quatre saisons»

ERIC DELAVAL

* «L'habitat d'un quartier de Lyon Antique (Clos du Verbe Incarné)»

MIGUEL PESSOA

JOSÉ LUÍS MADEIRA

DELFIN FERREIRA

* «A muralha augustana de Conimbriga/Condeixa-a-Velha – elementos de estudo»

ERIC DELAVAL

JEAN-LUC PRISSET

HUGHES SAVAY-GUERRAZ

* «Urbanisme et architecture domestique à Saint-Romain-en-Gal (France, Rhône), quartier de Vienne gallo-romaine (Ier.s. av. J.-C.-IIIe. s. ap. J.-C.)»

MED EL MOSTEFA FILAH

* «L'urbanisation des hauts-plaines au Sud-Est de Sétif (Algérie) à l'époque romaine»

ALI HAMIAOUI

* «Etude archéologique sur l'habitat dans la région de l'Oued Rig SAHARA ALGERIEN»

CATHERINE COQUERY-VIDROVITCH

- * «Villes africaines: diffusion maghrébine et facteurs autochtones dans l'ouest africain depuis l'époque médiévale»

CLÁUDIO TORRES

- * «A civilização islâmica e o ocidente ibérico, a casa e o espaço familiar»

CHRISVARIA DELAIGUE

- * «Esthétiques villageoises»

FILIPA OSÓRIO CANDEIAS

- * «Apontamento acerca da mentalidade e expressão plástica Muçulmanas»

NEJAT DIYARBEKIRLI

- * «Les témoignages artistiques de l'influence turque à l'époque médiévale sur le pourtour orientale de la Méditerranée»

CHANTAL CHANSON-JABEUR

- * «Préservation des pratiques d'habiter dans les quartiers réhabilités de Tunis»

LUIS BADOSA CONILL

- * «Importancia de la luz mediterranea en la pintura catalana»

«Peuples , ethnies et organisation sociale dans la Méditerranée»

«Povos, etnias e organização social no Mediterrâneo»

ANNA PAPAMICHAEL

- * «Institutions of the Kinship in Greece»

REINHARD WITTE

- * «The role of women in Minoan Crete and Mycenaean Greece»

CHRISTIAN LEBLANC

- * «Isis-Nofret, une grande épouse méconnue de Ramsès II»

BOJAN BASKAR

- * «The Place of the School in the Roman "Savage Mind"»

CHRISTIAN DUPUY

- * «Origine de la mise en place d'une aristocratie berbère au sud du sahara: une contribution à l'histoire ancienne des Touareg»

ELSAYED ABDELAZIZ SALEM

- * «Algunos aspectos de la vida social en Al-Andalus en el siglo X a través las representaciones humanas en las cajas de marfil»

FOUAD ZAIM

- * «Le Maroc et son Espace Méditerranéen ou les âges successifs de la Méditerranée marocaine»

MARIE FRANCE GODFROY

- * «Les juifs de la sénéchaussée à la veille de l'expulsion de 1306»

ANTÓNIO LOSA

- * «A Paisagem Humana no «Itinerário» de Frei Pantaleão de Aveiro»

MARCEAU GAST

- * «Les sociétés touarègues entre l'asphyxie et la révolte»

SOPHIE FERCHIOU

- * «Parenté, alliance et patrimoine en Tunisie»

JORGE MANUEL ANJOS FRAGOSO

- * «Integração económica e social no Magrebe Central»

LEONARD MARS

- * «From village to suburb: from cooperation to individualism»

«Identité(s) Méditerranéenne(s)»

«Identidade(s) Mediterrânea(s)»

NADAV KASHTAN

- * «Joppa entre Grecs, Juifs et Romains: la rencontre dans une ville maritime de la Palestine hellénistique et romaine»

SÉRGIO PEREIRA BENTO

- * «A Unidade Mediterrânica na ocupação humana do SW Ibérico-Atlântico – Abordagem Histórico-antropológica»

ALEXANDER LAPASIC

- * «Mediterranean Island Identity»

MICHEL MOLLAT DU JOURDIN

- * «La Méditerranée, stimulatrice ou victime des grandes découvertes océaniques»

MARTHINUS OLIVEIRA VAN SCHOOR

- * «Ortega y Gasset's Identification of Mediterranean Man»

DAHO DJERBAL

- * «Discours identitaire entre intégrisme culturel et intégrisme religieux»

ABDELHADI TAZI

- * «La Méditerranée en tant que base pour l'établissement de la paix»

ÂNGELA GUIMARÃES

- * «Identidade, História e Cooperação»

RIDHA TLILI

- * «La Méditerranée: un puzzle à compléter»

APRESENTAÇÃO

MEDITERRÂNEO será uma publicação semestral que versará temas sobre os países do Mediterrâneo. Os três primeiros números – que deverão sair com pouco intervalo entre eles até Março de 1993 – serão dedicados às comunicações do Iº CONGRESSO MEDITERRÂNICO DE ETNOLOGIA HISTÓRICA – A IDENTIDADE MEDITERRÂNICA organizado na Fundação Gulbenkian de 4 a 8 de Novembro de 1991 por iniciativa do Instituto Mediterrânico da Universidade Nova de Lisboa e cuja abordagem temática foi fixada, expressamente sem rigor, para as épocas anteriores ao classicismo greco-romano.

Entrada no ritmo normal, o seu conteúdo será pluridisciplinar e sobre a actualidade, abarcando a Etno-Sociologia, a Demografia e as Migrações, a Economia, a Ecologia, a Política e a Geostratégia, sob a fórmula de números temáticos com 30% do espaço dedicado a conteúdos diversos. Incidirá particularmente sobre os cinco países europeus do Mediterrâneo Ocidental (Portugal, Espanha, França, Itália e Malta) e os cinco países do Magrebe (Mauritânia, Marrocos, Argélia, Tunísia e Líbia); privilegia-se esta área geográfica por vermos aqui uma determinada estrutura política internacional com uma comunhão de interesses mas também para evitar a dispersão e a fluidez. Prevê-se uma intensa colaboração de especialistas destes países. Os textos serão publicados na língua dos autores (português, espanhol, francês e italiano) com resumos em árabe ou em francês. A equipa redactorial está em vias de constituição tal como a dos consultores científicos.

MEDITERRÂNEO porquê e para quê?

Antes do Iº Congresso Mediterrânico seria impossível projectar em Portugal uma revista para esses temas. Predominava entre nós o discurso sobre as «nossas raízes celtas» escorado pelo anti-semitismo pós-medieval e que revigorou com o pan-germanismo do séc. XX. Seguiu-se o discurso da «nossa identidade atlântica» introduzido pelos poetas do nosso século, apoiado pela fobia popular anti-castelhana, como se não fôssemos ibéricos ao mesmo título que os Espanhóis; «atlânticos» simplesmente porque o mar que banha a nossa costa se chama Atlântico – como se os

Ingleses, os Americanos, os Marroquinos e os Angolanos não fossem «atlânticos» e como se os Indonésios fossem «pacíficos». Hoje já não temos dificuldade em referir que a identidade dos Portugueses é comum à dos povos mediterrânicos, tanto mais não seja porque somos ibéricos. Nos documentos preparatórios do Congresso dissemos que a identidade colectiva estabelece-se no confronto com os outros, a partir dum feixe de valores objectiváveis: língua, religião, modelos familiares e educativos, conceitos económicos e racionalidade política, fórmulas de sociabilidade, arte e produções populares de vária ordem. Uma identidade não é auto-atribuída, são os «outros» que identificam o «nós». O discurso da identidade auto-atribuída é um devaneio mítico e uma mistificação. Todos os outros povos atribuem aos Portugueses a identidade mediterrânica a começar pelos sul-europeus e pelos magrebinos. A identidade dos Portugueses é mediterrânica desde o mais remoto espólio arqueológico. O que se passou é que os Portugueses esqueceram. As conjunturas políticas do fim da Idade Média, a guerra pela hegemonia política da região e os consequentes desaires que ela provocou por um lado, a epopeia das descobertas, o Império colonial e a deslocação dos interesses mundiais para o Novo Mundo, por outro, fizeram com que os Portugueses esquecessem no discurso as suas referências identitárias.

Sabe-se dos manuais escolares que o Mediterrâneo foi o cadinho da civilização actual e o pólo difusor das artes, da filosofia, das ciências, das técnicas e da economia capitalista, até ao séc. XVI. Depois entrou em declínio. Os Portugueses foram os primeiros a abandoná-lo ao abrir os caminhos do Novo Mundo cuja ordem político-económica dominou a Europa e o Planeta até à constituição da Comunidade Europeia na qual os Sul-europeus predominam em número. Reduzido à situação de Velho Continente e ao seu pequeno espaço sem tentáculos coloniais nem novos espaços para descobrir, o mundo mediterrânico reencontra os velhos conflitos entre os vizinhos das duas margens do Mar Interior, ainda e sempre os mesmos conflitos: assimetrias económicas, pressão demográfica, proselitismos religiosos, supervalorização da identidade, medo ou ciúme dos outros... águas que pareciam mortas e que num ápice se tornam vagas de fundo. Sempre assim foi o Mediterrâneo desde que o conhecemos, desde há quatro ou cinco milénios.

Haverá poucas regiões no mundo onde as raças e os sangues se misturaram e as culturas se fecundaram de modo tão natural. As religiões que os Mediterrânicos fundaram e difundiram pelos quatro pontos do Planeta são exclusivistas e todas apregoaram a guerra santa mas, como se nada fosse, sempre dizem que os seus fundadores toleraram a religião dos outros, e, assim, acabam por coexistir em boa-vizinhança. Também os mitos respectivos incluem ciúmes entre filhos eleitos e preteridos, comportamentos incestuosos entre divindades, derrubes de anjos, traições e vindictas, anátemas e inflacção verbal, com uma sucessão ininterrupta de reformadores iluminados na esteira dos quais tudo se transforma. Entretanto, mudadas as fronteiras, as leis e as verdades eternas (quantas vezes pela força e pelos métodos do genocídio), não deixam as culturas de ser o que eram – como por milagre dos demónios.

O Mediterrâneo foi o genuíno berço das religiões reveladas com vocação universal e dos impérios que dominaram o mundo, tal como a matriz das filosofias e

dos cânones artísticos actualmente em voga. Mas foi também alfobre de viajantes, peregrinos e emigrantes. E isto explica aquilo: a grande proeza do Homem mediterrânico, permanente milagre humano, é a mobilidade e a capacidade de fusão e de adaptabilidade da sua cultura aos povos que os seus viajantes e emigrantes descobrem.

Mas urge reinventar o Mediterrâneo. «A evolução do Planeta, a crescente complexidade dos problemas, a rapidez dos meios de comunicação, os perigos que ameaçam sem distinção todos os ribeirinhos do Mediterrâneo, são outros tantos factores que devem levar estes últimos – governantes e povos – a repensar as suas relações identitárias, a pôr mais acento sobre o que têm de comum e que pode uni-los de preferência ao que os distingue e os pode dividir e lançar uns contra os outros». Os Magrebinos não exigem mais do que serem tratados de *partenaires* pelos Sul-europeus, parceiros económicos, vizinhos ao mesmo título que os do Norte, sem fobias nem assistencialismos que remetem para o passado.

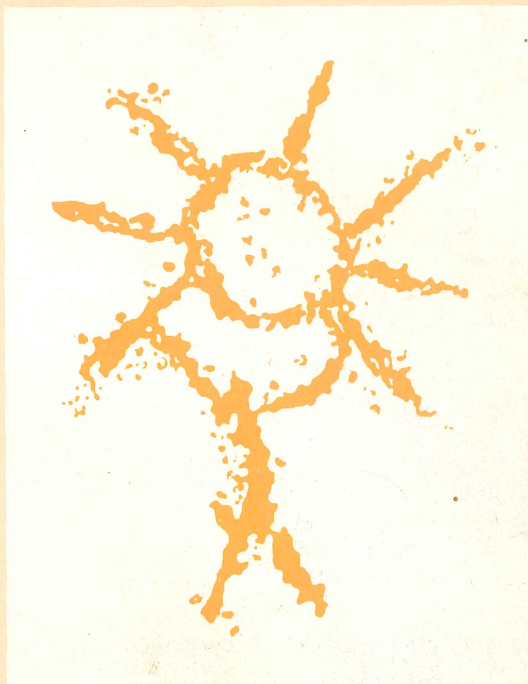
A revista MEDITERRÂNEO inscreve-se nesse programa, redescobrir e reinventar o nosso mundo. Será pioneira na sua área (como o foi a equipa do INSTITUTO MEDITERRÂNICO com a organização do Iº Congresso) apenas precedida na Europa do Sul e no Magrebe por experiências sectoriais ou um tanto diversas que teremos ocasião de apresentar. Missão possível? De facto o tempo dos profetas passou e não prometemos milagres porque não os sabemos fazer; mas confiamos na máxima latina segundo a qual *o trabalho insaciável tudo vence*. Oxalá.

M.E.S.

1. *La Méditerranée Reinventée, réalités et espoirs de la coopération*, sous la direction de Paul Balta, Paris, La Découverte/Fondation René Seydoux, 1992.

CONGRÈS MÉDITERRANÉEN D'ETHNOLOGIE HISTORIQUE

L'identité méditerranéenne



4 - 8 novembre 1991

À la Fondation Calouste Gulbenkian

Lisbonne

Initiative de

INSTITUTO MEDITERRÂNICO

(Lisbonne)

La source est là, dans l'espace méditerranéen, la source profonde de la haute culture dont notre civilisation se réclame. Et je ne parle pas ici du cadre fondamental qu'impose à notre vision du monde le système religieux monothéiste dont on a déjà vu qu'il s'était formé aux abords de la mer intérieure et propagé depuis ses rivages. Je parle de cette part profane de la culture [...]

Depuis des siècles, l'Europe puise ainsi dans les ressources de culture que la Méditerranée propose, inépuisables, à sa convoitise. Elle dévaste, dépouille les monuments, les réserves de livres, peu à peu dilapidées, pourtant d'une telle abondance que tout chercheur avisé peut encore aujourd'hui découvrir là des merveilles épargnées.

[...] Véhémence du soleil qui dévore les couleurs, véhémence des parfums du jardin d'Adonis, véhémence du vent et de l'orage sur la pierre sèche et les buissons noirs, dans un pays sévère, gris et blanc, érigeant ses cippes dans le silence et la solitude au bord d'une mer sombre et parcimonieuse, et qui enseigne le dénuement.

(Georges Duby, in *La Méditerranée — les Hommes et l'Héritage*, Paris, Champs-Flammarion, 1986, pp. 192 et 216.)

Complexe, encombrant, hors série... le monde méditerranéen échappe à nos normes et à nos catégories. De lui, inutile de vouloir écrire l'histoire simple inutile de vouloir dire, à son propos, les choses bonnement, comme elles se sont passées.

F. Braudel, *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, Paris, A. Colin, 1976, p. 16

L'INSTITUTO MEDITERRÂNICO, Centre d'Etudes du Département de Sociologie de la Faculté de Sciences Sociales et Humaines de l'Université Nouvelle de Lisbonne a pour objectifs la promotion et la diffusion d'études sur la Sociologie, l'Ethnologie, l'Archéologie, l'Histoire et les langues méditerranéennes. Pour initier sa vocation, il organisera du 4 au 8 Novembre 1991, à la Fondation Calouste Gulbenkian (Lisbonne) le 1er Congrès Méditerranéen d'Ethnologie Historique, initiative d'autant plus actuelle qu'elle s'inscrit dans les préoccupations de l'Occident de plus en plus attentif aux cultures et aux mouvements du Bassin Méditerranéen. Le Congrès s'intègre dans un programme d'échanges culturels du Groupe de Coopération de la Méditerranée Occidentale, constitué par les quatre pays de l'Europe Occidentale (Portugal, Espagne, France et Italie) et les cinq pays de l'Union du Maghreb Arabe (Mauritanie, Maroc, Algérie, Tunisie et Libye).

L'objectif de ce Congrès est de promouvoir une rencontre de spécialistes venant d'institutions universitaires et de recherche scientifique d'Europe, d'Afrique du Nord et du Proche-Orient. De nombreuses communications sont attendues et bienvenues, distribuées sur un éventail thématique orienté vers les époques pré-classiques et l'identité méditerranéenne. Les communications seront ensuite publiées par la Fondation Calouste Gulbenkian.

Ces thèmes suscitent un intérêt croissant chez les jeunes archéologues, ethnologues, sociologues et historiens du Portugal où ces débats sont inexistantes et où, souvent, les modernes méthodes scientifiques manquent.

Des expositions seront également organisées, notamment bibliographiques, sous l'orientation des institutions scientifiques qui soutiennent le Congrès.

É o espaço mediterrânico que constitui a origem profunda da elevada cultura de que a nossa civilização se reclama. E não me refiro ao quadro fundamental que o sistema religioso monoteísta impõe à nossa visão do mundo, que se formou nas cercanias do mar interior e se propagou ao longo da sua costa. Falo desta parte profana da cultura[...] Desde há séculos que a Europa se alimenta dos inesgotáveis recursos de cultura que o Mediterrâneo expõe à sua cobiça. Ela devasta os monumentos, despoja as reservas de livros que, a pouco e pouco dilapidadas, são, no entanto, de uma tal abundância que qualquer investigador experimentado pode, ainda hoje, descobrir maravilhas poupadas ao saque. [...] Veemência do sol que devora as cores, veemência dos jardins de Adónis, veemência do vento e das borrascas sobre as pedras secas e os negros silvados, numa região severa, cinzenta e branca, que eriga os seus cipos no silêncio da solidão à beira de um mar sombrio e parcimonioso que ensina o desprendimento.

(Georges Duby, in *O Mediterrâneo — Os Homens e a Herança*, Lisboa, Teorema, 1987, pp. 139 e 154.)

Complexo, embaraçoso, excepcional... o mundo mediterrânico escapa às nossas medidas e definições. Inútil é pretender escrever a sua história simples, como é inútil tentar escrever com simplicidade a seu respeito, contar singelamente como as coisas se passaram.

F. Braudel *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico*, Lisboa, Dom Quixote, 1983, I, p. 21

O INSTITUTO MEDITERRÂNICO, Centro de Estudos do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa tem por objectivos a promoção e difusão de estudos de Sociologia, Etnologia, Arqueologia, História e das línguas do Mediterrâneo. Para dar início à sua vocação organizará de 4 a 8 de Novembro de 1991, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, o 1.º CONGRESSO MEDITERRÂNICO DE ETNOLOGIA HISTÓRICA. Esta iniciativa é tanto mais actual quanto ela se inscreve no âmbito das preocupações do Ocidente que está cada vez mais atento às culturas e aos movimentos da Bacia do Mediterrâneo.

O Congresso integra-se num programa de intercâmbio cultural do Grupo de Cooperação do Mediterrâneo Ocidental constituído pelos quatro países da Europa Ocidental (Portugal, Espanha, França e Itália) e os cinco países da União do Magrebe Árabe (Mauritânia, Marrocos, Argélia, Tunísia e Líbia).

O objectivo prioritário deste Congresso é promover um encontro de especialistas vindos de instituições universitárias e de investigação científica da Europa, da África do Norte e do Próximo Oriente. Esperam-se numerosas comunicações, distribuídas por um vasto leque temático orientado sobretudo para as épocas pré-clássicas e a identidade mediterrânica. O texto das comunicações será publicado pelo Departamento de Ciência da Fundação Calouste Gulbenkian.

Estes temas suscitam cada vez mais o interesse dos jovens arqueólogos, etnólogos, sociólogos, linguistas e historiadores portugueses, tanto mais que os debates sobre o Mediterrâneo são inexistentes em Portugal onde também estão em falta, frequentemente, os modernos métodos científicos.

Serão também organizadas exposições, nomeadamente bibliográficas, sob o auspício das instituições científicas que apoiam o Congresso.

Suggestion thématique orientée vers la période pré-classique

- 01 L'Identité méditerranéenne
- 02 Sites archéologiques
- 03 Archéologie et Ethno-archéologie
- 04 Théories, méthodes et techniques de recherche
- 05 Les perspectives de l'Informatique
- 06 Analyse documentaire
- 07 Base de données
- 08 La représentation des connaissances
- 09 []

- 10 Peuples et ethnies de la Méditerranée
- 11 Anthropobiologie
- 12 []

- 20 Technologie et économie anciennes
- 21 Paléolithique
- 22 Élevage, agriculture, autres métiers
- 23 Céramologie
- 24 Industries amphoriques
- 25 Paléometallographie; outillages
- 26 Numismatique
- 27 Circuits d'échange
- 28 Migrations
- 29 []

- 30 Ecologie historique
- 31 Géomorphologie; sédimentologie
- 32 Ethno-botanique; archéozoologie
- 33 Ethno-histoire de la mer
- 34 Ethno-histoire des voyages maritimes
- 35 Archéologie navale et sub-aquatique
- 36 []

- 40 Villes et villages
- 41 Constructions mégalithiques
- 42 Architecture, techniques de construction
- 43 Habitat antique
- 44 Décor, mosaïque, peinture
- 45 []

- 50 Vie sociale
- 51 Famille et parenté
- 52 Vie sexuelle, relations hommes/femmes
- 53 Organisation sociale
- 54 Fêtes et rituels; phénomènes identitaires
- 55 []
- 60 Religion
- 61 Conceptions cosmogoniques et théologiques

- 62 Etno-histoire des dieux, des croyances et des rites
- 63 Textes sacrés et théologiques
- 64 Sanctuaires et sépultures
- 65 Histoire de la Bible
- 66 Judaïsme antique, maghrébin et séfarade
- 67 []

- 70 Langues et écritures anciennes
- 71 Langues sémitiques anciennes
- 72 Langues et écritures ougaritique, hébraïque, phénicienne et punique
- 73 Histoire de la langue grecque
- 74 Histoire de la langue latine
- 75 Histoire de la langue arabe
- 76 Epigraphie et papyrologie
- 77 Langues du monde berbère
- 78 Langues et écritures ibériques
- 79 []

- 80 Etno-histoire des sciences et de la philosophie
- 81 Médecine
- 82 Astronomie
- 83 Calendrier
- 84 Art ancien
- 85 Art musulman
- 86 []

- 90 Droits antiques
- 91 Organisations sociales et politiques
- 92 Organisations militaires
- 93 []

- 100 Conservation et restauration
- 101 Muséologie
- 102 []

- 110 []

digital Patrocinador geral

Inscription: envoyer une fiche avec nom, adresse, téléphone, télécopie, pays, institution et profession; si se propose ou non à faire une communication, indication de champs thématique et un résumé en 20/30 lignes.

Prix d'inscription jusqu'au 31 mai: Monnaie portugaise 20.000 Esc. Autres monnaies: équivalent à FF 800 ou US \$154. Jusqu'au 30 septembre (dernier délais): esc. 30.000. FF 1.200, US \$230. Transf. banq.: Instituto Mediterrânico, compte 024/20617/000/6 — Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa — Lisboa (Portugal) ou mandat postal international à Instituto Mediterrânico; à envoyer avec la fiche d'inscription. Le prix d'inscription comprend la publication des actes et des visites d'études à des sites archéologiques dans les environs de Lisbonne, pendant le Congrès. La banque officielle du Congrès c'est le BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA.

Patrocinador de Honra



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

I CONGRESSO MEDITERRÂNICO DE ETNOLOGIA HISTÓRICA

Sob o Alto Patrocínio da Secretaria
de Estado dos Negócios Estrangeiros
e da Cooperação

A IDENTIDADE MEDITERRÂNICA

A identidade colectiva define-se no confronto com os outros, tomando como termo de comparação um feixe de valores objectivos (língua, religião, modelos familiares e educativos, racionalidade económica e política, fórmulas de sociabilidade, arte popular e produções sociais de vária ordem). A identidade é estabelecida pelos outros; quando auto-atribuída redonda num devaneio mítico e numa mistificação. A personalidade dos Portugueses é idêntica à dos povos das duas margens do Mediterrâneo; os outros povos identificam os Portugueses como Mediterrânicos.



INSTITUTO MEDITERRÂNICO

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Av. de Berna 26 - C
1000 Lisboa — Portugal
Tel. direct (01) 76 01 57
Tel. (01) 793 39 19
Telefax (1) 797 77 59

Patrocinador

 PUBLICAÇÕES alfa

CONGRÈS MÉDITERRANÉEN D'ETHNOLOGIE HISTORIQUE

4 - 8 novembre 1991

À la Fondation Calouste Gulbenkian
Lisbonne

COMISSÃO DE HONRA COMITÉ D'HONNEUR

Adalberto Alves
António Gomes de Pinho
Francisco Lucas Pires
Joshua Ruah
Luis Morales
Maria de Lurdes Pintasilgo
Moisés Ayash
Natalia Correia
Pedro Roseta
Roberto Gulbenkian
Sam Levy
Suleiman Vally Mamede

CONSULTORES CIENTÍFICOS CONSEILERS SCIENTIFIQUES

Adalberto Alves
António Borges Coelho
Armando de Castro
Armando Coelho Ferreira da Silva
Caetano Maria de Mello Beirão
Carlos Tavares da Silva
Francisco J. S. Alves
João Luís Cardoso
Jorge Oliveira
Luís Filipe de Matos Raposo
Maria Conceição Rodrigues
Mário Moutinho
Miguel António Ramos
Miguel Pessoa
Otavio Veiga Ferreira
Panagiotis Sarantopoulos

COMITÉ DE PATROCINADORES MÉCÉNAT (en formation)

COMISSÃO ORGANIZADORA COMITÉ D'ORGANISATION

Coordenador
Moisés Espírito Santo

Adriana Freire Nogueira
Alexandra Correia
Ana Paula Albuquerque
Ana Paula Damas Fitas
Antonietta Garcia
António Alb. Figueira Alves
António Marcelino Valente
António M. Romeiro Carvalho
Bárbara Vieira de Almeida
Carlos Miguel Ferreira
Claudino Ferreira
Cristina Peixoto
Elvira Lobo
Fernanda Sampaio
Fernando Teixeira
Fernando Santos
Francisco Henriques
J. M. Zaluar N. Basílio
José Marques da Cruz

José Vieira Jordão
João Caninas
Jorge Estrela
Laura Cesana
Luís Falcão
Manuel A. Pechirra
Manuel Moura Fernandes
Margarida Fernandes
Maria Conceição Rodrigues
Maria Helena Roxo
Maria Helena Tirone
Maria José Duarte
Maria da Luz Santos
Maria Santa Montez
Mário Moutinho
Moisés Espírito Santo
Pedro M. C. Dinis de Sousa
Pedro da Silva Germano
Teresa Perdigão

COMISSÃO EXECUTIVA COMITÉ EXÉCUTIF

Moisés Espírito Santo
Carlos Miguel Ferreira
António Alberto F. Alves
Manuel A. Pechirra
Alexandra Correia
Maria José Duarte
João Caninas
Helena Tirone
Luís Falcão
Maria da Luz Santos
Ana Paula Damas Fitas

PROGRAMME

4 novembre

9 h — À la Fondation Calouste Gulbenkian, Av. de Berna, n.º 45, Lisboa:

ouverture du Secrétariat du Congrès aux participants pour la remise de la documentation et pour les présentations.

10 h — Ouverture solennelle du Congrès, par Monsieur le Président de la République Portugaise, docteur Mário Soares.

13 h — Déjeuner.

14 h 30 m — Début des travaux, jusqu'à 17 h 30 m.

Les 5, 6, 7 et 8, les travaux auront lieu de 9 h à 17 h 30 m, avec un intervalle pour le déjeuner (13 h à 14 h 30 m).

PROGRAMME CULTUREL

Parallèlement au Congrès il y aura (entre autres activités annoncées le moment venu):

- Visites à des sites archéologiques dans les environs de Lisbonne et au sud du Portugal.
- Spectacles et concerts, en soirée, avec des artistes venus de pays méditerranéens dans des locaux de grand prestige: le Théâtre S. Luís, cédé par la Ville de Lisbonne, et les salons de l'ancien Cinéma Tiwoli, cédé par l'entreprise propriétaire. Ces locaux sont aussi disponibles pour d'autres initiatives, à la demande des intéressés.
- Cycle de cinéma méditerranéen dans d'autres salles.
- Sont aussi prévues des expositions d'art et d'artisanat, ainsi que bibliographiques, à l'initiative des libraires portugais et des institutions scientifiques qui participent au Congrès.

PROGRAMME SOCIAL

Le programme social détaillé sera communiqué aux participants en temps opportun.

Sous le Haut Patronage de Monsieur le Secrétaire d'État
aux Affaires Etrangères et à la Coopération du Portugal

Avec l'appui de:

ACADÉMIE DES INSCRIPTIONS ET BELLES-LETTRES
Institut de France — Paris (France)
• Cabinet d'Égyptologie
• Centre de Recherche d'Histoire Maritime

ANTIQUITÉS AFRICAINES (CNRS)
Université de Provence — Aix-en-Provence (France)

ASSOCIATION ARABE DE SOCIOLOGIE
Tunis (Tunisie)

ASSOCIATION DES ÉTUDES INTERNATIONALES
Tunis - Belvédère (Tunisie)

ASSOCIATION INTERNATIONALE DE SOCIOLOGIE
Com. de Recherche 22 — Sociologie de la Religion
Rome (Italie)

ASSOCIATION PALÉORIENT
Laborat. de Paléontologie des Vertébrés et de Paléontologie Humaine
Paris (France)

ASSOCIATION PER LA STORIA SOCIALE DEL MEZZOGIORNO E DELL'AREA
MEDITERRANEA
Potenza (Italie)

AWAL, CAHIERS D'ÉTUDES BERBÈRES
Centre d'Études et de Recherches Amazigh (CERAM)
Paris (France)

CENTRE D'ANTHROPOLOGIE DES SOCIÉTÉS RURALES (CNRS)
École des Hautes Études en Sciences Sociales — Toulouse (France)

CENTRE CAMILLE JULLIAN
Archéologie du Sud-Est de la France et de la Méditer. Occidentale (CNRS)
Aix-en-Provence (France)

CENTRE DE DOCUMENTATION SUR LA TUNISIE ET LE MAGHREB
Tunis (Tunisie)

CENTRE D'ETHNOLOGIE FRANÇAISE
Musée National des Arts et Traditions Populaires
Paris (France)

CENTRE D'ÉTUDES ARCHÉOLOGIQUES MÉDITERRANÉENNES (CNRS)
Université de Paris IV - Sorbonne — Paris (France)

CENTRE JEAN DUPLACY POUR L'ÉTUDE
DES MANUSCRITS DE LA BIBLE
Montpellier (France)

CENTRE LOUIS GERNET DE RECHERCHES COMPARÉES
SUR LES SOCIÉTÉS ANCIENNES (CNRS)
École des Hautes Études en Sciences Sociales — Paris (France)

CENTRE NATIONAL D'ÉTUDES HISTORIQUES
Ministère de la Culture et du Tourisme — Alger (Algérie)

CENTRE PIERRE PARIS
Université de Bordeaux III — Talence (France)

CENTRE RECHERCHES ARCHÉOLOGIQUES (CNRS)
Meudon (France)

CENTRE DE RECHERCHE SUR LA GEOGRAPHIE HISTORIQUE
DES PAYS DE LA MÉDITERRANÉE OCCIDENTALE
Université Paul Valéry — Montpellier (France)

CENTRE DE RECHERCHE INTERDISCIPLINAIRE
D'ARCHÉOLOGIE ANALYTIQUE
Université de Bordeaux III — Talence (France)

CENTRE DE RECHERCHES SUR LA LIBYE ANTIQUE
Université de Paris IV - Sorbonne — Paris (France)

COLLÈGE DE FRANCE
Paris (France)

• Chaire d'Histoire des Sociétés Médiévales
• Institut d'Études Sémitiques

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL PARA A PAZ NO MEDITERRANEO
Lisbonne (Portugal)

CURRENT ANTHROPOLOGY
Brunel University — Uxbridge (Angleterre)

DEPARTEMENT ANTIQUITÉS ÉGYPTIENNES
Musée du Louvre — Paris (France)

DEPARTEMENT D'ÉTUDES HEBRAÏQUES
Université de Paris VIII — Saint-Denis (France)

DEPARTMENT OF SOCIOLOGY & ANTHROPOLOGY
University College of Swansea — Swansea (Angleterre)

DEUTSCHE GESELLSCHAFT FÜR VOLKSKUNDE
Bremen (Allemagne)

ÉCOLE NORMALE SUPÉRIEURE EN LETTRES ET SCIENCES HUMAINES
Alger (Algérie)

FACULTÉ DES LETTRES ET DES SCIENCES HUMAINES
Souissi - Rabat (Maroc)

FACULTÉ DES LETTRES ET DES SCIENCES HUMAINES
Tunis (Tunisie)

FONDATION ARCHEVÊQUE MAKARIOS III
Nicosia (Chypre)

FONDATION NATIONALE POUR LA TRADUCTION, L'ÉTABLISSEMENT
DES TEXTES ET LES ÉTUDES BEIT-AL HIKMA
Tunis (Tunisie)

FONDATION RENÉ SEYDOUX POUR LE MONDE MÉDITERRANÉEN
Paris (France)

GROUPE DE RECHERCHE SUR L'AFRIQUE ANTIQUE
Université Paul Valéry — Montpellier (France)

GROUPEMENT DE RECHERCHE "MÉTHODES D'ÉTUDE DES SÉPULTURES"
(CNRS)
Paris (France)

INES DE LANGUE ET LITTÉRATURE ARABE
Tizi-Ouzou (Algérie)

INSTITUT D'ÉTUDES TURQUES
Université de la Sorbonne Nouvelle — Paris (France)

INSTITUT D'ESTUDIS BALEARICS
Palma de Mallorca (Baléares)

INSTITUT FRANÇAIS D'ÉTUDES ANATOLIENNES
Beyoglu-Istanbul (Turquie)

INSTITUTO DE COOPERACION CON EL MUNDO ARABE
Madrid (Espagne)

INSTITUTO LUSO-ÁRABE PARA A COOPERAÇÃO
Lisbonne (Portugal)

INSTITUTO LUSO-LÍBIO PARA A COOPERAÇÃO E AMIZADE
Lisbonne (Portugal)

INSTITUT NATIONAL D'ARCHÉOLOGIE ET DES ARTS
Tunis (Tunisie)

• Centre d'Études Phéniciennes, Puniques et des Antiquités Libyques

INSTITUTO OCCIDENTAL DE CULTURA ISLAMICA
Madrid (Espagne)

INSTITUT DE PRÉHISTOIRE ORIENTALE (CNRS)
Berris (France)

INSTITUT DE RECHERCHE SUR L'ARCHITECTURE ANTIQUE (CNRS)
Aix-en-Provence (France)

INSTITUT UNIVERSITAIRE DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE
Université Mohammed V — Rabat (Maroc)

INTERNATIONAL ACADEMIC PROJECTS
Summer Schools — London (Angleterre)

INTERNACIONAL UNION OF ANTHROPOLOGICAL AND
ETHNOLOGICAL SCIENCES
University College of North Wales — Bangor (Angleterre)

ISRAEL ACADEMY OF SCIENCES AND HUMANITIES
Jerusalem (Israël)

ISTITUTO DI STUDI E PROGRAMMI PER IL MEDITERRANEO (ISPRM)
Sassari (Italie)

ISTITUTO DE GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA
DELL'UNIVERSITA DEGLI STUDI
Triesti (Italie)

ISTITUTO ITALIANO PER GLI STUDI STORICI
Napoli (Italie)

LABORATOIRE D'ARCHÉOLOGIE
Groupe de Recherche sur l'Armée Romaine et les Provinces (CNRS)
Paris (France)

LABORATOIRE D'ETHNOLOGIE MÉDITERRANÉENNE ET COMPARATIVE (CNRS)
Université de Provence (France)

LABORATOIRE DE PRÉHISTOIRE
MÉDITERRANÉENNE ET RHODANIENNE (CNRS)
Montpellier (France)

LABORATOIRE DE PRÉHISTOIRE DU MUSÉUM
NATIONAL D'HISTOIRE NATURELLE (CNRS)
Paris (France)

MAISON DE LA MÉDITERRANÉE
Aix-en-Provence (France)

• Institut de Recherches et d'Études sur le Monde Arabe et Musulman — IREMAM (CNRS)

• Centre de Recherches et d'Études sur les Sociétés Méditerranéennes (IREMAM)

• Groupe de Recherche et d'Études sur le Proche-Orient (IREMAM)

• Laboratoire d'Anthropologie et de Préhistoire des Pays de la Méditerranée Occidentale (IREMAM)

MAISON DE L'ORIENT MÉDITERRANÉEN
Lyon (France)

• Centre de Recherche sur le Monde Arabe Contemporain (CNRS)

• Ethnoarchéologie du Proche-Orient (CNRS)

• Centre Jacob Spon (CNRS)

• Centre Jean Palerne (CNRS)

• Groupe de Recherche sur le Moyen-Orient (CNRS)

• Institut d'Architecture Orientale (CNRS)

• Institut d'Égyptologie Victor Lorent (CNRS)

• Laboratoire de Céramologie (CNRS)

MEDITERRANEAN HISTORICAL REVIEW
Arnan School of History — Tel-Aviv (Israël)

MUSÉE D'HISTOIRE DE MARSEILLE
Marseille (France)

NATIONAL MARITIME MUSEUM
Haifa (Israël)

REVUE ARCHÉOLOGIQUE DE NARBONNAISE
Arts, Lettres, Langues et Sciences Humaines
Université Paul Valéry — Montpellier (France)

UNIVERSITÉ D'ALGER-CENTRE
Alger (Algérie)

UNIVERSITY OF BRISTOL
Department of Classics & Archaeology
Bristol (Angleterre)

UNIVERSITY OF LEEDS
School of History
Leeds (Angleterre)

UNIVERSITY OF NEWCASTLE UPON TYNE
Department of Archaeology
Newcastle (Angleterre)

UNIVERSITÉ D'ORAN ES-SENIA
Es-Senia/Oran (Algérie)

UNITÉ DE FORMATION ET DE RECHERCHES
Université de Paris VII
Paris (France)

TIERS MONDE AFRIQUE: LES SOCIÉTÉS DANS LEUR HISTOIRE ET LEUR ENVIRONNEMENT
Université de Paris VII
Paris (France)

3^{ème} Circulaire